

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Marcelo Fernando Gonzalez Da Costa

**AS REPERCUSSÕES DA POLÍTICA EXTERNA ARGENTINA DO
PRIMEIRO GOVERNO PERÓN (1946-1952) NA IMPRENSA SUL-RIO-
GRANDENSE**

São Leopoldo, fevereiro 2004.

Ficha Catalográfica

G643r González da Costa, Marcelo Fernando
As repercussões da política externa Argentina do primeiro
Governo Perón (1946-1952) na imprensa Sul-Rio-Grandense /
por Marcelo Fernando González da Costa. – 2004.
167 f. ; 30cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2008.
“Orientação: Prof. Dr^a. Heloisa Jochims Reichel, Ciências
Humanas ”.

1. História – Argentina – Peronismo. 2. Política – Argentina –
História. 3. História – Argentina – 1946 – 1955 . 4. Imprensa –
Política – História – Governo Perón. Título.

CDU 32(82)(091)

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Camila Rodrigues Quaresma - CRB 10/1790

Una tibia mañana de noviembre en el año 1972, regresaba a la Argentina Juan Domingo Perón. Mi papá me llevó bien tempranito al acto que se realizaba en Plaza de Mayo para ver al “General”. En el tren, mientras los muchachos cantaban la Marcha Peronista, me iba contando la historia del hombre al que íbamos recibir. A vos, contador de historias, te dedico este trabajo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Heloisa Jochims Reichel, pela dedicação e a compreensão com a qual conduziu este trabalho.

Ao professor Dr. Werner Altmann pelas descontraídas e politematicas conversas de gabinete e pela sua insistência para o estudo de temáticas latino-americanas.

À minha esposa Claudia, sempre amiga e companheira, renunciando a inúmeros finais de semanas com amor e compreensão, a minha mãe La Chochita, pela torcida distante.

Não poderia deixar de manifestar minha gratidão a minhas hermanitas de caminhada, que acreditaram em mim com fanatismo religioso: Angelita de Moura Brizola, Daniela Campos.

À CAPES sou grato pela bolsa flexibilizada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. TRAJETÓRIA DA POLÍTICA EXTERNA ARGENTINA NA ANTE-SALA DO PRIMEIRO GOVERNO PERÓN	17
1.1. As relações pendulares entre Brasil e Argentina.....	23
1.2. Argentina – Estados Unidos: o início de uma longa discordância.....	34
2. OS REFLEXOS ECONÔMICOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA ARGENTINA PERONISTA.....	52
2.1. A estrutura econômica argentina no Pós-Guerra	72
3. A POLÍTICA EXTERNA PERONISTA ATRAVÉS DA IMPRENSA.....	84
3.1. Os primeiros movimentos dogoverno e a percepção jornalística “por inércia” da política externa argentina	87
3.2. Terceira Posición: os novos rumos da política externa argentina e a percepção jornalística positiva.....	106
3.3. De Bogotá a Washington: as vicissitudes de uma política exterior independente.....	127
CONCLUSÃO.....	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	153

RESUMO

Esta dissertação analisa as repercussões da política externa do primeiro governo de Juan Domingo Perón (1946-1952), na imprensa do Rio Grande do Sul. Pretendemos compreender como era percebida a política externa Argentina: um país cultural e geograficamente próximo do Estado do Rio Grande do Sul porem, tão afastado da nação brasileira, se consideramos suas diferenças históricas escravista e imperial.

Por outro lado, o posicionamento que a política externa brasileira adotou no pós-guerra de aproximação e concordância com os Estados Unidos, chocava frontalmente com a proposta autônoma e de confronto com os interesses norte-americanos que a Argentina adotou no período. Assim, nossa atenção recairá no trinômio Argentina -Brasil -Estados Unidos.

Para tanto, utilizamos como fonte documental, dois jornais sul-riograndenses. Eles são: o Diário de Noticias e o Correio do Povo. A partir destas fontes jornalísticas pretendemos analisar as repercussões da política externa Argentina, identificando e discutindo a avaliação que os jornais do Rio Grande do Sul faziam das manifestações diplomáticas argentinas.

Metodológica, dividimos nosso trabalho em três capítulos: No primeiro abordamos a historia das relações exteriores Brasil- Argentina- Estados Unidos. No segundo, as mutações econômicas a partir da Segunda Guerra Mundial e suas conseqüências no direcionamento da política externa Argentina. Por ultimo, nosso terceiro capitulo analisa as fontes estabelecendo relações e confrontando-as com a bibliografia e documentação pesquisada.

ABSTRACT

This text analyzes the repercussions of the external politics of the first government of Juan Domingo Perón (1946-1952), in the press of Rio Grande do Sul. Intends to understand as she was perceived the external politics Argentina: a cultural country and geographically next to the State of the Rio Grande Do Sul to put, so moved away from the Brazilian nation, if we consider its historical differences between slave period and imperial. On the other hand, the positioning that the Brazilian external politics adopted in the postwar period of approach and agreement with the United States, shocked with the proposal independent and of confrontation with the North American interests that Argentina adopted in the period. Thus, our attention will fall again into the trinômio Argentina - Brazil - United States. For in such a way, we use as documentary source, two periodicals sul-rio-grandenses. They are: Daily of the News and the Post office of the People. To leave of these journalistic sources we intend to analyze the repercussions of the external politics of Argentina, identifying and arguing the evaluation that the periodicals of the Rio Grande Do Sul made of the Argentine diplomatical manifestations. In method, we divide our work in three chapters: In the first one we approach the history of the foreign affairs Brazil, Argentina and United States. In as, the economic mutations from the Second World War I and its consequences in the aiming of the external Argentina politics. For I finish, ours third I capitulate analyzes the sources establishing relations and collating them with the bibliography and searched documentation.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação focaliza as repercussões¹ da política externa argentina na imprensa do Rio Grande do Sul durante o primeiro governo de Juan Domingo Perón (1946-1952). Interessa-nos saber como um estado cultural e geograficamente tão próximo da Argentina, mas com um passado calcado nas disputas fronteiriças, percebia a política externa de uma nação que estava imersa num processo de transformação² político-social sem precedentes na sua história.

O primeiro governo Perón que cronologicamente começa em 1946, tem suas raízes no governo militar que o antecede. O presidente argentino herdava, do ponto de vista econômico, o ideal de uma nação industrial dirigida através de políticas estatais, o que era uma constante no pensamento militar do período. Por outro lado, o principal espólio da ditadura militar foi seu posicionamento na política externa: neutralista, autônoma e em total desarmonia com os Estados Unidos, com o qual tinha batido frontalmente, tanto no campo político, quanto no econômico.

Estes antecedentes permitem compreender nosso interesse no período, dada a magnitude dos desafios de Perón ao assumir seu governo em 1946. Era um governo constitucional que estava ligado historicamente a um passado golpista, autoritário, nacionalista e, inclusive, nazi-fascista, na avaliação da maioria dos funcionários norte-americanos da época.

Por outro lado, a condição econômica do país não era desfavorável, se

¹ Utilizamos o termo na sua acepção de “ecoar”, “fazer sentir”, “reproduzir, refletir”

² Para aprofundar esta temática ALTAMIRANO, Carlos. **Bajo el signo de las masas** (1943-1973). Buenos Aires: Ariel, 2001. DI TELLA, Torcuato S. **Industria y política**. Buenos Aires: Norma, 1993. GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. **El ciclo de la ilusión y el desencanto: un siglo de políticas económicas argentinas**. Buenos Aires: Ariel sociedad económica, 1999 MACKINNON, Moira. **Los años formativos del partido peronista** (1946-1950). Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores de la Argentina, 2002.

consideramos a necessidade de alimentos da Europa em reconstrução no período pós-guerra, e o saldo comercial favorável durante o período de guerra, fruto das exportações durante o conflito. Esta aparente bonança, aliada a fatores históricos, as quais abordaremos no decorrer do trabalho, direcionou a política externa argentina no sentido da autonomia nos assuntos interamericanos e internacionais.³

Outra característica que nos levaram a escolher o primeiro governo Perón foi a continuidade que deu à sua política externa, orientada sob o princípio da independência e autonomia. Esta, expressava claramente, a percepção que o governante fazia do país que acreditava forte e em condições de postular a autodeterminação. Perón, afeto aos discursos pomposos, proclamava posições e objetivos que tinham pretensões internacionais. Exemplo disto é a Terceira Posição Justicialista, uma doutrina que tinha como princípio a equidistância entre os dois pólos de poder surgidos no pós-guerra. Embora a política externa peronista tivesse objetivos manifestamente internos, que era o de angariar as simpatias nacionalista e catalisar em torno do governo os diferentes setores da população argentina, sua repercussão externa contribuiria, num primeiro momento, para consolidar a posição Argentina no mundo e principalmente na América Latina.

Este posicionamento autônomo da política externa argentina acompanharia Perón ate sua derrocada em 1955⁴, metade de seu segundo mandato. No entanto, percebemos que o ápice da rebeldia e do comportamento

³ LLACH, Lucas; GERCHUNOFF, Pablo. **El ciclo de la ilusión y el desencanto: un siglo de políticas económicas argentinas**. Buenos Aires: Ariel, 2001. LANÚS, Juan Archibaldo. **De Chapultepec al Beagle: Política Exterior Argentina (1945-1980)**. Buenos Aires: EMECÉ Editores, 1984. ESCUDÉ, Carlos. **Gran Bretaña Estados Unidos y la declinación Argentina (1942-1949)**. Buenos Aires: Editorial Belgreano, 1998

⁴ Apesar do comportamento ambíguo que caracterizou seu segundo governo (1952-1955) sua política externa, ao menos em palavras continuava sob as bases dos enunciados da *Tercera Posición*.

desafiante à nação hegemônica, que na época era indiscutivelmente os Estados Unidos, ocorreu, principalmente, no período do primeiro mandato peronista.

O espaço sul-americano era de vital importância para executar os planos de independência econômica argentina, já que, terminada a guerra, se constituía em uma alternativa comercial considerável, principalmente se consideramos a complementaridade econômica Brasil-Argentina. Aqui reside outro elemento que justifica a temática escolhida, uma vez que durante este período o Brasil tinha um posicionamento dissímil ao adotado por Perón. O governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1950), herdava do governo Vargas a “teoria falaciosa” de aliado especial dos Estados Unidos, e esperava, depois de ter se envolvido diretamente na Segunda Guerra Mundial compensações práticas do governo do país do norte⁵.

As posições políticas de Argentina e do Brasil nos anos 1940 com respeito aos Estados Unidos determinou que ambos acrescentassem, a sua longa lista de desencontros, uma nova disputa. Esta triangulação- Argentina – Brasil – Estados Unidos- e suas inter-relações se evidenciavam, principalmente, nas Conferências Interamericanas e nos encontros, tanto bilaterais quanto multilaterais que se constituíram em verdadeiros campos diplomáticos de batalha, já que nelas, as nações debatiam e expunham seus projetos e concepções e, na medida em que cada uma queria que prevalecesse seu ponto de vista, mediam e confrontavam suas forças.

Nesse quadro da política externa argentina que se apresentava conflituoso, se levarmos em consideração as relações Brasil-Argentina e Argentina –Estados Unidos, nos interessa analisar quais eram as representações que se faziam da mesma na imprensa sul-rio-grandense.

⁵ ALMEIDA, Paulo Roberto de. **A diplomacia do liberalismo econômico em sessenta anos de política externa brasileira** (1930-1990). São Paulo: Cultura Editora Associados, Centro de pesquisas internacionais da USP, 1996.

A política exterior peronista despertava curiosidade na imprensa gaúcha, dada a proximidade geográfica e cultural da Argentina com o Brasil e especialmente com o Rio Grande do Sul. Devemos considerar que neste período as notícias de política internacional despertavam interesse nos leitores que tinham acompanhado durante anos o andamento de uma guerra em proporções mundiais. Os grandes espaços que a imprensa nacional do período oferecia para aquele tipo de informação evidenciam sua importância. Isto não era diferente com relação à política externa argentina, que era acompanhada com curiosidade pelos jornais gaúchos. Para eles a figura de Perón não era uma novidade, seu nome circulava nas manchetes desde 1943

Em relação à temática escolhida para analisar, levantamos, como principais problemas, as seguintes questões: como Perón passaria a ser representado a partir de 1946 quando inaugura seu governo constitucional? Como seria feita a avaliação da política externa Argentina, considerando que o presidente Dutra adotava uma política condescendente com os Estados Unidos? Por último nos perguntamos: Qual seria a avaliação jornalística dos postulados da Tercera Posición que passava pela total autonomia e a equidistância dos centros de poder?

As respostas a estes questionamentos passam pela análise do corpus documental que nos propomos fazer. Para nós, as fontes jornalísticas são de fundamental importância já que pretendemos analisar as repercussões da política externa argentina, identificando e discutindo a avaliação que os jornais do Rio Grande do Sul faziam destas manifestações argentinas. Levaremos em consideração que o jornal não é uma fonte neutra ou objetiva, estando permeada pela ideologia do grupo que a constitui. Neste sentido, concordamos com Maria Helena Capelato quando afirma que o jornal:

“ (...) não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível por que permeada pela subjetividade. A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar

o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. A análise desse documento exige que o historiador estabeleça um constante diálogo com as múltiplas personagens que atuam na imprensa de uma época."⁶

Dessa forma, se faz necessário ter o cuidado de não utilizar o jornal como provedor de informações, antes ele deve servir como campo de investigação procurando abstrair dele os elementos que compõem uma suposta realidade. Assim, ao analisar as representações que se faziam da política externa argentina, levaremos em consideração a origem das notícias já que ela nos fornecerá outros elementos velados que nos apontam diferentes caminhos interpretativos.

Por outro lado, analisar a imprensa isoladamente sem cotejá-la com um sólido corpus bibliográfico constitui-se num exercício infecundo que pode induzir ao pesquisador a aferrar-se desesperadamente na suas fontes sem discutir suas “descobertas” com outras percepções e enfoques interpretativos plasmados na abundante bibliografia. Esta constatação nos levou a uma extensa pesquisa na República Argentina, já que deveríamos compreender claramente o pano de fundo histórico, e principalmente, as variáveis que levaram ao primeiro governo Perón a seguir uma linha autônoma e equidistante dos pólos de poder na sua política externa.

Nela, constatamos que a historiografia argentina focaliza as relações com os Estados Unidos e a Grã Bretanha, desconhecendo trabalhos que tenham como objeto de estudo as relações triangulares Brasil-Argentina Estados Unidos⁷

⁶ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

⁷ Nestas obras se dedicam extensos capítulos à temática que desenvolvemos: CARI (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales. La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas 1880-1995., Buenos Aires: Editora Nuevohacer 1996. LANÚS Juan Archibaldo. De Chapultepec al Beagle: Política Exterior Argentina 1945:1980. Buenos Aires: EMECÉ Editores 1984; CISNEROS, Andrés; IÑÍGUEZ, Carlos. Del ABC al Merosur: la integración latinoamericana en la doctrina y praxis

Ainda deve-se considerar que uma das particularidades da historiografia argentina é seu posicionamento político-ideológico com respeito ao peronismo. Neste sentido detectamos três tendências historiográficas no que diz respeito a sua política exterior: uma condenatória, que a avalia como sendo fruto da arrogância e demagogia de Perón. Outra, apologética e laudatória, que superestima o posicionamento diplomático neutral e independente adotado pela Argentina com respeito ao governo norte-americano justificando-o como sendo uma resposta “à altura” do governante argentino aos anseios imperialistas. E por último, a partir da abertura dos arquivos do Departamento de Estado na década de 1980 que permitiu uma análise aprofundada e científica calcada nos memorandos entre as diferentes embaixadas e o governo norte-americano, um grupo de analistas que concluiu, grosso modo, que os rumos da política externa argentina eram determinados pelo acirrado boicote econômico e diplomático que o país vivenciou nos anos 1942-1949, pela sua relação comercial com a Grã Bretanha e pela animosidade de alguns funcionários norte-americano que viam no governo constitucional peronista uma continuidade do anterior governo militar-nacionalista de 1943-1946. Esta última tendência historiográfica, com a qual nos identificamos, afasta-se de uma análise calcada na figura do presidente Perón que o responsabiliza pelos rumos da política externa Argentina. Esta análise *personalista*, da qual divergimos, desconsidera fatores históricos e econômicos como hipótese causal da política externa Argentina do período.

Há de se considerar ainda, que a maioria dos autores argentinos que trabalharam nesta temática prestaram serviços como funcionários do corpo diplomático ou como assessores no Ministério de Relações Exteriores⁸. Sejam

del peronismo. Buenos Aires: Nuevohacer, 2002 p. 398; CISNEROS Andrés e ESCUDE Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000.

⁸ Muitos dos autores utilizados nesta dissertação ocuparam importantes cargos dentro do Ministério de Relaciones Exteriores y Culto da Republica Argentina. Entre eles destacamos o Doutor Carlos Escude que, além de seu cargo como assessor do Ministro de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional e

eles acadêmicos que ingressaram no mundo diplomático ou como diplomáticos que posteriormente ingressaram na academia.

Por outro lado, no Brasil a política externa argentina tem sido trabalhada por historiadores, sociólogos e cientistas políticos. No entanto, detectamos carências nesta temática, no período e no enfoque que nos propomos trabalhar. Na historiografia brasileira a maioria dos pesquisadores tem-se voltado sobre o primeiro e segundo governo Vargas que não coincide cronologicamente⁹ com o primeiro governo Perón.¹⁰

O conceito representação dá sustentação teórica a nosso trabalho As

Culto, 1991-1992. Exerceu uma ampla atividade acadêmica como professor da Harvard University (1994), no Instituto Universitario Ortega y Gasset (Madrid, 1997), na Universidade de Andalucía (2001) y na Universidade Complutense de Madrid (2003). Pesquisador em Oxford University (1984-85), University of Texas (Austin, 1989), Johns Hopkins University (SAIS, Washington D.C., 1990), University of North Carolina (Chapel Hill, 1992) e Universität Augsburg (1996). O Dr. Archibaldo Lanús: Doutor em Direito Internacional pela Universidade Sourbone em Paris onde também foi professor de Historia das Relações Internacionais e que desempenhou o cargo de Embaixador, na mesma cidade em 1984. O professor Andrés Cisneros; Cientista Político que desempenhou funções de Secretario de Relaciones Exteriores y Asuntos Latinoamericanos. Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto. (1996-1999). Secretario General y de Coordinación. Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto. (1992-1996). Embajador Extraordinario y Plenipotenciario. Jefe de Gabinete del Ministro Guido Di Tella. Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto. (1992-1996). Jefe de Gabinete del Ministro. Ministerio de Defensa. (1991). Mencionamos, ainda, o Doutor Carlos Piñeiro Iñiguez, Profesor de Relaciones Exteriores na Universidade do Salvador e que desempenhou cargos diplomáticos no continente europeu e africano.

⁹ Destacamos entre os mais relevantes trabalhos: BRANCATO, Sandra Maria Lobisco. **A Conexão EUA/BRASIL e a “questão Argentina (1942-1944)**. Estudos Ibero-americanos, v. 18. nº 1, 1992; HIRST, Mónica. “Vargas y Perón. Las relaciones argentino-brasileñas”, Todo es Historia, Nº 224, diciembre de 1985, pp. 10-12⁹ BANDEIRA, Moniz. **Estado Nacional e Política Internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina Brasil (1930 – 1992)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993. BANDEIRA MONIZ Luis Alberto. **Brasil, Argentina y Estados Unidos: da tríplice aliança ao Mercosul 1870:2003** Rio de Janeiro: Renavan, 2003. p. 65. MOURA, Gerson. **Estados Unidos e América Latina**. Coleção Repensando a História, São Paulo, Editora Contexto, 1990.. MOURA Gerson. **Sucessos e Ilusões; relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1991.

¹⁰ Além da bibliografia argentina e brasileira destacamos os autores norte-americanos que abordaram a temática. Entre eles: Gary Frank Frank e sua obra *The Brazilian-American Alliance, 1937-1945*, Princeton, N.J., Princeton Univ. Press, 1974e e Stanley Hilton *Brazil and the Great Powers, 1930-1939*, Austin, Univ. of Texas Press, 1975. Ambos autores dedicam-se ao análise das políticas aplicadas pelo Departamento de Estado com respeito ao Brasil e Argentina aportando numerosa documentação.

representações sociais e individuais já foram abordadas pela filosofia a sociologia e ultimamente pela psicologia social.¹¹ Recentemente, vários autores se dedicaram a pensar o conceito de representação. Dentre eles, referimo-nos especialmente a Roger Chartier e Pierre Bourdieu. Para estes autores, as representações são uma forma de conhecimento da realidade que cada sociedade constrói e reelabora através de conflitos constantes. Para Chartier, as representações do mundo social:

“São sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, laborais, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custas de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, a suas escolhas e condutas. Por isso, esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrência e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio”¹²

Outro aspecto importante a considerar nas representações é sua força mobilizadora, sua capacidade de incidir sobre as opiniões e ações dos indivíduos, embora esta ação não possa ser medida cientificamente. Como

¹¹ Podemos explicar as Representação Social como “teorias” sobre saberes populares e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real. Por serem dinâmicas, levam os indivíduos a produzir comportamentos e interações com o meio, ações que, sem dúvida, modificam os dois. Para os psicólogos a representação como processo mental carrega sempre um sentido simbólico. Jodelet identifica no ato de representar cinco características fundamentais 1) representa sempre um objeto; 2) é imagem e com isso pode alterar a sensação e a idéia, a percepção e o conceito; 3) tem um caráter simbólico significante; 4) tem poder ativo e construtivo; 5) possui um caráter autônomo e generativo. OLIVEIRA Fatima & WERBA Graziela in *Psicologia Social Contemporanea* Petropolis. Vozes, 1999.

¹² CHARTIER R. O mundo como representação. IN : Estudos Avançados, nº11, vol 5. São Paulo: USP, 1991

afirma Bourdieu:

“A força das idéias [...] mede-se, não como a ciência, pelo seu valor de verdade (mesmo que elas devam uma parte de sua força a sua capacidade para convencer que ele detém a verdade), mas sim pela força de mobilização que elas encerram, quer dizer, pela força do grupo que as reconhece, nem que seja pelo silêncio ou pela ausência do desmentido, e que ele pode manifestar recolhendo a suas vozes ou reunindo-as no espaço.”¹³

No caso de nosso trabalho as representações que se faziam da Argentina peronista estavam intimamente ligadas, por um lado, à relação de alteridade com respeito a Argentina, e por outro aos rumos que política externa argentina seguiu.

As principais fontes utilizadas foram os jornais gaúchos *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*. Nossas fontes, suas características e especificidades serão abordadas no terceiro capítulo da nossa dissertação.

Consideramos que a política externa de uma nação está condicionada ao seu passado, à imagem que os governantes fazem de si e do mundo em que estão inseridos, e principalmente, dos recursos que efetivamente dispõem. Desta forma, não podemos analisá-las isoladamente, ou como uma manifestação autônoma, independente do complexo emaranhado causal que está na sua gênese. Neste sentido, para poder compreender a origem das manifestações que repercutiram nos jornais e que nos propomos a analisar, canalizamos nosso estudo em dois fatores fundamentais para os rumos que tomaria a política externa no período pesquisado: as mutações econômicas fruto da Segunda Guerra Mundial e a história da trajetória diplomática Argentina durante o século XX.

Esta constatação nos levou a organizar nossa dissertação em três

¹³ BORDIEU, Pierre, *O Poder Simbólico*, Lisboa: Bertrand/Difel, 1989. p. 185

capítulos. O primeiro deles, aborda a trajetória da política externa argentina desde começos do século XX ate o inicio do primeiro governo Perón. Nele, analisamos separadamente as relações Brasil - Argentina e Argentina - Estados Unidos, tentando detectar os pontos de divergência e confluência entre as nações. O capítulo seguinte, trata das conseqüências econômicas da Segunda Guerra Mundial na Argentina. Ele destaca as transformações econômicas que ocorreram no país desde o conflito ate o termino do primeiro governo Perón, analisando a incidência da economia nas mutações sociais e principalmente nos delineamentos da política externa. Por último, nosso terceiro capítulo analisa as fontes publicadas nos jornais confrontando-as com bibliografia pesquisada, de maneira que ambos suportes documentais dialoguem, permitindo assim, dissertar e teorizar a respeito das repercussões da política externa Argentina.

1. TRAJETÓRIA DA POLÍTICA EXTERNA ARGENTINA NA ANTE-SALA DO PRIMEIRO GOVERNO PERÓN

Perón no fue la causa del fenómeno que encarnó. Fue la consecuencia de un conjunto de condiciones que él supo percibir, de premisas mayores que él olfateo con su instinto animal político, para inferir consecuencias y darles, con visión de estadista, formas, color, sentido y movimiento. Así nació su doctrina.
Hipólito Jesus Paz¹⁴

A política externa do Governo Perón deve ser analisada levando em consideração as circunstâncias históricas específicas em que se deu seu primeiro governo (1946-1952), e que são, em nível internacional os reflexos do posicionamento que as diferentes nações adotaram com respeito ao conflito mundial e o desenlace da guerra que determinou a nova configuração bipolar do mundo. Por outro lado, nacionalmente, o novo direcionamento econômico, fruto de uma percepção política que ia ao encontro da incorporação das massas ao consumo e de uma máquina estatal poderosa e abrangente.

Devemos considerar entretanto, que o presidente Perón foi uma das principais figuras do governo militar do período 1943-1946 e um dos arquitetos da política externa de neutralidade durante a guerra. Desta forma, quando assume a presidência em 1946 carregou consigo o “passivo” das desavenças com os Estados Unidos e foi responsabilizado pelos danos que esta neutralidade custou ao país. Mas, se é verdade que devemos considerar o pano de fundo do período de pós-guerra, também o é que devemos analisar a trajetória histórica das relações exteriores argentinas, já que nelas encontraremos uma continuidade

¹⁴ Hipólito Jesus Paz é diplomata de carreira e foi Ministro argentino de relações exteriores 1949-1951.

e uma coerência com o posicionamento diplomático do país no período que pretendemos analisar.

Centramos, neste capítulo, nossa atenção nas relações da Argentina com os Estados Unidos e com o Brasil, desde os primeiros anos do século XX até o primeiro governo Perón 1946-1952. Justificamos nosso enfoque sobre estes dois países pela importância econômica, política e cultural que tiveram para a Argentina do período. Não pretendemos ser excludentes, nem subtrair importância às outras nações que mantiveram intensas relações com a Argentina do período¹⁵, no entanto, uma análise continental, ou mesmo global foge aos objetivos de nosso trabalho. Por outro lado, o posicionamento que a Argentina tomou com respeito a essas duas nações e a importância que o próprio Perón atribuiu às relações com estes países¹⁶, nos determina a analisá-las com clareza

Como veremos no decorrer deste capítulo, os enfrentamentos com a potência do norte, não foram uma exclusividade do governo Perón. As pretensões argentinas de uma certa “hegemonia” no continente americano chocavam de frente com os interesses norte-americanos. Por outro lado, no subcontinente sul-americano, o Brasil também advogava para si este protagonismo hegemônico dado seu potencial demográfico e territorial, o que determinou, como veremos posteriormente, desgastes e atritos diplomáticos. Ao longo da história, a relação Brasil-Argentina esteve nutrida por questionamentos e acontecimentos que às vezes fomentavam sentimentos amistosos e outras

¹⁵ A Inglaterra, por exemplo, era o principal parceiro comercial argentino.

¹⁶ Perón tinha certeza, segundo seus depoimentos ao historiador Felix Luna durante seu exílio em Madrid, que tanto o Brasil quanto a Argentina tinham um destino comum e que este passava pela aproximação de ambos. Num famoso discurso na Escuela Superior de Guerra em 1953, Perón afirmava referindo-se a isto: “*El año 2000 nos encontrará juntos o dominados*” Esta percepção, fruto de um conhecimento geopolítico e resultado de sua formação como professor de história e economia, foi para alguns autores como Methol Ferre, Andrés Cisneros e Piñeiro Iñiguez, a semente, a pedra fundamental do Mercosul. Logicamente, que estes autores não escondem sua admiração pelo Barão do Rio Branco, nem tampouco negam a importância deste no pensamento de Perón.

avivavam rivalidades. Por um lado a fraternidade republicana, os interesses comuns, fruto da vulnerabilidade econômica frente às potências mundiais e o zelo partilhado pela paz – mais tarde a democracia– no espaço sul-americano; de outro a memória da disputa territorial surgida nas primeiras décadas do século XIX, os riscos de um desequilíbrio de poder na Bacia do Prata e a concorrência entre ambas experiências de desenvolvimento econômico: uma estritamente vinculada à Inglaterra, como era o caso da Argentina. E a outra associada economicamente aos Estados Unidos.

Uma das principais características da vida pública Argentina se constitui na frequência em que a política exterior tem sido avaliada adversamente, caracterizada como errática e incoerente. Não somente durante o Governo Perón, mas também a partir do momento em que o país constituiu seu corpo diplomático. Geralmente estes comentários são acompanhados de uma avaliação positiva da diplomacia brasileira e chilena, países vizinhos com os quais a Argentina manteve as questões mais conflitantes.¹⁷

Em todas as ocasiões em que o país se submeteu à arbitragem por questões territoriais ou de fronteira os laudos foram adversos. Isto foi atribuído habitualmente à imperícia na preparação da alegação, o que alimentou a imagem de ineficiência e falta de objetivos. Como reflexo disto, no início do século XX lia-se no principal jornal argentino da época, *La Prensa*, “*No creemos que haya pueblo civilizado alguno de la tierra que cuide menos de su representacion diplomática que el nuestro*”¹⁸ No mesmo sentido num discurso na Câmara de Deputados, Estanislao Zeballos¹⁹ reiterava essa interpretação afirmando:

¹⁷ Para aprofundar as avaliações da política externa argentina como um todo ver: PARADISO, Jose. *La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas (1880-1995)*. In: **CARI** (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996.

¹⁸ SATAS, Hugo R. **Una Política Exterior**. Buenos Aires: Hyspamérica, 1987.

¹⁹ Zeballos ocupou o Ministério de Relaciones Exteriores entre 1906 e 1908.

“La Republica Argentina em matéria internacional es la nación menos preparada Del universo. Su pueblo, sus hombres públicos, sus universidades, sus escuelas, no se ocupan de estas cosas sino al pasar. Nunca hemos procurado ilustrarnos a fondo sobre esas altas cuestiones de Estado que tanto interesan al país y hemos preferido la política interna de los personalismos, de asuntos electorales y otras de mínima importancia. Nosotros no sabemos negociar, carecemos de carácter, y por eso, temo a veces, cuando se inicia un tratado internacional. Mientras Estados Unidos de América ha aumentado su territorio en más de de siete millones de kilómetros cuadrados como consecuencia de negociados diplomáticos y en quince millones sus habitantes, Brasil ha ensanchado su territorio en un ciclo cerca de novecientos mil kilómetros cuadrados sin disparar un solo tiro, la Republica Argentina ha perdido sesenta y cuatro mil leguas cuadradas de territorios feraces y ocho millones de habitantes durante ese mismo lapso de tiempo. No sabemos negociar, no sabemos hacer diplomacia; y nos han arrancado territorios y habitantes por tratados pusilánimes, porque si la Republica Argentina hubiera asumido una actitud mas recia y de mayor carácter cuando negociaba con sus rivales, éstos hubieran cedido.”²⁰

Zeballos²¹ encabeçara a “corrente crítica” da política externa Argentina e não lhe faltariam seguidores de prestígio dentro da classe dirigente Argentina. Posteriormente, historiadores como Gustavo Ferrari e Juan Carlos Puig se ocuparam de identificar o que denominaram “constantes”²² na política externa, procurando corrigir ,em parte, a imagem do Ministério das Relações Exteriores, sem abandonar o tom crítico e questionador.

Para Ferrari²³, as constantes que tinham regido durante décadas o campo diplomático argentino eram: pacifismo, isolamento, evasão por meio do direito, moralismo, enfrentamento com os Estados Unidos, europeísmo e

²⁰ ETCHEPAREBORDA, Roberto. **Zeballos y la política exterior Argentina**. Buenos Aires: Editora Pleamar, 1982.

²¹ Como se poderá constatar posteriormente Zeballos foi o ministro das relações exteriores que, na opinião da maioria dos analistas brasileiros e argentinos, danificou as relações entre estes países, querendo inclusive, instigar um conflito armado.

²² CARI (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales. **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas 1880-1995**. Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996.

²³ FERRARI, Gustavo. **Esquema de la política exterior argentina**. Buenos Aires: EDEBA, 1981.

desmembramento territorial. Na versão de Puig²⁴, mencionam-se quatro grandes tendências: filiação à esfera de influência britânica, oposição aos Estados Unidos, isolamento com respeito à América Latina e condescendência na política territorial.²⁵

Devemos considerar que estes aspectos da política exterior argentina começaram a se definir paralelamente a partir do que se convencionou denominar “Processo de Organização Nacional” e se fortaleceram com o modelo de um país aberto ao mundo, vivenciando um notável ciclo de expansão econômica sobre a base do intercâmbio de produtos alimentícios do pampa argentino por produtos manufaturados. Nas palavras de Jose Paradiso²⁶

“En rigor, quienes formaron parte de la elite dominante que condujo los destinos de la Argentina durante todos estos años, coincidían en cuanto a los resortes fundamentales del progreso material, pero mantenían importantes discrepancias en otros temas: en el plano interno, los separaban los criterios acerca de la legitimidad del régimen político-institucional y las alternativas para reformarlo; en el plano externo, las diferencias giraban en torno de la ecuación europeo-americana, la tramitación de los conflictos con los países limítrofes y el modo de interpretar el interés nacional

Esta equação europeu-americana da qual Paradiso faz referência começa a delinear-se na Primeira Conferência Pan-americana²⁷, quando os Estados Unidos, através de seu secretário de Estado James Gillespie Blaine propõem a união alfandegária entre as nações americanas para melhorar as comunicações entre América do Norte e do Sul, uma medida para assegurar

²⁴ PUIG, Juan Carlos. **Doctrinas Internacionales y Autonomía latinoamericana**. Caracas: Instituto de Altos Estudios de América Latina, 1980.

²⁵ PUIG, Juan Carlos. La política exterior argentina y sus tendencias profundas. In: **Revista Argentina de Relaciones Internacionales**. Buenos Aires, 1975. nº1.

²⁶ Jose Paradiso é Diretor da Escuela de Relaciones Internacionales e da Universidade de Salvador

²⁷ Esta Conferência foi celebrada em Washington em 1889.

vantagens norte-americanas sobre os concorrentes europeus²⁸. A oposição sistemática argentina a cada uma das propostas norte-americanas²⁹ seria o início de uma relação de confronto e rispidez no continente. O próprio presidente Mitre tinha sido categórico afirmando com ironia que as repúblicas americanas deveriam abandonar “[...] *esa mentira pueril de que éramos hermanitos y que como tales debíamos auxiliarnos[...]*”. A posição argentina até a Primeira Guerra Mundial esteve, de certa forma, condicionada por objetivos difíceis de conciliar: o desenvolvimento econômico e cultural, que a princípios do século XX que era espetacular e a percepção que as elites tinham da argentina considerando-o como um país líder entre as repúblicas latino-americanas. Esta liderança, no entanto, estava ameaçada pelo Brasil, embora ingressando no século XX desestruturado economicamente³⁰.

²⁸ O objetivo de Blaine era criar uma união aduaneira que facilitaria o comércio entre as nações do continente, deixando aos europeus em situação de inferioridade. Para lográ-lo, a delegação norte-americana apresentaria um conjunto de propostas, buscando estabelecer pesos e medidas, unidade monetária comum, um mecanismo judicial para resolver os conflitos, uma rede de transportes e a criação de uma oficina central que recolheria e distribuiria informações de interesse para todos os membros americanos. Para aprofundar a atuação norte-americana e argentina na Conferência ver: PUIG, Juan Carlos. La política exterior argentina y sus tendencias profundas. In: **Revista Argentina de Relaciones Internacionales**. Buenos Aires, 1975. nº1.

²⁹ Quando a delegação norte-americana percebeu a oposição à União Aduaneira, apresentou a proposta da criação de uma área de livre comércio nas Américas (vejam a atualidade do tema), a qual também foi rechaçada pela delegação argentina encabeçada por Manuel Quintana e o futuro presidente Roque Saenz Peña. O propósito da delegação argentina em Washington, lugar onde se realizou a Conferência, era claramente proteger os interesses comerciais argentinos com a Europa, opondo-se a qualquer iniciativa norte-americana que pudesse cooptar sua liberdade de ação. Grifo nosso.

³⁰ Para Caio Prado Júnior os primeiros anos que se seguem à Proclamação da República serão os mais graves da história das finanças brasileiras. Dada a crise financeira, a falta de meio circulante somado ao déficit e ao desequilíbrio de contas externas do país: “Todas estas dificuldades somadas vão a dar na crise e bancarrota de 1898. O país achava-se na iminência de uma *debbâcle* financeira semelhante à de 1891-92. As falências se multiplicavam, e o Tesouro, exausto de forças, não podia fazer mais frente a seus compromissos. A receita não cobria então, nem a metade da despesa”. PRADO Jr, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

1.1 AS RELAÇÕES PENDULARES ENTRE BRASIL E ARGENTINA

Nos primeiros anos do século XX tanto as autoridades argentinas³¹ quanto as brasileiras,³² entraram numa disputa internacional pelo rearmamento e reestruturação de seus equipamentos de guerra, o que o historiador Moniz Bandeira denominou de “paz armada”. Interessante é que esta rivalidade era constantemente alimentada pelas grandes casas financeiras³³ e pelas indústrias fabricantes de armamentos como a Krupp da Alemanha, a Vickers-Amstrong da Grã Bretanha, e Schneider-Creusot da França, entre outras. A corrida armamentista teria fim graças à impecável gestão do Barão de Rio Branco e sua postura pacifista e conciliadora, como também, a do novo presidente argentino

³¹ Nesse período quem governava a Argentina era o presidente Figueroa Alcorta. Seu ministro de Relações Exteriores era o belicoso Enstanislau Zeballos.

³² A importância da marinha neste período era decisiva principalmente para o Brasil e a Argentina que estão separados pela imensa Bacia Hidrográfica do Prata. O Brasil teve, até princípios do século XX supremacia naval no continente americano, superior inclusive, à marinha norte-americana. Seus navios foram destruídos na Revolta da Marinha, em 1893 quando se tentava depor Floriano Peixoto. Segundo Moniz Bandeira, neste período só possuía “3 couraçados contra 5 da Argentina, 6 cruzadores contra 7 da Argentina, 9 torpedeiros contra 24 da Argentina, nenhum *destroyer* contra 4 da Argentina e nenhuma canhoneira contra 4 da Argentina.” BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: da tríplice aliança ao Mercosul (1870-2003)**. Rio de Janeiro: Renavan, 2003. p. 97.

³³ A Argentina negociou um empréstimo de 4.000.000 milhões de francos com a Manque de Paris et des Pays-Bas, Credit Lyonnais e Comptoir National, Societé Générale. As casas Baring Brothers e J. S. Morgans. First National Bank, National City Bank. Deutsche Bank e o Diskonto Gesellschaft. Segundo Moniz Bandeira “Os contratos foram firmados pelo Banco Tornquist (que pertencia ao próprio ministro da fazenda argentino Ernesto Torquist), representando os sindicatos ingleses, alemães e norte-americanos. A Grã Bretanha receberia a maior parte das encomendas navais e Alemanha, o fornecimento da artilharia e dos fuzis. A França, que reclamava parcela das encomendas para a construção dos contratorpedeiros, sentiu-se assim prejudicada, pois o dinheiro que ela emprestava, serviria para a compra de canhões alemães, e os Estados Unidos, fizeram pressão para cortar vantagens comerciais da Argentina, se não recebessem algumas encomendas, com o que terminaram por ficar a cargo da construção de dois cruzadores”. BANDEIRA, Luis Alberto. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: da tríplice aliança ao Mercosul (1870-2003)**. Rio de Janeiro: Renavan, 2003. p. 65.

Roque Sáenz Peña. Este último havia sido criticado³⁴ pelo seu excessivo “europeísmo” e seu posicionamento contrário à união aduaneira na Primeira Conferência Pan-Americana (1889-1990) mas, embora fosse favorável à compra de armamentos para a defesa nacional era, diferentemente de seu predecessor Figueroa Alcorta³⁵, totalmente contrário a qualquer tipo de desentendimento com o Brasil. Uma manifestação sua deixa claro seu posicionamento e visão:

“La guerra provocada por nosotros? Contra quien?. Com que propósito? Por la hegemonía económica en América Meridional? Y la tenemos y si bien la amenguaríamos en la guerra, esperamos com confianza acrescentarla em la paz; por otra parte aquellas supremacías que son adquiribles por la fuerza militar, sino por el esfuerzo de la producción. Buscaríamos expansión territorial? Afortunadamente no la necesitamos, y ello seria del todo absurdo, cuando nos faltan hombres y nos sobra tierra, cuando hay déficit de brazos y exceso de riquezas inexploradas.”³⁶

Posteriormente o presidente argentino Roque Sáenz Peña tentou, assim como Rio Branco, uma aproximação dos dois países, alertando para a inutilidade da corrida armamentista. Por intermédio do Deputado Federal Ramon J. Carcano, gestionou a suspensão da compra por parte do Brasil de um encouraçado *dreadnought*³⁷ Por outro lado, Rio Branco, sugeriu a constituição de um Tratado de Cordial Inteligência Política e Arbitramento assinado entre Brasil, Chile, Argentina e Uruguai, lançando desta forma, as bases do ABC.

³⁴CISNEROS, Andrés; IÑÍGUEZ, Carlos. **Del ABC al Merosur: la integración latinoamericana en la doctrina y praxis del peronismo**. Buenos Aires: Nuevohacer, 2002. p. 352.

³⁵ Todos os especialistas e historiadores das relações exteriores Brasil-Argentina são unânimes ao afirmar que durante o governo de Figueroa Alcorta e a gestão do ministro Estanislao Zeballos a aspereza das relações com o Brasil foram tais que a guerra parecia inevitável. O próprio Ministro Zeballos chegou, inclusive, a forjar documentos na tentativa de incriminar o Barão de Rio Branco.

³⁶ Carta de Roque Sáenz Peña a Vicente Caceres, presidente Del Partido Autonomista Nacional, Roma – Archivo Roque Sáenz Peña, legajo 7.22.2.17. Citada por: BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Brasil, Argentina y Estados Unidos: da tríplice aliança ao Mercosul (1870-2003)**. Rio de Janeiro: Renavan, 2003. p. 85.

³⁷ Embarcação de guerra de proporções assustadoras para a época mas, como o próprio Rio Branco admitia “imprestáveis para qualquer ação fluvial contra o vizinho país”. LINS, Álvaro. **Rio Branco**. Brasileira: São Paulo, 1965.

Como símbolo de restabelecimento das relações e para impulsionar as relações bilaterais entre os dois países, em 1912 os ex-presidentes Roca e Campos Salles intercambiaram visitas como embaixadores extraordinários. Estes já tinham se visitado quando ocupavam a presidência de suas respectivas nações em 1899 e 1900, nutriam, pessoalmente, sentimentos fraternos. O corolário desta aproximação seria a assinatura, em maio de 1912 do chamado Tratado de Resolução Pacífica de Conflitos ABC.

No entanto, na Argentina o advento de um governo legitimamente democrático, que foi o do presidente Hipólito Yrigoyen (1916-1930), formulou uma política exterior diferenciada. Por um lado, teve um claro posicionamento de não intervencionismo³⁸ em oposição aos Estados Unidos e, por outro, intensificou as insípidas relações com as repúblicas hispano-americanas³⁹. Entretanto, o entendimento entre Brasil e Argentina foi quebrado pela atitude diferente que ambos assumiram com respeito à Primeira Guerra Mundial, pois enquanto o governo radical de Hipólito Yrigoyen (1916-1922) manteve a neutralidade decretada pelo seu antecessor Vitorino de La Plaza, as autoridades brasileiras seguiram o caminho adotado pela Casa Branca, rompendo os

³⁸ Um fato marca esta nova postura de adesão irrestrita à livre determinação dos povos, quando em 1919 o navio *9 de Julio* voltava para a Argentina depois de ter custodiado até o México os restos mortais de Amado Nervo, ministro mexicano no Uruguai e na Argentina. O *9 de Julio* faz uma parada em Santo Domingo, onde no Palácio do Governo tremulava a bandeira dos Estados Unidos. O comandante do navio, por diretiva do presidente Yrigoyen “Id y salud el pabellon dominicano” rende homenagem à bandeira da República Dominicana com uma salva de vinte e um disparos de canhão. Um ato que simboliza as firmes convicções do presidente argentino perante a inadmissível situação em que se encontrava esta república, que tinha sido coagida a subscrever um tratado outorgando aos Estados Unidos o controle alfandegário do país. “*El Nueve de Julio entró en puerto de Santo Domingo el 13 de enero de 1920, pero como allí flameaba la bandera norteamericana, no saludo el pabellon. Preguntado elk comandante porque habia atracado , la poblacion de Santo Domingo improvisó una bandera con generos rojos y azules, a la que agregaron una gran cruz. Alk agitar los dominicanos la precaria bandera, el crucero 9 de Julio, hizo entonces, su salva de veintiún cañonazos*”. SCENNA, Miguel. **Como fueron las relaciones argentino-norteamericanas**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1970.

³⁹ LANÚS, Juan Archibaldo. **Aquel Apogeo: política internacional argentina (1910-1939)**. Buenos Aires: Emece, 2001.

vínculos com Alemanha em 26 de outubro de 1917⁴⁰.

Com o radicalismo no poder, as relações brasileiro-argentinas se esfriaram, considerando que durante este período foi assinado somente um acordo bilateral de demarcação de fronteiras, o qual seria ratificado somente no ano 1940 pelo Congresso Argentino.

Na década de 1930, principalmente durante o governo de Agustín P. Justo na Argentina (1932-1938), que coincidiu com o de Getúlio Vargas no Brasil (1930-1945), procurou-se uma aproximação e um equilíbrio entre as duas nações. Esta predisposição se materializou em inúmeros projetos, pois foram vinte os acordos bilaterais referentes a temas políticos. Desses, destacamos aqui quatro importantes tratados: de extradição, de lutas civis e suas repercussões nos respectivos países, de repressão ao contrabando, e comerciais, que tratavam principalmente de intercâmbio de produtos comuns aos dois países, tais como erva mate, farinhas e de controle de espécies e doenças vegetais. Abordaram ainda assuntos⁴¹ como turismo, transporte aéreo, marítimos e culturais: convênio

⁴⁰ Outro fator importante que afetou as relações argentino-brasileiras no período foi, segundo Miguel Angel Scenna, o rumor de que a população de origem alemã do sul do Brasil invadiria o Uruguai, como resposta à ruptura com a Alemanha. Scenna, sugere que este rumor se vinculou também a um plano das autoridades do Rio de Janeiro para recuperar a antiga Província Cisplatina. Embora não tivesse provas efetivas disto, o presidente uruguaio Feliciano Viera sondou o presidente Yrigoyen a respeito da atitude que a Argentina tomaria ao que este respondeu: *"si por desgracia el Uruguay viera invadido su territorio, tenga la más absoluta seguridad el pueblo hermano de que mi gobierno no le vendería armas, sino que el ejército argentino cruzaría el Río de la Plata para defender la tierra uruguaya"*. SCENNA, Miguel Angel, **¿Cómo fueron las relaciones argentino-norteamericanas?**. Buenos Aires: Plus Ultra, 1970. pp. 148-149.

⁴⁰ Destacamos a construção da primeira via de comunicação sobre o rio Uruguai entre Paso de Los Libres e Uruguaiana. Esta ponte internacional além dos benefícios que proporcionou, e ainda proporciona, para o transporte de mercadorias e de turistas, possui um significado especial dada a percepção mútua de ameaça entre os dois países. Neste sentido, ela representa, apesar da desconfiança

dos militares de ambos lados da fronteira que viam na ponte uma ameaça logística e uma constante possibilidade de invasão e o posterior posicionamento de um e de outro país na Segunda Guerra Mundial, o final de um ciclo de agressões, hostilidades e descrédito. A ponte foi inaugurada em 21 de maio de 1947 com a presença de Perón e Eurico G. Dutra. O protocolo assinado por ambos presidentes afirmava: *"[...]animados Del deseo sincero de estrechar cada vez más las relaciones*

de intercâmbio intelectual de publicações⁴² e, revisão dos textos de ensino de história e geografia e de integração de professores e alunos.

A Guerra do Chaco entre Bolívia e Paraguai, reinaugurou a desconfiança e as desavenças entre Brasil e Argentina. Os observadores brasileiros estavam convencidos de que Buenos Aires apoiava Paraguai e que aquele país tinha pretensões petrolíferas, além de procurar ampliar suas áreas de influência. Também acusavam a Argentina de procurar ficar com o mérito da pacificação, ao passo que alimentava a discórdia entre os países beligerantes. Este proceder, no entanto, não foi exclusividade da Argentina, tampouco do ministro Saavedra Lamas, que viria a ser, Prêmio Nobel da Paz por pacificar uma guerra que ele mesmo havia alimentado. O próprio ministro brasileiro, Macedo Soares, chegou a Buenos Aires acompanhando o presidente Getúlio Vargas em 1935, que visitava Buenos Aires com a clara intenção de ser ele, e não o ministro argentino, o artífice da pacificação.

Em outubro de 1939, com o início das operações bélicas na Europa, o governo argentino, ante a perspectiva do fechamento dos mercados europeus, sondou o governo brasileiro sobre a possibilidade de obter certos produtos no Brasil. O ministro argentino Cantilo convidou Osvaldo Aranha a visitar Buenos

entre sus respectivos psises, convencidos de que esse objetivo será de tanto más facilidad cuanto mayores sean las vias de comunicación que unan a los dos países ; seguros de que la construccion de un puente internacional sobre el rio Uruguay uniendo el Brasil a la República Argentina vendrá a fortalecer los lazos de amistad de ambos pueblos con una obra de incalculable alcance politico, social y economico para las dos nacionalidades [...]” Retirei esta citação de SEIXAS, Luis Felipe; FRAGA, Rosendo. **Argentina – Brasil: Centenário de duas visitas**. Buenos Aires: Ed. Centro de Estudios Union para la Nueva Mayoria, 1998. p. 763-64. Para maior aproximação com a temática recomendamos: FRAGA, Rosendo. **El General Justo**. Buenos Aires: EMECÈ, 1993.

⁴² Posteriormente, na Argentina inaugurou-se a *Biblioteca de Autores Brasileños traducidos al castellano*. Em 1937 aparecem publicações de *Os Sertões* de Euclides da Cunha com prólogo de Mariano de Vedia *O Imperador Dom Pedro II*, por Alfonso Celso, com prólogo de Max Fleiuss. *Conferências e Discursos* de Ruy Barbosa, com prólogo de Emilio Raviniani (1939). *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre e *Pequena História da Literatura Brasileira* de Ronald de Carvalho. Retirei estas informações de FRAGA, Rosendo. **Argentina – Brasil: Centenário de duas visitas**. Buenos Aires: Ed. Centro de Estudios Union para la Nueva Mayoria, 1998. p. 789.

Aires, o que se efetivou em janeiro de 1940. O tema principal da visita foi a assinatura de um acordo comercial que Aranha concebia como o primeiro passo para a complementaridade de ambas economias e assim constituir uma frente comum em todos os assuntos. Nessa ocasião, determinou-se que uma missão industrial brasileira visitaria Buenos Aires, o que ocorreu em junho. Em outubro o governo argentino enviou ao Rio de Janeiro uma missão liderada pelo Ministro da Fazenda, Federico Pinedo, que acordou a constituição de uma Comissão Mista, que em cinco semanas elaborou três projetos de acordos bilaterais.

O primeiro projeto, tendente a promover a importação de quantidades crescentes de trigo argentino e a dar facilidades à exportação de produtos industriais brasileiros; o segundo, sobre a abertura de créditos para a compra de excedentes de produção, e o terceiro, referente à exceção recíproca de direitos de importação de produtos de indústrias novas. Somente foram assinados os dois primeiros acordos, enquanto o terceiro, que havia sido o embrião de uma zona de livre comércio, não saiu do papel. O assunto também foi tratado em uma conferência econômica regional reunida em Montevideu, no início de 1941. Entretanto, os Ministros Pinedo e Roca renunciaram a seus cargos em fins de janeiro desse mesmo ano, por considerar que a orientação do governo se afastava cada vez mais daquela dos países democráticos.

A deflagração do conflito mundial traria novas tensões. Os observadores viam com preocupação o crescimento do nacionalismo autoritário do regime militar 1943-1946. Osvaldo Aranha manifestou a ansiedade geral provocada no Rio de Janeiro quando afirmara, em meados de 1941, seu temor de um eventual ataque da Argentina, caso o Brasil se alinhasse abertamente contra Alemanha⁴³. Com o ataque japonês à frota americana em Pearl Harbor, os

⁴³ CARI (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales. **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas** (1880-1995). Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996.

Estados Unidos pressionaram os países americanos para que esses rompessem relações com Alemanha, aproveitando, para isso, a ocorrência da Terceira Reunião de Consulta dos Ministros de Relações Exteriores, no Rio de Janeiro. Nesta reunião o governo brasileiro encontrou-se frente a um dilema, uma vez que, mesmo concordando com a proposta norte-americana, atitude que era coerente dada a relação amistosa que o Brasil mantinha com os Estados Unidos, temia, porém, um ataque argentino a partir do sul do país, tese à qual Osvaldo Aranha se aferrava⁴⁴ tenazmente.

Se, por um lado, os Estados Unidos pressionaram a Argentina e submeteram-na a um cerco econômico e diplomático, por outro, o Brasil recebeu aproximadamente 75% do total de assistência militar norte-americana outorgada à América Latina durante a Segunda Guerra Mundial. Até 1945 o Brasil havia recebido 366 milhões de dólares, enquanto que a Argentina não havia recebido nada.⁴⁵

Durante a Guerra o governo de Washington, desejoso de obter a cooperação do Brasil na defesa hemisférica, incentivou com medidas econômicas concretas a boa vontade brasileira. Em 1940 este país seria contemplado com o primeiro empréstimo para a construção da planta siderúrgica de Volta Redonda e posteriormente recebia transferência tecnológica, supervalorização do café e cobertura das necessidades petrolíferas do país.

Pensando em continuar obtendo apoio norte-americano no pós-guerra e obter status internacional, o presidente Vargas decidiu enviar uma força

⁴⁴ Para aprofundar esta temática consultar: CISNEROS, Andrés ESCUDE, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000., onde se apresentam documentos do Departamento de Estado Norte-americano, da Embaixada Brasileira nos Estados Unidos e correspondência de Aranha e Góes Monteiro.

⁴⁵ CISNEROS, Andrés; IÑÍGUEZ, Carlos. **Del ABC al Merosur: la integración latinoamericana en la doctrina y praxis del peronismo**. Buenos Aires: Nuevohacer, 2002. p. 398.

expedicionária para o front para CERVO e BUENO.

“Vargas era, também favorável à presença de um contingente de tropas brasileiras combatendo do lado dos aliados, do que decorreria além do já citado rearmamento, maior presença de seu país nas conferência de paz. Igualmente, visando à posição do país no concerto internacional do pós-guerra, a Delegação Brasileira à Comissão Mista de Washington – Rio de Janeiro defendeu a participação brasileira fora do continente, inclusive porque, no momento em que o Norte da África ficara sob controle aliado, diminuiria a importância estratégica do Nordeste brasileiro e, conseqüentemente, reduziria -se a proporções mais modestas a colaboração do Brasil no conflito [...] As forças terrestres foram incorporadas ao comando norte-americano. Os seus armamentos e suprimentos, bem como garantia das linhas de comunicação foram fornecidas pelos Estados Unidos. Além disso, cederam parte do material para treinamento [...] Com a participação do conflito, o governo brasileiro procurou reequipar seu Exército, aumentar o efetivo treinado, melhorar a indústria bélica e o sistema de comunicações, a fim de transformar o Brasil numa potência fortemente aparelhada para a guerra.”⁴⁶

Entre os anos 1941 e 1944, os dois rivais sul-americanos lutaram para estabelecer o poder dominante na região, bem como a segunda nação em importância no continente. Nesta competição o papel que os Estados Unidos desempenharam foi decisivo no momento em que a guerra chegava a seu fim. As dádivas de Washington, num primeiro momento justificadas pela necessidade de se defender do Eixo no Atlântico sul, África do Norte e Itália, foram determinantes das mudanças na distribuição do poder que teriam lugar na América do Sul⁴⁷. Por outro lado, a estratégia de Brasil com relação a Argentina foi a de implementar uma ação de contenção e estabelecer uma relação especial com os Estados Unidos. A primeira consistiu em manter oficialmente uma relação de cordialidade e contatos econômicos bilaterais com o país vizinho. As

⁴⁶ CERVO, Luis Amado; BUENO, Clodoaldo. **Historia da Política Externa Exterior do Brasil**. Brasília: UNB, 2002.

⁴⁷ Lembremos que antes da guerra o Exército e a Marinha brasileira não possuíam equipamento adequado “*Uno de los estudios , que los militares brasileños realizaron en esta época del poder ofensivo de la Argentina, señalaba que este país era capaz de movilizar 3000.000 soldados bien equipados en la frontera del Brasil, em um plazo de seis semanas. El calculo patra el Brasil, em cambio, solo llegaba a 150.000 hombres escasamente preparados y ello demandaria mayor cantidad de tiempo*”. PUIG, Juan Carlos. **Doctrinas Internacionales y Autonomía latinoamericana**. Caracas: Instituto de Altos Estudios de America Latina, 1980. p. 755.

boas relações diplomáticas se cultivaram mantendo sempre a precaução nas questões militares.

O Brasil reconheceu o governo militar do general Edelmiro Farrel em 1943 e apoiou a Argentina no reingresso ao Sistema Interamericano, contra os interesses de Washington, que segundo Moniz Bandeira:

“Apesar da participação do Brasil no esforço de guerra contra o Eixo, o Governo de Vargas, cujas tendências nacionalistas Roosevelt aceitara, devido ao imperativo das circunstâncias e em outra conjuntura histórica, não se compatibilizaram com as políticas liberais que os Estados Unidos tratavam de disseminar. Além do mais, seus entendimentos com Perón, através de seu embaixador Batista Lusardo⁴⁸, fomentavam a suspeita de que os dois viessem a concertar um pacto de sustentação recíproca, a formarem um outro eixo político no Cone Sul [...] Sem dúvida alguma, forte afinidade havia entre os governos Vargas e Perón. E, apesar das diferenças, naquele tempo, a situação política do Brasil apresentava certa similaridade com a de Argentina.”⁴⁹

Para alguns pesquisadores brasileiros⁵⁰ o Brasil desenvolveu um oportunismo maquiavélico “...logrando explotar la condición geográfica de Brasil para obtener concesiones económicas, militares y políticas de Washington [...] la administracion Roosevelt nunca desarrollo ningun programa para establecer el control econômico, político o militar sobre el país sudamericano”⁵¹.

Uma vez consolidada a aliança brasileiro-americana, Vargas dedicou-se a estabelecer a hegemonia na América do Sul. Nos meses seguintes, os presidentes da Bolívia e do Paraguai foram recebidos no Rio de Janeiro.

⁴⁸ O embaixador Batista Lusardo se encontrou com Perón em diferentes oportunidades, inclusive antes de este ser presidente. Quando o Exército decretou sua prisão, em 1945, Batista Lusardo, segundo suas memórias, teria lhe oferecido asilo político no Brasil. HIRST, Mónica. Vargas y Perón. Las relaciones argentino-brasileñas. **Todo es Historia**, Nº 224, diciembre de 1985. pp. 10-12.

⁴⁹ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Estado Nacional e Política Internacional na América Latina**: o continente nas relações Argentina Brasil (1930 – 1992). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993. p. 81.

⁵⁰ Como HIRSY; MOURA, CORSI; SEITENUS e nos Estados Unidos Frank D. McCANN.

⁵¹ McCANN, Frank D. **The Brazilian-American Alliance (1937-1945)**. Princeton: Princeton Univ. Press, 1974.

Estabeleceram-se metas para a conclusão da ferrovia Santa Cruz–Mato Grosso, que forneceria a Bolívia acesso ao Atlântico. O Paraguai teve o mesmo tratamento e se propôs unir Concepción e São Paulo por ferrovias, enquanto os paraguaios teriam um terminal portuário na costa brasileira. Seguindo os passos da Argentina, Vargas ofereceu ao Paraguai a comutação da dívida da Guerra do Paraguai.

Com o Coronel Perón como Ministro de Guerra a Argentina reestruturou seu exército, através da incorporação massiva de soldados e das atividades de Fabricações Militares fornecendo tanques e munições e a reestruturação de bases e guarnições no norte do país. Mas, ao mesmo tempo, Perón através do embaixador brasileiro Rodrigues Alves admitia a superioridade do Exército brasileiro, uma vez que ingressava na guerra e confessava sua admiração por Getulio Vargas⁵².

Posteriormente, Vargas enviou a Buenos Aires o jornalista e amigo Caio Julio Cezar Vieira, que manteve freqüentes contatos com Perón e com o chanceler argentino, general Orlando Peluffo. Perón afirmou a Viera que o único objetivo do rearmamento argentino era a manutenção da paridade de forças entre Brasil e Argentina com o objetivo de preservar o equilíbrio na América do Sul.⁵³

Podemos concluir afirmando que os rumos que tomaram ambos países durante este período: a Argentina neutralista e isolada do Continente e o Brasil aliado dos Estados Unidos arrefeceu as relações bilaterais. O governo brasileiro temeu a constituição de um bloco regional liderado pela Argentina, com

⁵² Correspondência de Góes Monteiro para Osvaldo Aranha em CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000. p. 643.

⁵³ McCANN, Frank D. **The Brazilian-American Alliance, 1937-1945**. Princeton, 1973, apud HILTON, Stanley E. **Brazilian Diplomacy and the Washington-Rio de Janeiro 'Axis' during the World War II Era**. *Hispanic American Historical Review*, 1979. Vol. 59, Nº 2, p. 201-202.

Paraguai, Uruguai, Bolívia, Peru e Chile, que por razões históricas e políticas se uniria em torno da Argentina. O Brasil temia também o entendimento de grupos germanófilos no sul do país⁵⁴

Por outro lado, a preocupação argentina é mais compreensível se avaliamos as remessas de armas que o Brasil recebia dos Estados Unidos e, também sua participação na guerra que, embora tardia e desnecessária, colocava o Brasil numa posição de destaque. Deve-se considerar ainda que a Argentina não podia aceder ao programa de Empréstimos e Arrendo *lend a leasing* que o governo dos Estados Unidos disponibilizou para a compra de armamentos. Essas circunstâncias mostravam claramente aos militares argentinos o desequilíbrio em favor do Brasil.

A percepção dos funcionários brasileiros de que o Brasil, dada sua participação e posicionamento durante o conflito, receberia um tratamento diferente entre os países latino-americanos, e inclusive, entre as potências mundiais no pós-guerra, não se confirmou. Este pensamento diferia da nova política do Secretário de Estado Stettenius e do Departamento de Guerra norte-americano que procurava uma standardização de armas e forças militares no Continente. Um tratamento diferenciado ao Brasil causaria a reprovação e o constrangimento de toda hispano-américa. Nesse sentido, concordamos com Corsi quando afirma que:

Os Estados Unidos, até 1942, tinham de negociar o apoio brasileiro, e existia uma real margem de manobra para países subordinados como o Brasil. Mas, à medida que aquele país se foi afirmando como potência incontestável do mundo capitalista, essa margem foi pouco a pouco desaparecendo, e os norte-americanos endureceram sua posição com respeito ao Brasil, embora até 1945 tenha procurado alimentar as ilusões de Vargas sobre a importância do país. O Governo Vargas parece não se ter dado conta das mudanças no cenário internacional que começaram a delinear-se com o fim do conflito mundial. O Governo Vargas procurou ganhar um espaço próprio nas relações com os Estados Unidos quando isso já não era mais possível, o que

⁵⁴ O General Góes Monteiro chegou a solicitar que as tropas destinadas para Europa fossem enviadas ao sul do país, a fim de evitar um eventual ataque argentino. No entanto, Vargas sempre evitou atitudes hostis contra a Argentina.

constitui um indício forte de que, ao terminar a guerra, eram limitadas todas as chances de um país subordinado implementar um projeto nacional para a industrialização com soberania.⁵⁵

O corolário desta situação foi a impossibilidade do Brasil ocupar uma cadeira no Conselho de Segurança da ONU. Para Vargas, no âmbito interno a participação bélica foi-lhe de pouca utilidade já que, ao “esfriar-se” a guerra o governo começava a se desestabilizar graças à pressão dos que se diziam representantes da democracia triunfante.

Podemos afirmar que, se por um lado, o aliado especial Getúlio Vargas se transformava em ditador e num resquício do que a Força Expedicionária Brasileira tinha combatido na Europa. O então coronel Juan Domingo Perón tornar-se-ia, quase concomitantemente à saída de Vargas do governo brasileiro, presidente democrático dos argentinos. Essa dialética pode ser compreendida pelo desgaste proporcionado por 15 anos de governo no caso brasileiro, contra a promessa de justiça social que representava, para os trabalhadores, o Coronel Perón na Argentina.

1.2 ARGENTINA - ESTADOS UNIDOS: O INÍCIO DE UMA LONGA DISCORDÂNCIA

As políticas exteriores da Argentina e dos Estados Unidos podem ser analisadas a partir de três cenários diferenciados e superpostos: a relação bilateral, a ação recíproca no âmbito continental que se inscreve no que se denomina pan-americanismo, e a interação que provém dos acontecimentos mundiais.

As relações entre ambos países estiveram definidas pela suas atuações

⁵⁵ CORSI, Francisco Luis. **Estado Novo**: política externa e projeto nacional. São Paulo: UNESP, 1999. p. 78.

nos assuntos pan-americanos, na ocasião da Primeira Guerra Mundial, na Guerra do Chaco e principalmente na Segunda Guerra Mundial. Com a chegada ao poder, em 1916, de Hipólito Yrigoyen a neutralidade decretada pelo presidente anterior, Vitorino de La Plaza, foi mantida. O novo presidente norteou sua política externa para dois princípios: a continuidade do posicionamento neutral e o respeito aos direitos de liberdade e de independência dos Estados não envolvidos no conflito. Esta atitude das autoridades argentinas logo provocou um esfriamento das relações com os Estados Unidos. Ela se justificava, no campo econômico, pela tentativa de não reduzir a capacidade exportadora de alimentos para Europa que o país tinha nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, a Inglaterra alentava e estimulava a neutralidade, na tentativa de salvaguardar a estrutura econômica montada na Argentina desde o início do século XX (casas comerciais, bancos, investimentos, ferrovias, frigoríficos, etc.).

Por outro lado, os Estados Unidos percebiam que se a Argentina abandonasse sua neutralidade isto poderia representar uma importante oportunidade no sentido de modificar substancialmente a economia platina voltada essencialmente para a Grã-Bretanha e permitiria um aumento da ingerência norte-americana no mercado argentino através de créditos, armamentos e navios. Era uma excelente oportunidade para substituir o capital inglês.

No campo ideológico, o presidente Yrigoyen desenvolveu uma política externa cujo objetivo foi aumentar o prestígio internacional da Argentina através de uma vocação neutral e pacifista que insistia na moralidade e no direito como base das relações internacionais, intentando exercer uma espécie de liderança regional em oposição aos Estados Unidos. O discurso nacionalista, latinoamericanista e neutralista que caracterizou a política externa do governo radical teve como principal objetivo consolidar a posição argentina externamente.

No plano das relações interamericanas o ressentimento argentino se manifestou a partir do intervencionismo norte-americano. A insistência da Casa Branca em aplicar de forma unilateral a Doutrina Monroe, refletida nas suas constantes intervenções no Caribe, deu vazão a ressentimentos por parte de setores do nacionalismo argentino e acertavam um golpe mortal nas esperanças de um pan-americanismo, onde se respeitassem de maneira equitativa os interesses dos países latino-americanos. Isso fomentou um sentimento hispano-americanista que teve entre seus principais mentores o embaixador-escritor Manuel Ugarte, que clamou pela preservação da cultura hispano-americana frente ao que denominou de “usurpação norte-americana”⁵⁶. Por outro lado, com a ascensão dos Estados Unidos ao status de grande potência, a solução de questões bilaterais que a Argentina reclamava ficou subsumida ao interesse da Casa Branca em assegurar a supremacia comercial e a estabilidade na América.

Nesse contexto, as revoltas e revoluções contra governos legítimos e ilegítimos em vários países, mantinham o clima de instabilidade que caracterizava a região latino-americana. Entre 1898 e 1920 os “*marines*” intervieram em territórios latino-americanos⁵⁷ em vinte e uma oportunidades. Estas atitudes norte-americanas em nada contribuíram para propagar o ideal pan-americano, mas sim para provocar uma difusão acelerada de que a única opção confiável era o latino-americanismo.

O marco do “não intervencionismo” foi a Conferência de Havana, em janeiro de 1928, na qual reinou um clima de confronto e de acusações à política norte-americana. Nela, a Argentina foi representada pelo embaixador em

⁵⁶ CISNEROS, Andrés; IÑÍGUEZ, Carlos. **Del ABC al Merosur: la integración latinoamericana en la doctrina y praxis del peronismo**. Buenos Aires: Nuevohacer, 2002. p. 507.

⁵⁷ Em 1985, Richars Olney, secretário de Estado do presidente Cleveland, proclamava: “Estados Unidos es hoy prácticamente soberano en este continente y su voluntad es ley sobre los subditos a los cuales limita su interposicion”. EISENHOWER, Milton: **Vino amargo: Estados Unidos y America Latina**. Bogotá: Ediciones del Tercer Mundi, 1964. p. 564.

Washington Honório Puyrredón que tornou pública a posição argentina. Assim atacava o intervencionismo, bem como sua justificativa:⁵⁸

“La soberanía de los Estados consiste en el derecho absoluto, en la autonomía interior y en la completa independencia externa. Ese derecho está garantizado en las naciones fuertes por su fuerza y en las débiles por el respeto de los fuertes. Si ese derecho no se consagra y no se practica en forma absoluta, la armonía internacional no existe. La intervención diplomática o armada, permanente o temporal, atenta contra la independencia de los Estados, sin que la justifique el deber de proteger el derecho de sus nacionales.”⁵⁹

Demoraria cinco anos para que, na Sétima Conferência Internacional dos Estados Americanos (Montevideu, dezembro de 1933) os Estados Unidos acenassem com outro tipo de relação. Em Montevideu aprovou-se e subscreveu a Convenção de Direitos e Deveres dos Estados⁶⁰, que incluía o princípio da não

⁵⁸ Explicitada na fala do representante norteamericano Charles Hughes que transcrevemos: “*No deseamos el territorio de ninguna republica americana No deseamos intervenir en asuntos de ninguna republica americana. Deseamos simplemente la paz , el orden , la estabilidad y el reconocimiento de los derechos legitimos, honestamente adquiridos. [...]Que debemos hacer cuando un gobierno desaparece y nuestros ciudadanos estan en peligro de muerte? Debemos permanecer al margen y ver como son salvajemente asesinados en la selva, con el pretexto de que un gobierno, en circunstancias que no puede controlar y de las que no puyede ser responsabilizado?...Naturalmente, los Estados Unidos no pueden abandonar su derecho de proteger a sus ciudadanos. Que devemos hacer cuando un gobierno cae y la vida de norteamericanos esta en peligro?. Nos limitaremos a mirar y verlos morir. Ahora es un principio de derecho internacional que justifica plenam,ente la accion de un gobierno [...]*”. In: DUROSELLE, Jean Batiste. **Política Exterior Norteamericana: De Wilson a Roosevelt (1913-1945)**. México: Fondo de Cultura Económica, 1965. p. 256-57.

⁵⁹ DUROSELLE, Jean Batiste. **Política Exterior Norteamericana: De Wilson a Roosevelt (1913-1945)**. México: Fondo de Cultura Económica, 1965. p. 256-57

⁶⁰Para Escude “*El logro más relevante de la Séptima Conferencia Internacional de Montevideo, desde el punto de vista latinoamericano, fue la adopción de la Convención sobre Derechos y Deberes de los Estados. Hull decidió aceptarla, aunque con una reserva en cuanto a declaraciones y políticas del gobierno de Roosevelt y al derecho de las naciones tal como es generalmente reconocido y aceptado. El artículo principal de la Convención era el que disponía que ningún Estado tiene derecho de intervención en los asuntos internos ni en los externos de otro. Según Connell-Smith, la aceptación de dicho documento fue una piedra miliar en la historia de las relaciones entre Estados Unidos y América latina, a pesar de las reservas endosadas por Hull. No obstante, debe señalarse que en esa época el gobierno de Roosevelt interpretaba la intervención de manera estrecha, entendiendo por tal el empleo de la fuerza armada. Así, poco después del fin de la conferencia, el presidente declaró que a partir de ese momento, la política definida de los Estados Unidos se opone a la intervención armada*”. No mesmo discurso assinala: “*Y sólo cuando la falta de*

intervenção.

Neste período, a Argentina reforçou seus laços com a Grã-Bretanha a um alto preço, segundo Mario Rapoport: *“el de malquistase com el país del norte em numerosas ocasiones em el âmbito internacional, sobre todo al criticar diversos aspectos de la política exterior estadounidense”*⁶¹ Entre outras causas, as represálias alfandegárias norte-americanas que discriminavam os produtos argentinos, chegou a seu ápice com a proibição da exportação dada suspeita de infecção por aftosa da carne argentina. Surge aí, a famosa palavra de ordem formulada na Exposição de Palermo pela Sociedade Rural Argentina *“comprar a quien nos compra”* o que significava, grosso modo, uma política preferencial com os países que adquiriam produtos argentinos, entenda-se Grã-Bretanha. O corolário desta política foi o Tratado Roca Runciman⁶² de 1933 que favorecia os interesses britânicos e prejudicava, através de mecanismos de controle cambial, o comércio com os Estados Unidos.

Com o Governo Roosevelt, as relações com Washington ficaram ainda mais tensas, já que, se por um lado no setor interno continuava a adotar práticas intervencionistas calcadas no pensamento keinesiano, por outro, em âmbito

los procesos ordenados afecta a las demás naciones del continente, pasa a ser de la incumbencia de ellas; pero lo que se debe destacar es que en tal caso pasa a ser de la incumbencia conjunta de todo un continente en el que todos somos vecinos”. CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000. p.897.

⁶¹ CARI (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas 1880-1995**. Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996.

⁶² Este tratado estabelecia uma quota de compra por parte da Inglaterra e, em contrapartida, a Argentina se comprometia em fazer concessões alfandegárias aos produtos britânicos, permitia o acesso de divisas das companhias inglesas para o país europeu e protegia os interesses do referido país nas ferrovias e no transporte marítimo. Este pacto comercial, fartamente abordado pela historiografia argentina foi duramente criticado pelas vertentes nacionalistas do período peronista, no entanto novas tendências teórico-historiográficas indicam que seriam poucas as possibilidades e os caminhos que o país poderia ter adotado neste período. Para aprofundar a temática ver: KOROL, Juan Carlos. El desarrollo argentino y la historia comparada. In: **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. E. Ravignani**. 3ª Serie, nº 5, 1992.

externo preconizava a política de abertura econômica para combater os protecionismos que, segundo os democratas, tinham sido os responsáveis pela crise de 1929. Este pensamento contraditório desestimulava as exportações da Argentina para os Estados Unidos, mas também condenava o tratados bilaterais que Buenos Aires assinara com a Inglaterra. O Secretário de Estado Cordell Hull era defensor desta política: abertura no externo e protecionismo no interno, opondo-se ferrenhamente ao Pacto Roca Runciman que considerava discriminatório.

Estas diferenças, aliadas a visões contraditórias sobre a unidade continental, contribuíram para tencionar as relações argentino-norteamericanas. Dessa forma, nas Conferências Internacionais de Buenos Aires⁶³ em 1936; Lima em 1938; e Havana, em 1940; a Argentina teve opiniões e posicionamentos divergentes dos Estados Unidos em numerosas temáticas da agenda pan-americana. O que inevitavelmente levava à Argentina a uma aproximação com a

⁶³ As propostas do delegado norte-americano eram: compromisso obrigatório de assistência recíproca em caso de ataque por uma potência não americana e um novo mecanismo interamericano para cumprir essa promessa se opunham à política exterior argentina desse momento, identificada pelos vínculos com Europa. Por sua parte, a terceira proposta de Hull (panamericanização da legislação sobre neutralidade com o objetivo de manter a região fora do alcance da guerra européia) consistia em uma neutralidade isolacionista, que imporia à Argentina prejuízos econômicas dada a enorme dependência argentina em relação ao mercado europeu. O governo argentino pronunciou-se pela neutralidade, mas não pela classe de neutralidade isolacionista proposta pelas autoridades norte-americanas, que implicava para a Argentina uma renúncia a seus tradicionais laços com Europa. No começo das deliberações da Conferência Hull introduziu um amplo plano que asseguraria a solidariedade interamericana frente à guerra européia ou em caso de ameaça à seguridade continental. O Plano do secretário de Estado norte-americano compreendia três pressupostos específicos: a) consulta obrigatória entre os Estados americanos em caso de ameaça à paz do hemisfério; b) criação de um comitê de consulta permanente de todos os ministros de relações exteriores para determinar a natureza da ação comum; e c) extensão a América Latina dos princípios de neutralidade vigente nos Estados Unidos. O chanceler argentino, Saavedra Lamas, atacou uma a uma as propostas de Hull, o que gerou um certo mal-estar na delegação do país do norte. Pensadores norte-americanos interpretaram a afronta como fruto dos anseios da elite política argentina desprovida de representatividade popular mas, os anos demonstraram que o povo argentino respaldou o confronto diplomático com os Estados Unidos.

Europa agonizante⁶⁴.

O regime militar que destituiu os 13 anos de governo conservador que se convencionou em chamar “década infame”⁶⁵, constituiu-se, na sua maioria, por militares nacionalistas. A princípio dos anos quarenta o nacionalismo crescia no meio de um clima internacional favorável. As vitórias iniciais do Eixo e suas simpatias pelos totalitarismos contribuiriam para que os militares se percebessem na vanguarda da história. Embora a maioria dos nacionalistas argentinos simpatizassem com os ditadores europeus, não se identificaram excessivamente com eles, para evitar prejudicar seu prestígio. Porém, impulsionaram a manutenção da neutralidade argentina na guerra e reagiram negativamente a qualquer tentativa de apoio aos aliados. Para Richard Walter:

El motivo básico del golpe militar era la preocupacion de ciertos oficiales nacionalistas de que el futuro presidente Robustiano Patron Costas, podria ceder ante las exigencias externas y modificar la postura neutralista del país, orientandose para una posicion pro-aliada. También, el movimiento golpista era tributario de una aversión general hacia los políticos ineptos y corruptos - como los percibían los militares - que ejercían el gobierno y de un deseo de poner en practica una serie de puntos contenidos en la agenda nacionalista en especial, promover una Argentina fuerte y unida, hacer frente a las presiones y amenazas de las potencias extranjeras y ejercer el liderazgo en los asuntos hemisféricos.⁶⁶

A influência nacionalista foi evidente nos governos militares que se sucederam entre 1943 e 1946. O General Rawson – primeiro presidente

⁶⁴ TULCHIN, Joseph S. **La Argentina y los Estados Unidos: Historia de una Desconfianza**. Buenos Aires: Planeta, 1990. RAPOPORT, Mario; SPIEGUEL, Claudio. **Estados Unidos y el Peronismo**. Buenos Aires: GEL, 1994. ESCUDE, Carlos. **La traición a los derechos humanos**. In: JALABE, S.R.(comp.). **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas 1880-1995**. Buenos Aires: GEL, ano 2001. Artigos diversos publicados em América Latina/Internacional de FLACSO/Buenos Aires e como documentos de trabalho dessa instituição. (por Roberto Russell, Mónica Hirst y otros).

⁶⁵ A Historiografia assumidamente “peronista” denominou este período de Década Infame aludindo às fraudes eleitorais e à corrupção nos governos conservadores de 1930-1943.

⁶⁶ WALTER, Richard. La derecha y los peronistas, 1943 – 1955. In: ROCK, David. **La Derecha Argentina: nacionalistas, neoliberais, militares y clericales**. Buenos Aires: Editorial Textos Libres, 2001. p. 208.

provisório – designou um gabinete misto que incluía civis e militares e que a embaixada norte-americana classificava como “*dominado por varios individuos que son conocidos por sus convicciones nacionalista de sentimientos pro-eje*”⁶⁷

Dois dias depois do golpe, que destituiu o governo conservador, Rawson foi substituído pelo General Pedro Ramirez. Sua equipe de ministros estava composta exclusivamente por militares de ambas facções pró-Aliados e pró-Eixo. Nas palavras de Richard J. Walter

“Para los nacionalistas era más importante hacerse con la gran cantidad de cargos de los niveles medios de la burocracia que ocupar los mas altos puestos ministeriales. Entre junio y diciembre de 1943, los nacionalistas ocuparon puestos cruciales, como las intervenciones en Cordoba y la Provincia de Buenos Aires, La intendencia de Buenos Aires, la Jefatura de Policia Federal, así como diversos cargos en varias universidades nacionales. El Ministro de Las Relaciones Exteriores Almirante Sewgundo Storni (pro-Aliado), fue obligado a renunciar.”⁶⁸

Desde seu começo, o governo militar foi autoritário. Governou por decretos, prorrogou o Estado de Sítio que tinha sido decretado em 1941 por Castillo, suspendeu as eleições, dissolveu o Congresso e, em certas oportunidades, censurou a imprensa. Depois da recomposição do gabinete em outubro, as características autoritárias se fizeram mais evidentes. A oposição – especialmente os universitários - foi submetida a uma dura repressão, assim como todos os grupos que apoiavam a causa aliada. Iniciaram-se investigações sobre concessões feitas ao capital estrangeiro durante o governo conservador de 1930-1943, nacionalizaram alguns bens de empresários estrangeiros e se intentou a criação de uma indústria bélica nacional.⁶⁹

Num primeiro momento, os diplomatas norte-americanos e o

⁶⁸ ROCK, David. **La Derecha Argentina**: nacionalistas, neoliberais, militares y clericales. Buenos Aires: Editorial Textos Libres, 2001.

⁶⁹ GERASSI, Navarro. **Los Nacionalistas** . Buenos Aires: Plus Ultra, 1985.

Departamento de Estado norte-americano aprovaram o golpe⁷⁰ admitindo que os militares argentinos, sedentos de armamentos e das divisas que o sistema *lend a leasing* poderia-lhes proporcionar, declarariam guerra ao Eixo, alinhando-se de vez com os aliados. Mas esse otimismo apressado, que inclusive foi acompanhado pela imprensa norte-americana, logo se reverteria. Em 12 de julho de 1943 o FBI remeteu ao presidente Roosevelt dados sobre a ideologia do novo presidente Pedro Ramirez⁷¹, mencionando especialmente suas tendências nacionalistas e referindo os quatro anos que tinha servido na Alemanha e na Itália. Concomitantemente, em 14 de julho, o governo argentino suspendia a denominada Acción Argentina, uma organização civil pró-aliada, contando com cerca de 400.000 membros.

Desta feita, o Secretário de Estado Cordell Hull e seus colaboradores tomaram consciência da inclinação nacionalista da Argentina. A decisão do Departamento de Estado norte-americano, de forçá-la à beligerância foi mais contundente e, a partir daí começaram a trabalhar objetivamente na desestabilização política do país. Posteriormente o próprio ex-secretário Sumner Wells fez o seguinte comentário:

“Todo análisis exacto de la historia de las relaciones internacionales entre 1943 y 1946 debe basarse en un juicio objetivo de la política adoptada por los Estados Unidos hacia la Argentina durante esos años. Porque los resultados de esa política determinaron todos los recientes desarrollos dentro del hemisferio (...). Ha demostrado ser un factor de fuerza tan corrosivo que su poder de desintegración,

⁷⁰ O secretário Cordell Hull e seus colaboradores festejaram o golpe, com a certeza que o derrocamento de Castillo determinaria a ruptura de relações com o Eixo. Os ingleses incorreram no mesmo erro: a embaixada alemã chegou a queimar seus arquivos secretos. Não demorou muito para que se tenha uma percepção clara do golpe. Quem a Manifestou de forma contundente foi *sir* David Kelly, o novo embaixador britânico em Buenos Aires:

⁷¹ CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000. p. 455.

aunque ahora fuese retardado, puede dejar su huella en muchos años por venir.”⁷²

Wells não se enganara. A Argentina tinha obtido uma vitória na Conferência do Rio⁷³ que lhe custaria muito caro. O país platino impediu, junto com a delegação chilena, que o governo de Estados Unidos obtivesse uma declaração que obrigasse a todos os países americanos à ruptura com os países do Eixo, e teve que conformar-se tão somente com uma simples recomendação. Este fato, e o comportamento posterior dos governos chileno e argentino, no que se refere aos cumprimentos dos acordos firmados, principalmente aqueles que versavam sobre o destino de investimentos e cidadãos do Eixo na América, foram responsáveis pelo atrito e desentendimento entre as mencionadas repúblicas sul-americanas e o país do norte.

A pressão levada a cabo pelos Estados Unidos, levou a que o Chile declarasse a ruptura da suas relações com a Alemanha em 1943. Argentina resistiu mais um ano porem, ficou totalmente isolada no continente. O governo norte-americano, não precisava mais de argumentos para decretar o boicote econômico, que caracterizamos no capítulo posterior, o qual se estendeu até 1949 e que seria o prenúncio de problemas graves para a Argentina.

A Argentina demoraria em romper relações com o Eixo, fato que só aconteceria no final da guerra. A principal justificativa de Buenos Aires para a neutralidade era a não agressão da Alemanha para com a Argentina e a importância do país em manter-se neutro para prover os próprios aliados com os produtos do pampa. Num famoso memorando enviado ao Departamento de Estado tentando justificar sua política, o ministro de relações exteriores Storni,

⁷² Sumner Welles, *Where Are We Heading?*, London, 1947, p. 186, apud CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000. p. 586.

⁷³ CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000. p. 587.

afirmava que *‘No seria fácil cambiar la politica exterior argentina por que el país disfrutaba de una atmosfera de paz, trabajo y comparativa abundancia’*. Para Carlos Escude, Storni cometeu uma *gaffe* diplomática já que além de acusar de boicote⁷⁴ e coerção dos Estados Unidos para com Argentina, acrescentou a acusação de que os norte-americanos estavam alterando o equilíbrio da região em favor do Brasil, entregando armas e dinheiro a seus vizinhos⁷⁵. Em resposta, o próprio presidente Roosevelt determinou o bloqueio dos fundos do *Banco Provincia e do Banco de la Nación Argentina*.

⁷⁴ As principais medidas discriminatórias foram basicamente a seguinte: a) proibição decretada pelos Estados Unidos de América de exportar para a Argentina aços, ferros, equipamentos de perfuração de petróleo, peças de ferrovias e pneus. Ficaram fora dos equipamentos destinados a frigoríficos e a extração de tungstênio; b) restrição de licenças de exportação com destino à Argentina de materiais que pudessem ser utilizados militarmente; c) negativa da Argentina participar do Programa de Empréstimos e Arrendamentos; d) proibição de transportar produtos norte-americanos em navios de bandeira argentina; e) congelamento de 400 milhões de dólares Estados Unidos para Argentina; g) proibição de todo buquê norte-americano ou aliado de atracar em portos argentinos; f) esforços realizados pela Administração de Cooperação Econômica dos Estados Unidos, criada para administrar o Plano Marshall, com a finalidade de evitar que países europeus utilizassem os recursos para a compra de alimentos argentinos. GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. **El ciclo de la ilusión y el desencanto: un siglo de políticas económicas argentinas**. Buenos Aires: Ariel sociedad económica, 1999. p. 321.

⁷⁵ O memorando do ministro Storni o Departamento de Estado fez uma reavaliação da sua política para com a Argentina. E finalmente se decidiu enviar uma resposta à nota de Storni. O documento assinado por Cordell Hull e datado em 30 de agosto de 1943 é um dos documentos diplomáticos mais contundentes e agressivos para com outro governo. Transcrevemos a continuação o análise do especia lista em relações exteriores Jose Paradiso sobre a manifestação norteamericana “En respuesta al pedido de Storni de aviones y armas, de manera que la Argentina pudiera restaurar el equilibrio en América latina, el mensaje de Hull observó que este tipo de balance no era coherente con la doctrina interamericana de la resolución pacífica de las disputas. Negó también que Estados Unidos proveyera armas a los vecinos de la Argentina por otra razón que no fuera la defensa hemisférica. Dado que la Argentina había indicado que sus fuerzas armadas no serían utilizadas bajo las circunstancias del momento, era imposible incluir a dicho país en un acuerdo de préstamo y arriendo. Cuando la comunicación fue entregada al embajador Espil, el 7 de septiembre de 1943, éste contestó que la posición que estaba tomando Washington era muy legalista y que tendría mal efecto en las relaciones entre ambos países. También sostuvo que la respuesta de Hull sacaba ventaja de un intento amistoso de Storni por clarificar la posición Argentina”. CARI (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas 1880-1995**. Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996. p 765.

O incidente isolou ainda mais Argentina no hemisfério e gerou apoio político para a “línea dura” contra este país nos Estados Unidos. Se o objetivo do governo norte-americano era forçar uma mudança na política, foi contraproducente, pois esta atitude fez com que os elementos pró-aliados se retirassem da composição do governo e fossem substituídos pelos “simpatizantes do eixo”. A partir daqui as relações começaram a deteriorar-se rapidamente, chegando ao ponto do secretário Hull pensar numa intervenção armada na Argentina mas, optando pelo embargo total do comércio argentino associado com um a campanha publicitária anti-argentina que, a seu critério, derrubariam, de vez, o governo Ramirez.

Um dos principais pontos contra o qual Hull investia, era no “expansionismo” argentino. Tentou mostrar que a Argentina fora responsável pelo golpe na Bolívia que depôs o governo boliviano de Enrique Peñerada, de orientação pró-aliada, substituindo-o por um de direita, que colocou o Major Villaroel no poder. Existiam ainda, claras evidências de elementos da Ação Integralista Brasileira⁷⁶ articulando na Argentina um golpe contra o governo Vargas. Mas, quando o Departamento de Estado norte-americano estava reunindo os documentos para torná-los públicos na grande imprensa, o governo da Grã Bretanha, que era grato à Argentina por vender à credito todo seu excedente de gado bovino, minimizou o perigo que Hull adjudicava ao país do sul através do seu embaixador na Argentina, lord Halifax e posteriormente do próprio Winston Churchill. Eles intermediaram, a pedido do chanceler argentino General Gilbert sua ruptura com o Eixo que se deu definitivamente em 26 de janeiro de 1944.

Embora a alternativa armada fosse deixada de lado a ameaça de

⁷⁶ CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000.

enforcamento econômico surtia efeitos dada a tamanha assimetria⁷⁷ das relações econômicas entre ambos países, que na opinião do professor Cisneros:

“Una vez más, la decisión de Washington de coaccionar a la Argentina se había tomado a pesar de dos hechos que la hacían innecesaria: la notificación de la junta asesora del ejército y la marina, en diciembre de 1943, de que el Eje ya no era una amenaza militar en el hemisferio; y de las advertencias británicas de que los suministros argentinos eran vitales para el esfuerzo de guerra aliado. El gobierno norteamericano no presionó a la Argentina para favorecer las operaciones militares aliadas, sino para desestabilizar a un gobierno que se oponía al liderazgo hemisférico norteamericano, no comprendiendo que por motivos arraigados en la historia económica y la tradición diplomática, cualquier gobierno argentino hubiera procedido de la misma manera.”⁷⁸

Como afirma o autor, a Alemanha já não representava uma ameaça neste período e a Argentina, embora lucrasse substancialmente, abastecia os aliados com os produtos do pampa. Mas isto não foi ponderado pelo Departamento de Estado assim como tampouco a tradição diplomática argentina que ia ao encontro da total neutralidade. Contrariamente ao esperado, quando mais se pressionasse a Argentina mais se acenderia a chama do nacionalismo exacerbado e a demonização dos Estados Unidos.

A substituição do presidente Ramirez por Edelmiro J. Farrell em 9 de março de 1944, devido a este reflorescimento nacionalista, fruto da coerção norte-americana, não poria fim à política coercitiva. Antes pelo contrário, o novo governo não foi reconhecido pelos Estados Unidos⁷⁹ que ainda pressionou a Grã-Bretanha e outras nações americanas para o não reconhecimento. Foi tal o

⁷⁷ O conceito assimetria foi utilizado por Carlos Escudé para caracterizar as desigualdades entre um país hegemônico e outro periférico. Nos referiremos a ele no final deste sub-capítulo.

⁷⁸ CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos, 2000. grifo nosso.

⁷⁹ Ver: SHERWOOD, Robert E. **Hopkins e Roosevelt: Uma História da Segunda Guerra Mundial**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998; LANÚS, Juan Archibaldo. **De Chapultepec al Beagle: Política Exterior Argentina (1945-1980)**. Buenos Aires: EMECÉ, 1984; ROCK, David. **La Derecha Argentina: nacionalistas, neoliberais, militares y clericales**. Editorial Textos Libres, 2001. CARI (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas 1880-1995**. Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996.

posicionamento norte-americano⁸⁰ que, embora o suprimento de carne argentina para Inglaterra fosse de vital importância, este país retirou seu embaixador num claro sinal de submissão à política norte-americana.

As acusações que pesavam sobre Argentina eram inúmeras e o Departamento de Estado listou-as num memorando que enviou a todo o continente. Nele se afirmava que *“El regimen de Farrel estava lavando a cabo represarias economicas contra otras republicas americanas, negando licencias de exportacion que eran abundantes em la Argentina. Concedia contratos a firmas enemigas, apoyaba periódicos pro-Eje”*⁸¹

Estas afirmações tiveram um efeito contrário ao sentimento de instabilidade que os Estados Unidos pretendiam gerar na população argentina, que via seu país ser desrespeitado pela potência do norte, e lembremos que já neste período Perón estava operando “milagres” na Secretaria de Trabalho e que portanto, tinha o apoio claro e maciço dos trabalhadores. Por outro lado devemos considerar que no *imaginário* popular argentino, ir contra “*el coronel*” era ir contra todas as conquistas trabalhistas já adquiridas e aquelas que, na virtual continuidade de Perón, ainda viriam.

Vários governos latino-americanos que tentaram mediar o problema, como se ele fosse bilateral, foram ameaçados com sanções econômicas, como no caso da Bolívia; ou de Chile, que foi acusado de “colaboracionismo com

⁸⁰ Em 30 de junho, o embaixador Armour partiu de Buenos Aires: para dar o exemplo aos países latino-americanos e deixar claro que o novo governo não seria reconhecido. O Secretário de Estado Cordell Hull pressionava ao embaixador inglês para que este tomasse a mesma atitude. O próprio Roosevelt enviou um telegrama a Winston Churchill que retirou o embaixador David Kelly na Argentina. Com ele, partiram os embaixadores chileno, mexicano e uruguaio. Posteriormente, um telegrama do Departamento de Estado norte-americano a todo o continente punha ênfase na iniquidade da “deserção” argentina e advertia que qualquer ameaça de reconhecimento seria vista como um insulto à causa aliada. POTASH, Robert. **El ejército y la política en la Argentina 1945-1962**: de Perón a Frondizi. Buenos Aires: Sudamericana, 1994. p. 168.

⁸¹ CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000. p. 745.

Buenos Aires” e o presidente Rios, para poder entrar nos Estado Unidos, deveria romper relações com Argentina.

As declarações do Secretário de Estado norte-americano Cordell Hull, evidenciam o ponto crítico a que tinham chegado as relações: *“En el momento mas critico de la historia de las republicas americanas, la Argentina há violado abiertamente sus promesas abierta y notoriamente ayudando a los enemigos de las Naciones Unidas, causando graves daños a la solidaridad continental y al esfuerzo bélico de las Naciones Unidas”*⁸²

Posteriormente às declarações de Hull, o ministro de exterior General Peluffo transmitiu uma mensagem na presença do presidente Farrel e do vice-presidente Juan Domingo Perón em defesa da posição argentina, salientando a intenção do governo de defender a soberania nacional. Referiu-se às discriminações injustificadas contra Argentina, a exclusão do país da agenda internacional e os constantes ataques da mídia norte-americana⁸³. Mesmo assim, afirmou que esperava ser compreendido já que o governo reunia todos os requisitos legais para o reconhecimento. Esta resposta moderada do governo fez com que a população aderisse a seus governantes e que interpretassem as agressões como uma afronta à dignidade e ao orgulho nacional, percebendo como alvo a população argentina e não tão somente o governo.

Mais uma vez a estratégia de Hull em forçar a queda do governo

⁸² DI TELLA, Torcuato. **Historia de la Argentina contemporánea** Buenos Aires: Troquel, 1999. p. 78-79.

⁸³ Segundo BANDEIRA: “Os estímulos financeiros à Argentina para criar um clima de intranqüilidade e derrocar o governo Farrel – Perón foram entre 1 e 10 milhões de dólares distribuídos generosamente por empresas privadas para o rádio, jornal e cinema da Argentina. O Banco de Boston concedeu um empréstimo de 2 milhões de dólares para o jornal La Razón que estava falido e que continuasse a campanha contra o governo”. BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: da tríplice aliança ao Mercosul (1870-2003)**. Rio de Janeiro: Editora Renavan, 2003. p. 354.

argentino, através da pressão popular, se mostrou totalmente ineficaz e teve efeitos diametralmente adversos ao desejado. Posteriormente, o General Perón, experiente em receber pressões do norte, aproveitou uma situação similar, quando Spruille Braden, como veremos no terceiro capítulo, o atacava a partir de sua embaixada em Buenos Aires, para catalisar a indignação popular e se eleger presidente dos argentinos.

No final de 1944, era evidente que os esforços do secretário Hull não estavam dando resultado. O governo Farrell não mostrava sinais de estar capitulando. Em realidade a pressão de Washington parecia estar concedendo ao governo argentino um argumento para obter respaldo interno. Segundo Francis, quatro fatores interagiram para que se produzisse uma mudança na política. Em primeiro lugar, a renúncia de Hull a seu cargo em dezembro de 1944, permitiu a nomeação de outras pessoas nas áreas dedicadas à política com a América Latina. Edward Stettinius ocupou seu lugar, e Nelson Rockefeller foi designado para o novo cargo de secretário assistente para Assuntos Latino-americanos. Rockefeller tinha estado a cargo da Oficina do Coordenador de Assuntos Interamericanos e conhecia a insatisfação dos países da região com política de Washington respeito à Argentina. Considerava ainda que a política latino-americana dos Estados Unidos deveria basear-se na não intervenção e na igualdade jurídica dos Estados e dos assuntos das Repúblicas

Em segundo lugar, a Argentina tinha encontrado uma via para conseguir o apoio dos países da região, solicitando à União Pan-americana, em outubro de 1944, a convocação de uma reunião para discutir as relações exteriores do país. Em terceiro lugar, os interesses norte-americanos viam como se estava desperdiçando o mercado argentino e temiam a nacionalização de suas inversões. Estes seriam escutados pela nova administração.

Por último, devemos contabilizar o fracasso em obter a colaboração de Londres. Em dezembro, a embaixada norte-americana em Buenos Aires informava que era evidente que os britânicos não estavam cooperando em

limitar as exportações da Argentina, tendo, inclusive, aumentado o fluxo comercial. Ainda se mencionava que as exportações brasileiras para o país tinham aumentado enormemente. Neste contexto, a Argentina solicitaria uma reunião à União Pan-americana, mas o governo norte-americano conseguiu que esta não se levasse a cabo, mas sim uma Conferência Interamericana sobre problemas da Guerra e da Paz, na qual só poderiam participar os países que se tinham unido no esforço bélico. Desta reunião conhecida como Conferência de Chapultepec⁸⁴ a Argentina fez parte graças à pressão do governo brasileiro e de outras nações que acreditavam que a presença do país era de vital importância para a Conferência.

⁸⁴ No dia 22 de fevereiro de 1945 se reuniram na Cidade de México, no Palácio de Chapultepec, a Conferência Interamericana sobre problemas da guerra e da paz, da qual a República Argentina tinha sido excluída. A Conferência de Chapultepec adotou uma série de resoluções relativas ao momento que se vivia, mas no que dizia respeito ao governo argentino, se aprovou por unanimidade, comunicar a Buenos Aires que: “1- Deplorar que la Nación Argentina no haya encontrado posible hasta ahora tomar las medidas que permitieran su participacion em la Conferencia Interamericana sobre Problemas de la Guerra y la Paz, com cuyas conclusiones se consolida y extiende el principio de solidaridad del hemisfério contra toda agresion. 2- Reconocer que la unidad de los pueblos de América es indivisible y que la Argentina es y há sido siempre parte integrante de la union de las repúblicas americanas. 3- Formular sus votos por que la Nación Argentina pueda hallarse en condiciones de expresar su conformidad y adhesion a los principios y declaraciones que son frutos de la Conferencia de Mexico, los cuales enriquecen el patrimonio juridico y politico del Continente y engrandecen el derecho publico americano al cual en tantas ocasiones ha dado la Argentina contribucion notable. 4 – Renovar la declaracion de que, como se estableció en la Conferencia de La Habana, se amplio y vigorizó en el “Acta de Chapultepec” y se há demostrado en la asociacion de las Republicas Americanas, como miembros de las Naciones Unidas, la conferencia considera que una completa solidaridad y una politica comun entre los Estados Americanos, ante la amenaza de agresion de cualquier Estado americano, son esenciales para la seguridad y la paz del Continente. 5 – Declarar que el Acta Final de la Conferencia queda abierta a la adhesion de la Nacion Argentina, siempre de acuerdo con el criterio de esta resolucion, y autorizar al Exelentísimo Senhor Licenciado Ezequiel Padilla. Presidente de la Conferencia, para que comunique al Gobierno argentino, por su conducto de la Union Panamericana, las resoluciones de esta Asamblea.” Perante o perigo de ficar totalmente excluída da comunidade de Estado que formariam a nova organização mundial de pós-guerra e ao perceber que o Eixo chegava a seu patético final O governo de Buenos Aires declarou guerra a Japão e Alemanha o dia 27 de março de 1945 através do decreto 6.945. As atas de Chaputepec só seriam ratificadas pelo Congresso no Governo Constitucional de Juan Domingo Perón em 1946. Retirei esta resolução de: LANÚS, Juan Archibaldo. **De Chapultepec al Beagle: Política Exterior Argentina (1945-1980)**. Buenos Aires: EMECÉ, 1984. p. 45-47.

É evidente que esta política norte-americana colocou a Argentina numa posição extremamente desfavorável, num período que começou com o final da Segunda Guerra Mundial e que se prolongou durante parte da Guerra Fria. Durante essa etapa, o país viu-se condenado à marginalização, estancamento e a uma subordinação cada vez maior devido, entre outros fatores, aos comportamentos históricos, à falta de complementação econômica com os Estados Unidos, e principalmente, à escassa relevância estratégica para esse país. Para Carlos Escudé:

“(....)la estructura más profunda de las relaciones entre la Argentina y los Estados Unidos subyace una asimetría que es extremadamente difícil de digerir, y que signa a estas relaciones de una manera crónicamente insatisfactoria. La Argentina es profundamente dependiente del poder financiero norteamericano, al punto de que no sólo nuestro bienestar sino incluso nuestra viabilidad como país dependen de la buena voluntad de los grandes banqueros de Wall Street y de los funcionarios de los departamentos de Estado y del Tesoro. Por el contrario, los Estados Unidos en nada dependen de la Argentina. No sólo no son complementarias nuestras economías, sino que para colmo no poseemos una posición geográfica estratégica, y estamos tan lejos de sus fronteras que las catástrofes políticas o económicas que aquí puedan acontecer no alcanzarían a dañar sus intereses vitales ni a representar un peligro para su seguridad. No estamos en posición de darles algo muy significativo, ni de quitarles algo que sea muy necesario; no es grande el beneficio que podemos prestarles ni el daño que podemos infligirles”.⁸⁵

Esta percepção pessimista, mas real, do autor nos pode levar a concluir que no mundo de 1946 não existiam maiores possibilidades a não ser o total alinhamento e condescendência à potência do norte. No entanto o mundo de pós-guerra brindou possibilidades reais de um relacionamento menos desigual. Perón tentou de várias maneiras quebrar esta assimetria: às vezes de forma errática e incoerente outras, com lucidez e percepção diplomática elogiável. A *Tercera Posición* e as tentativas de aproximação com os países latino-americanos, são mostras disto. Os resultados desta política externa e suas repercussões na imprensa gaúcha serão o foco do último capítulo.

⁸⁵ Escudé. Grifo nosso

2. OS REFLEXOS ECONÔMICOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA ARGENTINA PERONISTA

“Esta por terminar la guerra en Europa, y los que no somos ya muy jóvenes sabemos cuáles son las consecuencias de las terminaciones de las guerras en Europa. Los gobernantes de hoy deben mirar fijamente para ese periodo de posguerra que viene como para nosotros cargado de oscuros nubarrones que las mentes más privilegiadas no pueden prever en sus consecuencias cuando comienzan a descargar su acción La posguerra traerá profundos problemas, [...] en primer termino una paralización y una desocupación Traerá asimismo, una agitación natural en las masas, pero traerá también una agitación que no será natural sino artificial de esas mismas masas”

Juan Domingo Perón⁸⁶

A influência da Segunda Guerra Mundial, não se limitou à esfera política. A economia experimentaria mutações significativas que transformariam profundamente a feição do país. O governo do General Perón (1946-1952) herdava, como vimos anteriormente, o passivo da neutralidade. No entanto, neste período, acumularia as divisas que o auxiliariam na gênese de um movimento calcado na expansão do Estado e na incorporação das massas ao consumo, e que perduraria “nominalmente” até os dias de hoje sob a denominação de “justicialismo”. Por outro lado, o posicionamento diplomático do primeiro governo Perón estava, entre outros fatores os quais desenvolveremos no decorrer de nosso trabalho, condicionado pela estrutura econômica que se delineava no pós-guerra.

Neste capítulo nos interessa analisar as marcas que o conflito mundial deixou na Argentina, conformando características que determinariam um comportamento específico da sua política externa.

Consideramos que a Segunda Guerra Mundial é um ponto de inflexão

⁸⁶ PERÓN, Juan Domingo. El sindicalismo gremial sucede al sindicalismo político. In: **El pensamiento del secretario de Trabajo y Previsión en el análisis de los problemas de la clase media**. Buenos Aires: Freeland, 1944. p. 122.

na história latino-americana. Durante e depois dela as diferentes nações do sul do continente americano não foram mais as mesmas. A estrutura econômica mundial foi totalmente alterada a partir da guerra e a orientação política das nações latino-americanas foi norteada conforme as interpretações que faziam dos acontecimentos no Velho Mundo. Nesse sentido, o período é indubitavelmente rico para fazermos uma prospecção.

A Segunda Guerra Mundial, que teve início na Europa em setembro de 1939, foi o terceiro grande impacto na América Latina em 25 anos, se consideramos a Primeira Guerra Mundial e a depressão de 1929. Podemos ainda contabilizar que a América Latina tinha sido adversamente afetada pela breve recessão do comércio mundial de 1920-1921, quando despencaram os preços dos bens, e pela depressão entre 1937 e 1939, período no qual se reduziram os volumes de comércio mundial⁸⁷.

As repercussões da Segunda Guerra sobre América Latina foram quantitativa e qualitativamente distintas das perturbações anteriores. Em primeiro lugar; a guerra foi muito mais devastadora para a região em termos de desorganização de seus mercados tradicionais. Em 1940 as potências do Eixo controlavam grande parte do litoral europeu, desde o norte da Noruega até o Mediterrâneo,⁸⁸ gerando o bloqueio britânico que privou às repúblicas latino-americanas, a despeito de sua inicial neutralidade na guerra⁸⁹, o acesso aos mercados europeus continentais. Além do próprio mercado britânico – de vital importância para a Argentina e para o Uruguai - que começou a se contrair

⁸⁷ BULMER-THOMAS, Victor. **La Historia Económica de América Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

⁸⁸ FODOR, J.; O'CONNEL, A. La Argentina y la economía Atlántica en la primera mitad del siglo XX. In: **Revista Desarrollo Económico**, nº 131973, 1973. p. 13-65.

⁸⁹ Todos os países latino-americanos eram neutrais antes que o Japão atacasse os Estados Unidos em dezembro de 1941. A partir desse momento todas as repúblicas situadas ao norte do Equador, declaram guerra ou romperam relações com o Eixo.

quando o Reino Unido decretou uma economia de guerra.

Por outro lado, como aponta Victor Bulmer-Thomas, a guerra eclodiu depois de aproximadamente uma década de crescente desilusão com o tradicional modelo exportador latino-americano. Para Mary Thorp: “*El resultado fue un creciente nacionalismo em buen numero de repúblicas latinoamericanas y un compromiso mayor aunque mal expresado – com el desarrollo interno y la industrializacion como modelo alternativo al tradicional crecimiento guiado por las exportaciones*”⁹⁰. No caso específico da república Argentina, os governos oligárquicos de 1930-1943, além de direcionarem a economia exclusivamente para o modelo agro-exportador, intensificaram a bilateralização dos negócios nacionais com a Inglaterra⁹¹, a exemplo do denominado Pacto Roca-Runciman⁹². Durante os anos trinta detectamos estas modificações no ambiente intelectual e político, não tão somente na Argentina onde, como veremos posteriormente, os militares se aglutinaram em torno do grupo de nacionalistas liderado por Perón e que vai levar ao golpe de Estado de 1943, como também, em toda América Latina. Essas modificações ocorreram,

⁹⁰ THORP, Mary. Las Economías Latinoamericanas: 1930-1950. In BETHEL, Leslie. **Historia de América Latina economía y sociedad desde 1930**. Barcelona: Editorial Critica, 2000. p. 47-48.

⁹¹ Desde as últimas décadas do século XIX a expansão da economia da Argentina foi responsável pela aproximação desta com a Grã-Bretanha. A maioria dos capitais investidos no país provinha da Inglaterra. Para lá se dirigiam a maior parte das exportações de cereais e, principalmente, de carne resfriada. Da Inglaterra, provinham além de capitais, produtos manufaturados e o carvão de pedra que alimentava as caldeiras dos trens. A partir de 1932, a ameaça por parte da Inglaterra de adquirir produtos dos países membros da comunidade britânica, pôs em perigo as exportações Argentinas de carne congelada e cereais que concorriam com a produção da Austrália e da Nova Zelândia. A resposta argentina consistiu em procurar os meios para manter a bilateralidade comercial. Foi enviada à Inglaterra uma comissão encabeçada pelo vice-presidente Julio A. Roca que concluiria um tratado com o representante britânico em 1933 conhecido como o Pacto Roca - Runciman (ver capítulo anterior). KOROL, Juan Carlos. El Desarrollo Argentino y la Historia Comparada. In: **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. E. Ravignani**, 3ª serie, v.5, 1992. p. 45-47.

⁹² FODOR, J.; O'CONNEL, A. La Argentina y la economía Atlántica en la primera mitad del siglo XX. In: **Revista Desarrollo Económico**. 1973. n° 13, p. 18.

principalmente, na Bolívia após a Guerra do Chaco, com a expropriação de interesses petrolíferos estrangeiros, e no México com as nacionalizações do governo Cárdenas (1934-1940). Por outro lado, percebemos um compromisso com a indústria mediante a criação de instituições de fomento como o CORFO (Corporación de Fomento a la Producción) no Chile, e o Plan Pinedo na Argentina⁹³. Nesse sentido, a guerra apontou para uma transição superando o tradicional *crecimiento hacia fuera*, guiado pelas exportações e pela adoção de um *crecimiento hacia adentro* baseado na substituição de importações.

As transformações em curso nos anos trinta se acentuaram ainda mais com a deflagração do conflito mundial. Para que tenhamos uma idéia clara das modificações estruturais na economia mundial, devemos considerar que a Europa comprava quase 55% das exportações totais da América Latina e provia aproximadamente 50% das importações, fato que demonstra o grau de dependência e de vulnerabilidade em que se encontrava a região no período imediatamente anterior ao conflito. Com a deflagração do conflito a Grã-Bretanha fez o possível para comprar tudo o que precisava em 1940 para, dessa forma, impedir que produtos essenciais caíssem em mãos de inimigos, mas isto não foi suficiente para resolver a perda do mercado continental. Inevitavelmente o único país que poderia absorver e prover a região eram os Estados Unidos da América.

O governo Roosevelt mostrou-se sensível às necessidades latino-americanas, consciente das conseqüências que adviriam com uma crise econômica na região. Todavia, devemos considerar que a solidariedade latino-americana com os Estados Unidos não estava consolidada e ainda pairavam fortes simpatias fascistas e nacional-socialistas. Por outro lado, os Estados

⁹³ Importante plano de intervenção estatal, reestruturação das manufaturas argentinas e de incentivo às novas instalações, que foi formulado no Castillo em 1940 e que aprofundaremos quando detalharmos a economia Argentina do período.

Unidos precisavam garantir as matérias primas e produtos estratégicos oriundos da região.

O resultado destas necessidades foi a Conferência do Panamá⁹⁴ em outubro de 1939 que se materializou em acordos econômicos e financeiros como a criação da Comissão Interamericana de Desenvolvimento, cujas tarefas eram “*estimular el comercio de productos no competitivos entre América Latina y Estados Unidos; promover el comercio intralatinoamericano, y favorecer la industrialización*”⁹⁵

O fechamento, após a ocupação por parte do Japão, de consideráveis regiões asiáticas e de mercados exportadores de materiais estratégicos, fez com que os Estados Unidos aprofundassem seu relacionamento econômico-comercial com a América Latina⁹⁶, para suprir, em parte, as deficiências destes materiais, principalmente através de empréstimos oficiais por intermédio o Export-Import

⁹⁴ Antes de começar a guerra, a Argentina convocou uma conferência para discutir as conseqüências desta para as repúblicas americanas, conforme as determinações do Pacto Anti Bélico de 1933. Os Estados Unidos ignoraram a iniciativa da Argentina e com a invasão da Polônia em 1939, propuseram uma conferência no Panamá, para promover, sob sua liderança, a “Solidariedade Continental” O governo argentino se submeteu a esta manobra norte-americana. Na reunião do Panamá que aconteceu em setembro e outubro de 1939, o delegado argentino, Leopoldo Melo, se esforçou por trabalhar junto ao sub-secretário de Estado Sumner Welles com a finalidade de conseguir manter a neutralidade, e planificar a manutenção da segurança continental frente a guerra européia e adotar medidas para enfrentar os problemas econômicos que se avizinhavam com o conflito. A Conferência adotou três resoluções: a primeira era a declaração conjunta de solidariedade continental, pela qual os signatários se comprometiam a conservar a paz entre eles; a segunda, a declaração geral da Neutralidade, deixava à critério de cada país como aplicá-la, mas recomendava que seus territórios não fossem utilizados como bases para operações bélicas; a terceira tratava-se de uniformizar a aplicação da neutralidade e de criar um Comitê Interamericano de Neutralidade para que formulara recomendações para tanto. USINGER, G. **Fundamentos de la política internacional argentina**. Rosario: Imprenta de la Universidad Nacional del Litoral, 1992. p. 213-214.

⁹⁵ BULMER-THOMAS, Victor. **La Historia Económica de América Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998. p. 74.

⁹⁶ Os empréstimos dos Estados Unidos para América Latina tinham sido quase inexistentes até 1938. No entanto, Nos primeiros anos da guerra superaram os U\$ 15.000.000 até chegar a um máximo de U\$ 178.000.000. STALLINGS, B. Banker to the Third World: Us Portfolio Investment. In: **Latin América 1900-1986**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1987. apud KEYNES, John Maynard. **Las consecuencias económicas de la paz**. Barcelona: Crítica, 1987. p. 324.

Bank e o *lend-lease*⁹⁷. A cooperação econômica norte-americana, no entanto, deixou de lado a Argentina, que continuava vinculada estreitamente à Inglaterra, a qual detinha mais da metade dos investimentos naquele país: U\$\$ 1,4 bilhões⁹⁸ capitais britânicos controlavam a exportação e importação de matérias primas como tanino e iodina⁹⁹

Em 1940 quando os efeitos da Guerra na Europa já se fizeram sentir, ela absorvera

⁹⁷ . A Ata *lend-lease* (literalmente empréstimos e arrendamento) teve sua origem na intenção de auxiliar e abastecer a Grã Bretanha. Ao final da guerra todos os países latino-americanos tinham recebido auxílio, excetuando-se a Argentina. Nesse sentido são apropriadas as considerações de ESCUDÉ Carlos e CISNEROS quando afirmam “*Esta ley de Préstamo y Arriendo autorizó al presidente de Estados Unidos, cuando lo considere de interés para la defensa nacional (...) a vender, permutar, transferir, arrendar, prestar toda clase de artículos para la protección del gobierno de cualquier país cuya defensa, el Presidente, considere vital para los Estados Unidos. En consecuencia, dicha ley otorgó respaldo jurídico interno a la proyección internacional del gobierno norteamericano como el -arsenal de las democracia - .Esta política, consistió en donaciones de bienes o capitales por parte del gobierno norteamericano a determinados países sin contraprestación de las naciones receptoras. Estas operaciones tuvieron una finalidad política, generalmente expresa, y descansaron en la premisa de que es preferible la ayuda masiva a un plan de defensa de costo equivalente o superior a la guerra misma. La ausencia de contraprestación por parte de los países receptores de la ayuda económica norteamericana no implicaba la ausencia de ventajas para el país donante, pues la reactivación económica de los primeros aumentaba el intercambio y, en consecuencia, terminaba beneficiando al país que había otorgado la ayuda. La política del Préstamo y Arriendo consistió en prácticamente un regalo de armamento del gobierno de Estados Unidos a aquellos países latinoamericanos que sintonizaran con la política de seguridad norteamericana. Dicha política alteró de manera sustancial el equilibrio de poder en la región, favorable a la Argentina hasta la Segunda Guerra Mundial. Así lo atestigua una nota enviada por el embajador de Alemania en Río de Janeiro, Ritter, quien, en marzo de 1938, daba cuenta a Hitler de la preocupación brasileña respecto de su poderoso vecino en los siguientes términos: A partir de la vigencia del Lend-Lease o política de Préstamo y Arriendo en marzo de 1941, las entregas de armas por parte del gobierno norteamericano a países latinoamericanos reverdecieron viejas rivalidades intra-regionales. Desde esa fecha en adelante, la diplomacia argentina intentó congeniar dos actitudes irreconciliables: mantener la neutralidad y a la vez evitar su creciente inferioridad bélica procurando captar la ayuda norteamericana por el camino del Lend-Leas.” CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000. p. 567. Grifo nosso.*

⁹⁸ Dados extraídos de LUCCHINI, Cristina. El proceso de industrialización por sustitución de importaciones en la argentina. In: DI TELLA, Torcuato; LUCCHINI, Cristina (comp.). **Teoría e Historia: Una aproximación al estudio de la sociedad y el Estado en América Latina**. Buenos Aires: Editora Biblos, 2000. p. 78.

⁹⁹ Substância orgânica, metano triiodado, empregada como anestésico local e como anti-séptico [CHI3].

36,4% das exportações argentinas e a Europa continental 24,4%, enquanto os Estados Unidos ficaram apenas com 17,5%. E, em menos de três meses depois do golpe de 1943, firmara com o Governo Ramirez um convênio, o maior de toda a história, para a compra de 1,5 bilhão de toneladas de carne, até outubro de 1944.¹⁰⁰

A historiografia argentina¹⁰¹, aponta as relações comerciais Inglaterra/Argentina como uma das variáveis responsáveis pela neutralidade perante o conflito mantido até quase findar a Guerra. Dessa forma, deve ser compreendida como um salvo-conduto para os navios argentinos que supriam de alimentos a Grã-Bretanha que estava totalmente voltada para uma economia de Guerra. Deve-se considerar ainda a atividade econômica mantida com a Alemanha, desde a década de 1930, e a presença de investimentos na área industrial, principalmente no setor de instalações elétricas¹⁰². As relações

¹⁰⁰ BANDERA, Luiz Alberto Moniz. **Estado Nacional e Política Internacional na América Latina**: o continente e as relações Brasil Argentina (1930 – 1992). Brasília: Editora Universidade de Brasília Edunb, 1993. p. 187.

¹⁰¹ Uma considerável revisão historiográfica podemos encontrar em: IBAÑEZ, Jose . **El Tratado Roca-Runciman**. Buenos Aires: La Bastilla, 1972. p. 14-15; TULCHIN, Joseph S. **Argentina, Gran Bretaña y Estados Unidos**. 1930-1943. Buenos Aires: Revista Argentina de Relaciones Internacionales, CEINAR, 1976. Año II, nº 5, p. 62-63; BULMER-THOMAS, Victor. **La historia economica de América Latina desde la independencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998. p. 43. SOLBERG, Carl. **Petroleo y nacionalismo en la Argentina**. Buenos Aires: Biblioteca Argentina de historia y política hispanoamericana, 1980. p. 87. MUÑOZ SANCHIS, Jose. **La Argentina y la Segunda Guerra Mundial**. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1992. JORGE, Eduardo. **Industria y concentración económica**. Buenos Aires: Hispanoamérica, 1986.

¹⁰² Existe uma farta documentação a respeito das relações econômica-comerciais Argentina –Alemanha. Estas estão relacionadas na obra de CISNEROS, Andrés; ESCUDÉ, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000. p. 78. Os principais investimentos alemães na Argentina eram a *Compañía Argentina de Electricidad* (CADE), majoritariamente sob o controle de bancos berlinenses, produziu 61% da energia elétrica em 1939, e foi a maior inversão de ultramar alemã e a segunda inversão externa na Argentina em termos de importância depois das ferrovias britânicas; a empresa *Siemens-Schuckert S.A.*, que liderava o trabalho de construção elétrica e a venda de equipamento elétrico pesado. As subsidiárias da Siemens-Schuckert estavam ligadas a 39 firmas associadas comprometidas com segmentos variados nas atividades de importação e financiamento (*Bromberg*), fabricação de manufaturas (*Osram e Inag*), comunicações (*Transradio*), criação de gado (*Unitas*), seguros (*La Protetora*), propriedades rurais e hipotecas, produção de cereais (arroz e café), e aluguel de moradias urbanas. *Siemens-Schuckert* participava do comércio de açúcar, algodão, imóveis, gados e fabricação de metais através da afiliada *Staudt & Co*. Na indústria açucareira a *Staudt* tinha interesses nas firmas

econômicas da Argentina com a Grã Bretanha e com alguns dos países do Eixo, somada a tendências ideológicas nacionalistas que simpatizavam conceitualmente com Hitler e Mussolini, não tão somente distanciaram e retiraram a Argentina da agenda do *lend-lease*, como também, foram responsáveis por sanções econômicas coercitivas, principalmente a partir do bombardeio japonês da base norte-americana de Pearl Harbor. O ataque nipônico intensificou a pressão norte-americana sobre a Argentina para abandonar a neutralidade. A reação do Governo Castillo perante o ataque foi o decreto N° 108.040, enviado ao secretário de Estado Hull em dezembro de 1941, que conformava sua política de assistência recíproca disposta pela Resolução XV da Ata Final de Havana¹⁰³ e que afirmava:

Pallavicini e Caravaglio & Zorraquin. Ao mesmo tempo estas duas estavam ligadas à firma belga Tornquist. O capital alemão teve forte influência na metalúrgica *Klöckner, Mannesmann e Thyssen Lamental*. Os importadores e fabricantes de aço estavam intimamente ligados às firmas alemãs de construção e de transporte que dominavam o mercado de trabalho argentino: *Compañia General de Construcciones, Siemens-Buunuiou, GEOPE, Wayss und Freytag, Grün and Bilfinger, F. A. Schmidt, SACPA*. A empresa Loma Negre de Alfredo Fortabat formava parte deste grupo e controlava as canteiras e companhias de cimento da Província de Buenos Aires. No que se refere às propriedades rurais, havia 37 sociedades anônimas controladas por capitais alemães, no valor de 140 milhões de pesos, com destaque para as firmas Lahusen & Co., dedicada à venda de hipotecas na Patagônia e no Chaco, e a anglo-alemã *Farron & Zimmermann*. Os investimentos alemães em recursos minerais argentinos estavam concentrados na Petroleira Astra, e em 1938 a *Krupp* adquiriu três propriedades mineiras na província de Salta por 30 milhões de *Reichmarks* para construir aí uma fundição. Outro item importante de investimentos do capital alemão foi a indústria química. *Anilinas Alemanas* (posteriormente Anilinas Argentinas) foi a primeira filial na Argentina, posteriormente se destacou Química Bayer.

¹⁰³ Entre as declarações e resoluções da Conferência de Havana destaca-se a Declaração XV sobre Assistência Recíproca e Cooperação Defensiva das Nações Americanas, a qual estabelecia que todo atentado de um americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território contra a soberania ou independência política de um Estado Americano, será considerado como um ato de agressão contra os Estados que assinam esta Declaração. No caso que se executem atos de agressão, ou que se encontrem razões para acreditar que se prepara uma agressão por parte de um Estado não americano, os Estados signatários da presente consultaram entre todos eles ou entre dois ou mais de eles para organizar a cooperação defensiva. Segundo Cisneros, a Declaração XV implicava estar de acordo com o compromisso da seguridade coletiva, embora não se aceitasse o compromisso de atuar e sim de consultar as medidas possíveis. O texto final da dita declaração introduziu uma inovação que permitiu ao governo norte-americano concretizar acordos bilaterais com os países da região. Noutras palavras, com o respaldo dos países latino-americanos à Declaração XV votada em Havana, o governo

“Art. 1º La posición de la República Argentina en el actual conflicto internacional se regirá en lo que respecta a los Estados Unidos por los compromisos panamericanos contraídos sobre solidaridad, asistencia recíproca y cooperación defensiva.

Art. 2º Como consecuencia de ello, la República Argentina no considera a los Estados Unidos de América en la situación de país beligerante en este conflicto.

Art. 3º Hácense extensivas al presente estado de guerra y únicamente con respecto a Gran Bretaña y Japón las disposiciones del decreto sobre neutralidad dictado en Acuerdo de Ministros el 4 de septiembre de 1939.

Art. 4º La República Argentina en su oportunidad y por el procedimiento previsto por la Convención XV de La Habana ya citada, procederá a negociar los acuerdos complementarios necesarios.”¹⁰⁴

A Argentina, embora lamentasse os acontecimentos de Pearl Harbor, ratificava sua posição de “não beligerância” Estas medidas foram consideradas insuficientes pelo governo norte-americano. O Departamento de Estado e a Secretaria do Tesouro, pressionados pela imprensa norte-americana, exigiam uma declaração formal de guerra por parte da Argentina, ou no mínimo, um posicionamento enérgico. Não conseguindo, começaram a praticar retaliações econômicas. Isto redundaria no boicote econômico contra Argentina, que se estenderia de 1942 até 1949.

Os Estados Unidos tinham se convertido em únicos fornecedores de

norte-americano montou a infra-estrutura jurídica que lhe permitiu implementar a Lei de Empréstimo e Arrendamento, pela qual Washington condicionava a ajuda econômica e militar à colaboração na luta contra o Eixo. Pela via lateral a Lei de Empréstimo e Arrendamento, o governo norte-americano conseguiria a cooperação regional que não podia obter através de mecanismos multilaterais, rechaçados sempre nas conferências latino-americanas. FERRARI, Gustavo. **Esquema de la política exterior argentina**. Buenos Aires: EUDEBA, 1981. p. 453.

¹⁰⁴ Texto do Decreto Nº 108.040 del 9 de dezembro de 1941, en República Argentina, Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto, Memoria presentada al honorable Congreso Nacional, 1941-1942, tomo I, in CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas** . Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000Grifo nosso.

ação e maquinárias, peças ferroviárias, equipamentos para exploração petrolífera, pneus e outros produtos industrializados vitais para Argentina. Em março de 1942 a Junta de Guerra Econômica (Board of Economic Warfare) caçou inúmeras licenças de exportação norte-americanas destinadas à Argentina, principalmente de materiais elétricos e substâncias químicas. Tratou-se ainda, de atingir o mercado de carnes argentino pressionando o governo britânico. Esta pressão que os Estados Unidos exerceram para que a Inglaterra¹⁰⁵ aderisse ao boicote, somadas às retaliações econômicas, chocaram frontalmente com os interesses que os britânicos tinham na Argentina. A falta de combustíveis derivados do petróleo e de carvão afetava diretamente o transporte ferroviário e os frigoríficos, prejudicando assim a estrutura agro-exportadora e repercutindo negativamente na crescente demanda britânica e dos exércitos aliados, fato que “amenizaram” e dificultaram as pretensões coercitivas norte-americanas¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Escudé, assim como outros historiadores, teve acesso a todos os arquivos de documentos disponibilizados somente a partir da década de 1980, assim como as correspondências do Foreign Office, Departamento de Estado Norte-americano, *Foreign Economic Administration* e as correspondências das embaixadas de Argentina, Brasil e os Estados Unidos. Artigo de ESCUDÉ, Carlos. Las restricciones internacionales de la economía Argentina (1945-1949). In: **Revista Desarrollo Económico**, v. 24, nº96 (janeiro e março), 1987., assim como seu trabalho **Gran Bretaña Estados Unidos e a declinación argentina 1942-1949**. Buenos Aires: Editorial Belgrano, 1998., abordam as pressões norte-americanas contra a Argentina, embora sua tese tenha sido contestada por Mario Rapoport em: El factor político em las relaciones internacionales: política internacional vs. Teoría de la dependencia? – um comentário. In: **Revista Desarrollo Económico**. 1984. v. 23, nº92 (janeiro e março).

¹⁰⁶ O governo inglês tentou demover os Estados Unidos da obstinada atitude. Carlos Escudé nos apresenta um telegrama do Foreign Office a Washington do Secretário de Estado britânico Bevin a seu colega Byrnes que apresenta claramente a situação dramática da Europa e a necessidade de que a Argentina fosse suprida de combustíveis para que contribuísse com cereais e alimentos: “Espero que Usted reciba los mismos informes alarmantes que han inspirado mi presente mensaje. Com perspectivas tan espantosas por delante, la Idea que los Buenos alimentos para la gente se quemem como combustibles para las locomotoras en la Argentina, me consterna. Ante la tragedia humana que nos amenaza, he de expresar mi esperanza de que Usted no permitirá que factores políticos impidan de hacer un envío inmediato de carbon y petroleo a la Argentina, necesarios para la entrega de cereales a Europas”. ESCUDÉ, Carlos. Las restricciones internacionales de la economía Argentina (1945-1949). In: **Revista Desarrollo Económico**. v. 24, nº96 (janeiro e março), 1987.

Outra estratégia de coerção utilizada pelo governo dos Estados Unidos foi o corte unilateral de abastecimento de chapas de zinco, materiais que eram utilizados para enlatar carne e outros alimentos, o que impedia que a Argentina negociasse seus alimentos com países como a Bélgica e a Holanda. Por outro lado, a coerção norte-americana, muitas vezes levada ao extremo pelos funcionários do Departamento de Estado, exacerbou os resquícios nacionalistas na Argentina e foi responsável, junto a fatores políticos desenvolvidos anteriormente, pelo direcionamento que Perón deu à política externa.

Para Carlos Escudé¹⁰⁷, estas restrições comerciais que os Estados Unidos impuseram à Argentina foram responsáveis por muitos dos problemas econômicos de pós-guerra e que:

“[...] no solo inhabilito las optimistas predicciones de los economistas sobre su evolución a principios de los años 40, también sorprendió a los científicos sociales, quienes han buscado distintos tipos de explicaciones que van desde una administración inapropiada hasta las teorías sobre la dependencia. Sin embargo, en este tipo de explicaciones se ha olvidado en buena medida una serie importante de factores [.....] Por lo tanto, la revisión de documentos ingleses y norteamericanos dan como resultado obvio que cualquier interpretación de la historia Argentina en la posguerra debe incluir necesariamente un análisis de las posibles consecuencias de las restricciones internacionales, que son en resumidas cuentas, el producto de la estructura y naturaleza de las relaciones triangulares entre la Argentina, Gran Bretaña y los Estados Unidos.”¹⁰⁸

Como afirma o autor, qualquer tipo de análise da economia argentina

¹⁰⁷ O professor Mario Rapoport contesta alguns dos argumentos de Escudé no seu artigo El factor político en las relaciones internacionales. Política internacional versus teoría de la dependencia? Um comentário. In: **Revista Desarrollo Económico**, v.23, nº92, 1984. p. 617-628. Nele, tenta demonstrar que não houve um “boicote”, mas sim algumas retaliações, o que, na nossa opinião contradiz a maioria dos autores que trabalharam esta temática como Gary Frank, R. Giacalone, Hilton e Macdonald. Ver artigo de Escudé respondendo a críticas de Rapoport na mesma revista: ESCUDÉ, Carlos. Réplica a los comentarios sobre La declinación argentina. In: **Revista Desarrollo Económico**, v. 23, nº 92, 1984. p. 630-635.

¹⁰⁸ ESCUDÉ, Carlos. Las restricciones internacionales de la economía Argentina (1945-1949). In: **Revista Desarrollo Económico**, v. 24, nº96 (janeiro e março), 1987. p. 67-68.

do período que não contemple esta “relação triangular¹⁰⁹” e a coerção norte-americana será incompleta. O país tentou desesperadamente acelerar o processo de industrialização, mas as restrições comerciais norte-americanas e a inconversibilidade¹¹⁰ da libra esterlina, que derivou posteriormente no acordo Eady-Miranda¹¹¹, o qual estipulava a compra das ferrovias para saldar a dívida que os britânicos tinham com a Argentina e que chegava a 150 milhões de libras. Por último “o tiro de misericórdia” quando os Estados Unidos decidiram que não adquiririam produtos argentinos com os recursos do Plano Marshall. Estas adversidades econômico-comerciais devem ser consideradas como fatores externos fundamentais, seja no estrangulamento da economia, como no direcionamento que o Presidente Perón pretendeu dar a sua política externa, muito mais do que sua “suposta” arrogância megalomaníaca.

Como vemos, se outros países latino-americanos foram beneficiados pelos Estados Unidos durante o conflito, a Argentina e sua neutralidade foram

¹⁰⁹ A respeito das relações comerciais triangulares Cisneros afirma: “La neutralidad argentina durante la Segunda Guerra Mundial ya había sido motivo de roces con el gobierno de Estados Unidos para cuando Perón llegó al poder (1). Estos se exacerbaban durante su ascenso hacia la Presidencia debido al enfrentamiento que se planteara con el embajador estadounidense en Buenos Aires, Spruille Braden y, a partir de entonces, con la puesta en práctica de la doctrina de la Tercera Posición. En el caso de Gran Bretaña, existía el fuerte legado histórico de estrechos lazos económicos que por largo tiempo habían colocado a ese país en el rol de socio comercial privilegiado de la Argentina. Pero el creciente protagonismo que los intereses norteamericanos habían adquirido en la economía argentina en las primeras décadas de este siglo había debilitado esos lazos y había creado una compleja relación triangular.” CISNEROS, Andrés; IÑÍGUEZ, Carlos. **Del ABC al Merosur: la integración latinoamericana en la doctrina y praxis del peronismo**. Buenos Aires: Nuevohacer, 2002. p. 352.

¹¹⁰ A Argentina, que detinha saldos favoráveis na Inglaterra, só podia utilizar estes recursos dentro da área da libra, ou seja, no próprio Império Britânico, o que significava renunciar aos manufaturados norte-americanos.

¹¹¹ Este acordo estipulava que o saldo favorável que a Argentina detinha com os britânicos poderia ser utilizado na compra ferrovias inglesas, que já não eram interessantes para os britânicos mas, que Perón utilizaria como estratégia de marketing político.

encurraladas pelo Departamento de Estado¹¹². A situação econômica argentina tinha-se modificado profundamente durante a Segunda Guerra Mundial, o principal impacto foram as dificuldades para o comércio internacional. No período anterior ao conflito mundial, a Argentina tinha experimentado um ciclo de expansão da produção que tinha como origem o desempenho da suas manufaturas. O tipo de acumulação que vinha desde 1930 tinha originado uma pequena e média indústria nacional. O grande crescimento do grupo representante das novas indústrias (principalmente têxteis e metalúrgicas) se efetivou graças ao reinvestimento de capitais de origem urbana, a maioria destes proprietários eram das camadas médias da sociedade e geralmente imigrantes. Desta forma, foi se conformando um grupo social com necessidades políticas diferentes daquele que deu origem às indústrias tradicionais, principalmente no setor de alimentos, que segundo Lucchini¹¹³

“[...] se van incorporando a la vida económica, social y política del país un grupo de pequeños y medianos industriales que carecían de fuerza económica y, por tanto, de peso político, y cuya única alternativa de participación se la brindaban la posibilidad de una alianza con un sector del Estado que hiciera viable su acceso al poder. Solo a partir de esta alianza con una parte del Ejército podrían imponer su proyecto industrialista al resto del cuerpo social. Estos industriales, además, compartían una serie de intereses con el movimiento obrero, puesto que sus miembros dependían de la expansión de los salarios para aumentar el estándar de vida y favorecer así la creación de un mercado interno.”¹¹⁴

Como afirma a autora, os industriais estavam dispostos a apoiar uma

¹¹² Devemos salientar que sanções similares como as aplicadas pelos Estados Unidos na Argentina foram impostas à Bolívia depois do golpe de Estado nacionalista que destituiu o presidente pró-norte-americano Peñaranda em dezembro de 1943. Para aprofundar esta temática ver: VALDIVIESO, Abecia. **Las relaciones internacionales en la historia de Bolivia**. La Paz: Editora Los Amigos del Libro, 1979.

¹¹³ Para aprofundar esta evolução socioeconômica na Argentina são indispensáveis os estudos de: Mónica Peralta Ramos, Torcuato Di Tella e Mónica Lucchini, entre outros.

¹¹⁴ LUCCHINI, Cristina. El proceso de industrialización por sustitución de importaciones en la Argentina In: DI TELLA; LUCCHINI (comp.) **Teoría e Historia: Una aproximación al estudio de la sociedad y el Estado en América Latina**. Buenos Aires: Editora Biblos, 2000. p. 34.

política de aumento salarial e de incorporação dos operários ao consumo através da tutela estatal e, em contrapartida, pretendiam receber crédito e proteção para seus produtos. Assim, o caminho do Coronel Perón estava aberto para conciliar e articular a aliança entre empresários de certos produtos de consumo domésticos e os trabalhadores, em torno do mútuo interesse da expansão do mercado interno.

Desde 1940 setores do exército vinham defendendo políticas de desenvolvimento industrial autônomo na Argentina, porém isto chocava-se com os interesses das elites no poder, uma vez que estas representavam o setor agro-exportador. O exército, principalmente seus setores nacionalistas, entendia que deveriam ser tomadas medidas protecionistas para defender a incipiente indústria nacional e uma redistribuição eqüitativa para os setores sociais mais vulneráveis. Para Mônica Peralta Ramos¹¹⁵, o interesse por um desenvolvimento nacional dos militares, provém de um interesse “*profissional*” já que numa conjuntura internacional marcada pela guerra entre as potências européias o problema da defesa e da segurança nacional associa-se estreitamente com a capacidade de cada nação se auto-abastecer logisticamente. Para tanto se torna absolutamente necessário¹¹⁶ uma indústria nacional capaz de fabricar armamentos e munições. Nas palavras da própria autora:

“Por ello una política de protección y de desarrollo de la industria nacional no solo iba satisfacer las necesidades inmediatas surgidas de la acumulación de capital y las necesidades mediatas vinculadas a una determinada extracción de clase sino que satisfacía las necesidades de la defensa nacional, en una coyuntura internacional en la que el ataque y la ocupación de territorios, dentro del bloque capitalista y por

¹¹⁵ PERALTA RAMOS. **Acumulación Del capital y crisis política en Argentina: 1930-1974**. México: Siglo Veintiuno Editores, 1978. p. 85.

¹¹⁶ Estes argumentos solidificam-se quando analisamos o auxílio norte-americano em favor do Brasil, e o desequilíbrio sub-regional, principalmente a partir a Conferência do Rio, como veremos no próximo capítulo.

miembros de este bloque, no era nada improbable.”¹¹⁷

Deve-se considerar que o projeto industrialista do governo militar de 1943-1946 não era uma novidade no país. Ele tinha sua origem na derrocada do comércio após os acontecimentos de 1929 em Nova York. As políticas do governo, especialmente o controle de câmbios, garantiram que a crise das exportações determinasse uma sensível queda das importações. Essa restrição da concorrência externa nos produtos manufaturados gerou o que se denominaria “industrialização por substituição de importações”. Não faltaram casos em que os produtos manufaturados argentinos, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, já que vários países de América Latina recorreram à Argentina para substituir seus provedores europeus, ocupados na fabricação de armamentos. Mas, houve incentivos introduzidos por políticas econômicas específicas, principalmente medidas protecionistas.

Sem quebrar o predomínio da agricultura o governo conservador de 1930-1943 tentaria impulsionar a produção industrial através do Plano de Reativação Econômica, mais conhecido como Plan Pinedo¹¹⁸, mas este seria rechaçado pelos parlamentares no Congresso Nacional Argentino.

Embora as elites argentinas determinassem que o país não deveria afastar-se da economia agrícola-exportadora, percebiam que a guerra estava outorgando à Argentina uma possibilidade ímpar de desenvolvimento industrial que deveria ser consolidada a partir do Estado. O certo é que entre 1940 e 1943 a política de crédito do Banco Central favoreceu mais ao setor industrial que à

¹¹⁷ PERALTA RAMOS pp. 85

¹¹⁸ O *Plan de Reactivacion Economica* apresentado por Federico Pinedo ao Congresso da Nação em 1940 previa uma série de medidas para enfrentar a conjuntura de guerra. Entre elas o apoio à indústria que utilizasse insumos locais. Muitas das medidas do plano foram postas em prática posteriormente pelo Governo Perón.

agricultura¹¹⁹ e ao comércio. Organizou-se um Comitê de Exportação e Estímulo Industrial e Comercial, legislou-se a respeito de promoção à indústria nas províncias e municípios, foi criada a frota mercante do Estado e sancionaram-se a lei de Fabricações Militares, a desvalorização do Peso e um sistema de restrições às importações.

Na medida em que o setor industrial ganhava impulso e adesão nos diferentes setores da sociedade, o setor rural perdia o prestígio de períodos anteriores a 1930. O regime militar, que vai por fim a 13 anos de governos conservadores, deu-se, neste contexto, ao natural, já que as transformações econômicas tinham modificado a sociedade Argentina, aquilo que o historiador argentino Juan Carlos Torres denominou de *“reordenamiento de la población em el territorio nacional”*, e o processo que Gino Germani qualificou como *“migraciones interna”*, e que se caracteriza por uma transferência massiva do setor agrícola ao industrial e de serviços, provocada por fatores externos¹²⁰. Como afirma Germani, enquanto os proprietários rurais:

“(...) pudieron dedicar partes de sus tierras a la ganadería que ahora era mas rentable y otros las dedicaron a las ‘cosechas industriales’, el sector marginal de la

¹¹⁹ Retiramos estes dados de LLACH, Juan Jose El Plan Pinedo de 1940 su significado histórico y los orígenes de la economía política del peronismo. In: **Revista Desarrollo Económico**, nº92, Vol 23 marzo de 1984. Ainda colhemos inúmeras informações de MUÑOZ SANCHIS, Jose **La Argentina y la Segunda Guerra Mundial**. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1992; RAPOPORT, Mario. **1940-1945 Gran Bretaña, Estados Unidos y las clases dirigentes argentinas**. Buenos Aires: Editora Belgrano, 1980; BULMER-THOMAS, Victor. **La historia económica de América Latina desde la independencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998; GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. **El ciclo de la ilusión y el desencanto: un siglo de políticas económicas argentinas**. Buenos Aires, Ariel sociedad económica, 1999; DI TELLA, Torcuato. **Historia de la Argentina contemporanea** Buenos Aires: Troquel, 1999.

¹²⁰ como a grande depressão de 1929 e a Segunda Guerra Mundial e outros de natureza interna como o sistema de propriedade da terra, que beneficiava o latifúndio e a excessiva área de terra cultivada na década de 1920 e princípios de 1930, principalmente nas culturas de trigo e milho em detrimento da pequena propriedade calcada policultura

agricultura sufrió una decadencia catastrófica y una proporción considerable tuvo que abandonar sus tierras. Estos cambios modificaron el sector primario al mismo tiempo que en las industrias se producía un salto cualitativo y cuantitativo [...] En la década de 1935-1946 este proceso de industrialización se aceleró enormemente la tasa de absorción durante el periodo fue de 62%.”¹²¹

Como vimos, a guerra intensificou o processo de substituição de importações na Argentina e o afluxo de população rural para as zonas urbanas principalmente em direção a Buenos Aires e a Grande Buenos Aires (Avellaneda, Berazategui, Quilmes, San Martín), e também para as cidades do litoral como Rosário, na Província de Santa Fé. A maioria deles ingressou no mundo do trabalho urbano com salários superiores àqueles que recebiam no campo. É consenso historiográfico¹²² que durante esta conjuntura o Coronel Perón faz sua opção pelas massas. Integrante e um dos ideólogos do golpe de 1943 e que instala na Casa Rosada o governo militar operou por opção pessoal, desde o esquecido Departamento de Trabalho criando a *Secretaría de Trabajo y Previsión* com status de ministério, que seria o trampolim que projetaria o

¹²¹ GERMANI, Gino. El surgimiento del peronismo el rol de los obreros y de los migrantes internos. In: DI TELLA; LUCCHINI (comp.). **Teoría e Historia: Una aproximación al estudio de la sociedad y el Estado en América Latina** Buenos Aires: Editora Biblos, 2000.

¹²² Aquí podríamos citar quase todos os especialistas no período, mas para ficarmos com os estudos consensualmente relevantes mencionamos: CAMPO, Hugo. **Sindicalismo y Peronismo: los comienzos de un vínculo perdurable**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 1983; WALDMANN, Peter. **El peronismo 1943-1955**. Buenos Aires: Biblioteca Argentina de historia y política: Hispanoamerica. 1974; MACKINNON, Moira. **Los años formativos del partido peronista (1946-1950)**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores de la Argentina, 2002; ALTAMIRANO, Carlos. **Bajo el signo de las masas 1943-1973**. Buenos Aires: Ariel, 2001; GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. **El ciclo de la ilusión y el desencanto: un siglo de políticas económicas argentinas**. Buenos Aires, Ariel sociedad económica, 1999; DI TELLA, Torcuato. **Historia de la Argentina contemporánea** Buenos Aires: Troquel, 1999; DI TELLA, Torcuato. **Industria y política**. Buenos Aires: Norma, 1993; LUNA, Felix. **La Argentina próspera**. Buenos Aires: Taurus, 2002; TORRE, Juan Carlos. **Interpretando (una vez más) los orígenes del peronismo**; LITTLE, Walter. **La organización obrera y el Estado peronista 1943-1955**; KORZENIEWICZ, Roberto. **Las vísperas del peronismo. Los conflictos laborales entre 1930 y 1943**; JORGE, Eduardo. **Industria y concentración económica**. Buenos Aires: Hispanoamerica, 1986.

Coronel¹²³ para os braços dos trabalhadores. A partir daí, Perón assume inúmeras secretarias e departamentos provinciais que tinham a ver com os assuntos laborais. A Secretaria englobou muitos organismos e autarquias que passaram a depender dela como: A *Comisión de Desempleo*, o *Tribunal de Rentas*, a *Cajá de Ahorro Postal*, a *Comision de Casas Baratas* e vários outros órgãos de saúde social e previdência. Desta forma o Coronel pode encurtar o caminho entre ele e as massas. Neste sentido concordamos com Walter Little, quando afirma que:

“Es evidente que al expandir inmediatamente el viejo Departamento y convertirlo en una nueva y poderosa Secretaria de Trabajo y Previsión, Perón ya tenía pensado desde tiempo atrás cual podría ser la manera mas rápida y efectiva de hacer contacto con la clase obrera. Había percibido que si bien la alineación política de la clase obrera variaba de acuerdo con sus circunstancias individuales, todos los grupos tenían necesidades urgentes que solo podían satisfacerse con medidas políticas. Dados que los partidos políticos establecidos eran indiferentes frente a la clase obrera o frente a los coroneles revolucionarios, no podía hacer otra cosa que apoyarse en el poder que le confería un puesto de facto. Perón tenía total noción de lo novedoso de su enfoque”¹²⁴

Devemos salientar a percepção de Perón ao interpretar corretamente o poder político das massas, as transformações culturais e econômicas da sociedade neste período e, principalmente, a instrumentalização do Estado para evitar o conflito de classes colocando-o no ponto de intercessão entre o trabalho e capital. O dia 1º de maio num discurso como Secretário de Trabalho afirmava *“Buscamos suprimir la lucha de clases suplantandola por um acuerdo justo entre obreros y patrones al amparo de la justicia que emana del Estado [...] No somos de manera alguna enemigos del capital, y se vera em el futuro que fuimos*

¹²³ Perón descreve sua atuação na Secretaria de Trabajo y Previsión em: PEICOVICH, Esteban. **Hola Perón**. Buenos Aires: Editora Jorge Alvarez, 1965., onde afirma: “Cuando deje la Secretaria de Guerra y la Vicepresidencia y peticione un cargo menor, todos se rieron. Pero yo me sentia impotente con esa gran cartera que no me permitía hacer reformas de fondo. Me di cuenta de que [...] la palanca [...] del pais era un departamento olvidado y llamado “Departamento Nacional del Trabajo y Previsión. P. 40-41.

¹²⁴ LITTLE, Walter. **La organizacion obrera y el Estado peronista 1943-1955**; Buenos Aires: Sulamericana, 1989

sus verdaderos defensores.”¹²⁵

A partir de 1944 a Secretaria legislou sobre um volume elevado de questões trabalhistas, contrastando totalmente em relação ao período anterior. Para se ter uma idéia da magnitude observe-se que de 1940-1943 foram promulgados sete decretos e leis. Enquanto de 1943-1946 foram 111¹²⁶ as medidas tomadas. Em 1944 promulgou-se a legislação sobre férias, sobre trabalho infantil, regulamentou-se a jornada de trabalho, empréstimos para casa própria, acidentes de trabalho, além da criação da Direção Geral de Assistência e Previdência Social.

Mas a incorporação das massas ao consumo, à justiça social¹²⁷ e ao pleno emprego dependiam de uma economia em franca expansão. A Junta Militar que governara o país até 1946 sabia disto, conhecia ainda os perigos do pós-guerra. Durante a Primeira Guerra Mundial tinham aparecido indústrias locais que desapareceram imediatamente ao final do conflito. Em 1945 com um

¹²⁵ Discurso retirado de PEÑA, Milciades. **El Peronismo**: selección de documentos para la historia. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1973. p. 45-46.

¹²⁶ TIEFFENBERG, David. **Exigencias proletarias a la revolución y la legislación obrera en el régimen peronista**. Buenos Aires: Losada, 1947. p. 276.

¹²⁷ As doutrinas de Perón, principalmente o conceito de “Justicia Social” que é utilizado para denominar a política redistributiva, da qual derivara no nome justicialismo, que até hoje leva seu movimento, provém da Doutrina Social da Igreja, em particular da Encíclica *Quadragesimo Anno* de 1931. Ela define o conceito de como “*una ley que prohíbe que una clase excluya a otra de participacion de los beneficios[....]Dése pues a cada cual la parte que le corresponde; y hagase que la distribución de los bienes creados vuelva a conformarse con las normas del bien comun o de la justicia social; porque cualquier persona sensata ve cuan grave es el daño trae consigo la actual distribución de bienes, por el enorme contraste entre unos pocos riquísimos y los innumerables pobres*” PIO XI. **Quadragesimo Anno**. Buenos Aires: Ediciones Paulinas, 1983. p. 59-60. Tanto a Igreja quanto o peronismo reconheciam as tensões e conflitos sociais e coincidem na superação deles por meio da conciliação Segundo a Encíclica “*la oferta y la demanda em ela si llamado mercado de trabajo separan a los hombres em dos ejercitos, y la disputa entre ambas transforma tal mercado em um campo de batalla donde una enfrente de otra luchan cruelmente. Como todos ven a tal gravísimo mal que precipita a la sociedad humana hacia la ruína, urge poner remedio*” Como veremos adiante o conceito Terceirista que caracterizara a postura posterior do governo Perón também tem similitude com afirmações da Encíclica.

milhão de operários trabalhando na atividade industrial, principalmente na região urbana, a situação requeria extremo cuidado e planificação. Começava a diminuir as possibilidades de substituir importações e o perigo que representaria concorrer com a indústria estrangeira¹²⁸. Ampliar o mercado interno passava a ser o problema central para impedir a recessão e assegurar os índices de crescimento industrial. E aqui onde se faz indispensável uma política redistributiva de ingresso que colocasse às massas a possibilidade de consumo. Nesse sentido são significativas as palavras de Perón em 1944:

“La Republica Argentina produce en estos momentos el doble de lo que consume, es decir, la mitad de lo que produce sale al exterior. Yo me pregunto si cuando termine la guerra será posible seguir colocando nuestros productos en Sudáfrica, Canadá, Centro o Sudamérica, en competición con Inglaterra Estados Unidos, Francia Rusia etc. Cuando ya no sea posible exportar, si consumimos solo el 50%, cuál será la situación de nuestra industria, de nuestra producción? Habrá una paralización del 50% y veremos a un millón de argentinos desocupados que no tendrán con que trabajar ni con que vivir. No habrá otro remedio que aumentar el consumo. Y el consumo, en una circunstancia tan extraordinaria como la que se nos va a presentar, solamente se podrá aumentar elevando los sueldos y salarios para que cada uno pueda consumir mucho mas de lo que consume actualmente y permitiendo que cada industrial, cada fabricante, cada comerciante, pueda a su vez producir lo mismo que hoy, sin necesidad de para las maquinas y despedir a los obreros. Los organismos del Estado se hallan abocados al estudio de estas posibilidades.”¹²⁹

Perón de certa forma estava correto mas, a principal tarefa, além de aumentar o consumo, era renovar os equipamentos industriais, na sua maioria obsoletos, de forma a deixar “competitiva” e eficiente a indústria nacional. Esta padecia de graves deficiências nas áreas de transporte e energia elétrica¹³⁰.

¹²⁸ Um cuidadoso estudo comparativo entre indústrias metalúrgicas argentinas e norte-americanas indica diferenças de custos, no período, de 300%. Ver: GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. **El ciclo de la ilusión y el desencanto: un siglo de políticas económicas argentinas**. Buenos Aires: Ariel sociedad económica, 1999.

¹²⁹ Discurso retirado de PEÑA, Milciades. **El Peronismo: selección de documentos para la historia**. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1973. p. 34-35.

¹³⁰ Para reforçar esses argumentos recomendamos o artigo da Profesora LUCCHINI, Cristina: El proceso de industrialización por substitución de importaciones. In: DI TELLA, Torcuato;

Contrariamente, o que se fez foi montar uma estratégia defensiva, esperando outro conflito mundial de magnitude internacional, onde a Argentina, novamente forneceria alimentos aos beligerantes. As esperanças peronistas, assim expostas, dependiam de uma situação “atípica”, já que o requisito para o crescimento e desenvolvimento econômico não era uma reestruturação econômica interna e sim dependia de fatores externos fortuitos, ou seja, outra guerra em escala mundial.

2.1 A ESTRUTURA ECONÔMICA ARGENTINA NO PÓS-GUERRA

Fazendo uma análise dos anos anteriores ao final da Guerra, percebemos que os números eram alentadores: de 1939 a 1948 houve dez anos consecutivos de superávit na balança comercial e, para Pablo Gerchunoff¹³¹ “entre 1941 y 1948 hubo ocho anos consecutivos de superavit de cuenta corriente; entre 1940 y 1946 hubo siete años consecutivos de acumulación de reservas. La Argentina tenia ahorrado en exceso; era, por lo tanto, una invitación a gastar, fuera para consumir, fuera para invertir, fuera para repatriar la deuda”¹³²

A posição comercial da Argentina ao finalizar a Guerra era de superávit, no entanto esta situação não era oriunda da performance exportadora, mas sim pela falta de importações. O problema não era encontrar mercados para as exportações argentinas, e sim países que suprissem a Argentina do que esta

LUCCHINI, Cristina (comp.). **Teoría e Historia:** Una aproximación al estudio de la sociedad y el Estado en América Latina. Buenos Aires: Editora Biblos, 2000. p. 68.

¹³¹ Pablo Gerchunoff é economista e pesquisador do Instituto Di Tella e professor da Universidade Torcuato Di Tella. Leciona História Econômica Argentina nos cursos de graduação e de pós-graduação do curso de História Econômica. Foi professor na Universidade de Salamanca e de Ciências Políticas de Bologña. É pesquisador do Consejo de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET).

¹³² GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. **El ciclo de la ilusión y el desencanto:** un siglo de políticas económicas argentinas. Buenos Aires: Ariel sociedad económica, 1999. p. 134.

necessitava, principalmente borracha, ferros, aço e combustível. Se na década de 1930 a consigna era “*comprar a quem nos compra*” agora era “*vender a quem nos vende*”. Neste sentido, é esclarecedora a afirmação de Perón:

“[...] tropezamos permanentemente con la prohibición de exportar de los países a quienes nosotros estamos proveyendo de alimentación. Por eso ha sido necesario, frente a la actual situación de que todos los barcos lleguen vacíos porque los gobiernos de esos países no permiten exportación a la Argentina, que establezcamos que barco que llegue vacío se ira también vacío.”¹³³

Outro problema que a Argentina enfrentou neste período foi a inconvertibilidade¹³⁴ da Libra, que vigorou até 1946 e que obrigava o país a comprar exclusivamente da Inglaterra e de regiões que operassem com esta moeda. Desta maneira, podemos afirmar que até 1946 a Argentina enfrentou o problema do superávit e de não poder utilizá-lo. Problemas similares levaram o governo argentino a firmar acordos com outros países, além da Inglaterra. Assim o mundo tornava-se bilateral e ao ser pautado pelo controle cambial as importações e exportações deveriam equilibrar-se¹³⁵ desta forma a Argentina não poderia tirar tanto proveito de sua produção exportável como o faria sob relações comerciais multilaterais.

¹³³ IBIDEM, p. 138.

¹³⁴ Entre 1940 e 1945 o saldo favorável da Argentina com o Império Britânico era de 1.500 milhões de pesos. No final da guerra, o Reino Unido devia à Argentina 112 milhões de libras esterlinas. Tecnicamente, estas estavam bloqueadas já que era impossível convertê-las em dólares. Só poderiam ser utilizadas para comprar NA área da libra. O que representava não poder acessar os produtos norte-americanos que o país tanto precisava.

¹³⁵ O Banco Central Argentino nos descreve “*Una situación de tal naturaleza nos constriñe forzosamente a encauzar, en estos momentos, las importaciones desde aquellos países que adquieren los productos argentinos, pues solo en esta forma lograremos abastecernos de bienes sin afectar nuestras disponibilidades de oro y divisas. En este sentido, debe aceptarse que la estructura básica de nuestro intercambio y la convertibilidad actual de las divisas que recibimos en pago de nuestra producción exportable, nos lleva necesariamente a tratar de utilizar lo máximo las posibilidades que encierra la negociación comercial bilateral, sin dejar de reconocer que, con esta política, el país no puede alcanzar todos los beneficios que recogería con la restauración del multi-lateralismo en el comercio internacional*” BANCO CENTRAL. **Documentos para la historia Memoria Anual – Duodécimo Ejercicio**. Buenos Aires, 1946. p. 465.

O Governo Perón assume com a necessidade de um planejamento estratégico no plano econômico¹³⁶, embora os números do período fossem otimistas já que o país contava com uma importante massa de reservas internacionais acumuladas durante anos de guerra. O pós-guerra evidenciou dificuldades na estrutura econômica a serem resolvidas. Algumas, fruto da conjuntura internacional e outras, como vimos no capítulo anterior, oriundas de um enfrentamento direto com Estados Unidos. Mas o que Perón não esperava, e isto se demonstra com o ceticismo que o governo tratou a produção rural, era uma recuperação dos mercados internacionais. Entre 1945 e 1948 o preço médio das exportações cresceu em 208% e isto gerou um balanço positivo na balança comercial argentina entre 1945-1948.

Uma das primeiras medidas tomadas no apagar das luzes do governo militar no qual Perón exercia uma forte influência¹³⁷ foi a criação do *Instituto Argentino para la Promoción del Intercambio* (IAPI), este organismo era o retentor do monopólio das importações agrícolas. Aproveitando os altos preços dos produtos agropecuários no exterior, este organismo transformava o governo no único comprador de cereais e oleaginosas a preços oficiais. O Ministro da Economia se jactava, no ano 1947 de seu organismo ter lucrado 500 milhões de dólares, fruto desta barganha: comprar barato aos produtores e vender caro no exterior. Sem dúvida o IAPI foi uma ferramenta preciosa para o governo que assumia, colocando-o em uma posição econômica favorável. Partes destes

¹³⁶ Alguns autores, com propriedade apontam para um ecletismo flexível na economia peronista e mesmo negam que existisse uma “*economía peronista*”. LLACH, Lucas; GERCHUNOFF, Pablo citam no seu livro **El ciclo de la ilusión y el desencanto: un siglo de políticas económicas argentinas**. Buenos Aires: Ariel, 2001.

¹³⁷ O Governo Farrel deu “carta branca” para Perón preparar seu “futuro governo” e tomar medidas pouco democráticas, entre elas: nacionalização do Banco Central, a caducidade das concessões dos cassinos, a expropriação do papel para jornal, a criação de Instituto Mixto de Reaseguros, a regulamentação da Bolsa de Valores e um novo regime para sociedades de economia mistas, além de outorgar a Perón o de general de brigada, a intervenção de todas as universidades do país e da União Industrial. Ver: LUNA, Felix. **El 45**. Buenos Aires: Hispanoamerica, 1984. p 365-68.

ingressos seriam utilizados: na redistribuição e incorporação das massas no consumo, mas também, no “inchaço” que sofreu o Estado,¹³⁸ devido à estatização de companhias estratégicas que estavam em mãos de capitais estrangeiros e da incorporação de numerosos funcionários a um governo que estendia seus tentáculos em todos os interstícios da sociedade argentina. Por outro lado, a proteção e “zelo” com que era tratada a indústria num governo nacionalista que pretendia se “indenpendizar” economicamente, contribuiu sobremaneira para “queimar” reservas acumuladas durante o conflito.

O IAPI e suas medidas extorsivas, somadas ao *Estatuto del Peón*¹³⁹

¹³⁸ Durante o governo peronista, a estatização foi constante, atingindo além das ferrovias inglesas, os telefones de propriedade da ITT. Na área energética criou-se a Empresa Nacional de Energia Electrica com 37 plantas hidroelétricas, a criação de Yacimientos Carboníferos Fiscales. A estatização dos serviços de gás com a criação de Gás del Estado.

¹³⁹ O *Estatuto del Peon* (literalmente estatuto do trabalhador rural) estendia ao campo a ampla legislação social urbanas. Transcrevemos algumas passagens significativas. **Artículo 4°.** *Los sueldos y salarios deberán abonarse en la forma prescripta por la ley 11.278 y su reglamentación.* **Artículo 5°.** *Los peones de campo tienen derecho al sueldo anual complementario, liquidado de acuerdo con el decreto 33.302/9 45(ley 12.921).* **Artículo 6°.** *La base del salario a "destajo o por tanto" deberá ser suficiente como para que en una jornada de labor y con el ritmo normal, el trabajador pueda integrar una suma igual a las contenidas en las tablas y se abonará solamente en la medida del trabajo efectuado.* **Artículo 18°.** *Son de descanso obligatorio los días 1° y 25 de mayo, 20 de junio, 9 de julio y 12 de octubre, de acuerdo con lo dispuesto por la ley 12.921 decreto 10.991 19.921. Cuando el obrero con retribución mensual trabaje en algunos de esos días feriados, por tratarse de trabajos absolutamente urgentes que no puedan paralizarse sin grave perjuicio, no gozará de descanso compensatorio, ni le asista derecho a percibir retribución extra.* **Artículo 19°.** *Los obreros remunerados por día o a destajo, tendrán derecho al cobro de los salarios correspondientes a los días mencionados en el artículo anterior, siempre que hubiesen trabajado a las órdenes de un mismo empleador 48 horas o seis jornadas dentro del termino de diez (10) días hábiles anteriores al feriado. Igual derecho tendrán los que hubieren trabajado la víspera hábil subsiguientes (artículo 5° decreto 19.911/44).* **Artículo 20°.** *Para liquidar las remuneraciones se tomará como base el salario correspondiente a una jornada normal de trabajo. Cuando se tratara de trabajo a destajo se tomará como salario base el prometido de lo percibido en los seis (6) días de trabajo efectivo inmediatamente anteriores al feriado o el que corresponda al menor número de días trabajados (artículo 6° del decreto 19.921/44* Partido Justicialista de la Provincia de Buenos Aires. **El Estatuto Del Peón.** Buenos Aires, 1975, Archivo Del Partido Justicialista.

contribuíram para o desinteresse do produtor rural¹⁴⁰ de aumentar a área cultivada, e inclusive, de manter os padrões anteriores. Isto acarretaria um decréscimo da produtividade a níveis preocupantes. Entre 1939 e 1942 colheu-se aproximadamente 10 milhões de toneladas de milho por ano, cifra que foi diminuindo até à metade em 1946/7, chegando a 3,4 milhões em 1947/48 e a apenas 800.000 toneladas em 1949/50. O trigo do qual tinha-se colhido 8 milhões de toneladas em 1940, chegou a 5 milhões em 1949 e 1950, e a 2 milhões em 1952.¹⁴¹

O porquê desta política suicida, num país que tinha historicamente seu alicerce na exportação de alimentos deve ser procurado. Em linhas gerais, a resposta pode ser encontrada na transferência de capital produzido no campo para beneficiar a atividade industrial, no desdém com que o governo Perón olhava para as classes vinculadas ao campo e que representavam a Argentina conservadora e latifundiária e, segundo Luna, à ameaça de reforma agrária que Perón apregoou na sua campanha eleitoral.

Apesar do estancamento da produção agrícola, os objetivos “redistribucionistas” foram favorecidos pela expansão do consumo que permitiu aumento de salários reais e um maior número de empregos urbanos. Por outro

¹⁴⁰ Uma entrevista do então Ministro de Agricultura nos esclarece sobre o desinteresse do produtor rural “[...] *Al productor se le dio un precio retributivo por su producción. Ahora, si el gobierno en la venta ganó, no era en detrimento del productor porque si hubiera hecho esa venta a través de los exportadores habituales hubiera recibido menos. Ahora, naturalmente el productor no piensa que fue bien retribuido sino piensa que también tenía derecho a la plusvalía que benefició al país*”. Archivo de Historia Oral del Instituto Di Tella, Buenos Aires, 1971, p. 20. Apud GERCHUNOFF, Pablo; ANTÚNEZ, Damián. De la bonanza a la crisis. In: TORRES, Juan Carlos. **Nueva Historia Argentina: los años peronistas (1943 – 1955)**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2002. p. 127.

¹⁴¹ DIAZ, Alejandro. **Juicios sobre la economía de Perón: ensayos sobre la historia económica Argentina**. Buenos Aires: Amorrut Editores, 1975; FERRER, Aldo. **La Economía Argentina**. México: Editora Fondo de Cultura, 1963; CAFIERO, Antonio. **De la economía social-justicialista al régimen liberal-capitalista**. Buenos Aires: Editorial de la Universidad de Buenos Aires, 1961.

lado, isto gerou o crescimento da produção de bens duráveis, semiduráveis e das importações. Como afirmamos anteriormente isto se complementou com uma política de transferência de ingressos agropecuários para o setor manufatureiro urbano. Desta forma se deu a segunda etapa do processo de substituição de importações localizado principalmente nos setores têxteis e metal-mecânicos através das médias e pequenas empresas de capital, nacional e de tecnologias precárias. A proteção alfandegária, o controle de câmbios e a política creditícia do Banco Central favoreceriam seu desenvolvimento. Esta política industrial somada ao “inchaço” do Estado incorporaram grandes contingentes de mão-de-obra. “La participación de los asalariados en el ingreso nacional creció del 39% al 46% entre 1946 y 1950, al tiempo que se alcanzaba prácticamente el pleno empleo a fines de la década del 40”¹⁴²

Por outro lado, o fim da Segunda Guerra Mundial deixava como saldo econômico na América Latina um crescimento fruto do acúmulo de reservas nos quatro anos imediatamente anteriores. No Brasil, as reservas de divisas cresceram 635%, no México 45% e na Argentina, apesar dos boicotes econômicos norte-americanos, as reservas aumentaram 156%.¹⁴³

Os Estados Unidos eram, evidentemente, o cenário da economia mundial. Sua capacidade produtiva tinha se incrementado em 50% durante a guerra e em 1945 o país produzia mais da metade do total das manufaturas em nível mundial. Ainda mais significativa era sua capacidade de transporte¹⁴⁴. Com o fim da guerra as lideranças norte-americanas tinham uma idéia clara das

¹⁴² DI TELLA, Torcuato. **Historia Social de la Argentina Contemporánea** Buenos Aires: Troquel, 1998.

¹⁴³ THORP, Mary. Las Economías Latinoamericanas: 1930-1950. In: BETHEL, Leslie. **Historia de América Latina: economía y sociedad desde 1930**. Barcelona: Editorial Critica, 2000. p. 7.

¹⁴⁴ THOMAS, Bulmer. **La Historia Economica Latino Americana**. México: Fondo de Cultura Economica, 1998.

mudanças necessárias para reconstruir a economia internacional, e estas iam no sentido contrário ao fomento econômico e ao fortalecimento do Estado proposto em tempos de guerra. Para eles:

“Primero había que completar el dismantelamiento de los controles establecidos durante la década del 30 y que había aumentado considerablemente durante la guerra. Esto implicaban cambio en el proteccionismo evidente antes de la guerra y el fin de muchos tipos de intervención que habían proliferado en la guerra. En segundo lugar habría que combatir la inflación un mal inevitable en tiempos de guerra. Por otro lado, se estableció el dólar como divisa y Tanto el FMI como el Banco Mundial asumieron un compromiso de presionar para la liberalización del comercio y de las cuentas de capital.”¹⁴⁵

Esperava-se que ao finalizar o conflito, estas instituições¹⁴⁶ facilitassem o fluxo de capital privado para financiar o funcionamento do sistema econômico internacional. No entanto, se lançou a iniciativa do Plano Marshall para a estrita recuperação europeia. Para os Estados Unidos, a América Latina já não era um ponto central de interesses políticos e econômicos. Nas principais nações o comunismo estava proscrito ou, como no caso argentino, distante do poder¹⁴⁷.

Desde o final da guerra ficou evidente o fato de que América Latina não contaria com capital oficial estadunidense. O General Marshall anunciaria na Conferência do Rio de Janeiro, em 1947, e em Bogotá, em 1948, que a região

¹⁴⁵ CARI (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas 1880-1995**. Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996.

¹⁴⁶ Desde o fim do conflito até 1955 o Presidente Perón manteve afastada a Argentina do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e do Acordo Geral de Tarifas Aduaneiras e Comercio (GATT) que desde 1950 transformou-se no principal fórum de discussão mundial das política comerciais. A Argentina praticava nesses anos a política centrada no bilateralismo que ia de encontro a Bretton Woods e ao GATT que postulavam o multilateralismo.

¹⁴⁷ Lembremos que em 1945 o partido comunista compõe a frente opositora (UDN) que vai ser derrotada por Perón em 1946. Desacreditada por pactuar com a oligarquia, a esquerda Argentina sai da esfera política do país. Voltaria com força quando, na década de 60 e 70, abraça as bandeiras do peronismo, um peronismo marxista e revolucionário que contribuirá para trazer Perón de volta à Argentina, mas que será escorraçado pelo próprio Perón e a burocracia sindical, e que posteriormente, seria aniquilado pelos militares que assumiram o poder na década de 70.

teria que procurar capitais privados, devidamente estipulados por “políticas apropriadas”, para financiar seus projetos nacionais de desenvolvimento, enquanto era gentilmente convidada a dar sua contribuição para os esforços contra o inimigo ideológico¹⁴⁸ deste país. Desestimulava, assim os anseios da maioria dos países latino-americanos que solicitavam uma extensão do Plano Marshall para o continente americano. As diretrizes da política econômica norte-americana, no entanto, já estavam decididas.

A Argentina tinha esperanças de integrar o Plano Marshall como fornecedor de alimentos, mas em 1947, anos depois do fim da guerra, os Estados Unidos discriminaram as compras de alimentos argentinos com seus dólares, justo quando este país mais precisava de divisas.

A Administração para a Cooperação Econômica (ECA)¹⁴⁹, que

¹⁴⁸ ALMEIDA, Paulo Roberto de. **A diplomacia do Liberalismo Econômico em Sessenta Anos de Política Externa Brasileira** (1930-1990). São Paulo: Cultura Editora Associados, Centro de pesquisas Internacionais da USP, 1996.

¹⁴⁹ O historiador e pesquisador argentino Carlos Escudé teve acesso a memorandos ultra-secretos da ECA No que segue, citamos os mais importantes e esclarecedores documentos para interpretar o posicionamento anti-argentino do ECA: “*La ECA inicia sus operativos em um clima der hostilidad del Congreso y de la opinión publica en contra de la Argentina. El año anterior la prensa había criticado con frecuencia a la Argentina por cobrar precios exorbitantes por los alimentos que Europa tanto precisaba. El informe Herter del 19 de marzo de 1947 al Congreso recomienda a los Estados Unidos “se pongan firmes” con la Argentina. En otro informe fechado el 24 de septiembre, el Comité Arriman de Ayuda Externa recomienda que el Gobierno norteamericano “utilice todos los medios” para obtener un máximo de exportaciones de la Argentina a los precios correctos y en términos razonables. El embajador Bruce ya había advertido al presidente Truman y al secretario Marshall en cartas personales del 4 de febrero de 1948, y también al Departamento de Estado, que el presidente Perón había resuelto vender los cereales argentinos a precios del mercado internacional. La Administración para la Cooperación Económica adoptó desde el principio una política de impedir cualquier gestión a la Argentina. [...] La ECA entregó al Departamento de Estado el 9 de julio de 1948 un memorando titulado “Política de la ECA con respecto a la Argentina” El Sr. Robert H. Strange de la ECA confirmó mas tarde que dicho enunciado de la política había sido adoptado por el organismo. Las medidas discriminatorias contra la Argentina fueron las siguientes: a) la ECA pretendía que Argentina vendiese todas sus exportaciones a precios de Estados Unidos o si eran menores , a precios internacionales, a pesar que las exportaciones se vendían con créditos extendidos por la Argentina o en divisas poco fuertes, es decir para productos europeos cuyo precio estaba por encima de dichos productos en los Estados Unidos ; b) si bien la Argentina había citado precios de Estados Unidos o menores en todas las transacciones en dólares de los meses anteriores, la ECA*”

administrava o Plano Marshall, negaria deliberadamente¹⁵⁰ que capitais norteamericanos comprassem produtos agropecuários argentinos. A Argentina ficaria ilhada das possibilidades que brindavam a reconstrução da Europa, precisamente no exato momento em que o inchaço do Estado, os créditos industriais, as nacionalizações, a *Fundación Evita*¹⁵¹ e todo o aparato redistributivo estavam na sua máxima expansão. Por outro lado, complementando esta conjuntura externa desfavorável, percebe-se um déficit orçamentário a partir de 1949, fruto da política creditícia adotada pelo Banco Central e da retração da poupança interna.

exigía que la Argentina no estaría dispuesta a vender sus exportaciones en dólares a precios estadounidenses o menores; c) la ECA proponía que los “participantes cooperasen con los Estados Unidospara obligar a la Argentina a aceptar precios razonables para todas sus exportaciones a los países del Plan Marshall; d) la ECA exigía que la Argentina aceptase productos suntuarios de los europeos en pago de sus exportaciones a pesar que su economía no los necesitase y a pesar que los Estados Unidos estaban desalentando a los europeos para que no comprasen artículos suntuarios. ESCUDÉ, Carlos. **Gran Bretaña Estados Unidos y la declinación Argentina, 1942-1949**. Buenos Aires: Editorial Belgreano, 1998.

¹⁵⁰ Para aprofundar esta temática ver: LANÚS, Juan Archibaldo. **De Chapultepec al Beagle: Política Exterior Argentina (1945-1980)**. Buenos Aires: EMECÉ Editores, 1984; CARI (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales. **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas (1880-1995)**. Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996; ESCUDÉ, Carlos. **Gran Bretaña Estados Unidos y la declinación Argentina (1942-1949)**. Buenos Aires: Editorial Belgreano, 1998. BANDEIRA, Luis Alberto M. **Estado Nacional e Política Internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina Brasil (1930 – 1992)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993. p. 81. SCENNA, Miguel. **Como fueron las relaciones argentino-norteamericanas**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1970.

¹⁵¹ A Fundación de Ayuda Social Eva Duarte de Perón, *foi uma poderosa ferramenta política do governo peronista para Luna: “Ciertamente [...] jamás hubo en el país - y pocas veces en el mundo – una institución privada mas privilegiada que la Fundación Eva Perón. Fue, en realidad, un Ministerio de Bienestar Social paraestatal, alimentado por fondos públicos o fondos privados derivados de sus arcas, o contribuciones mas o menos forzosas Exenta de todo impuesto o contribución, sin obligación de rendir cuentas a nadie, la Fundación cosechaba distintas vertientes de dinero que por imperio de diversas leyes debían alimentar sus cajas. Por lo pronto, un día de sueldo por todo aumento de salario obtenido mediante convenios, un porcentaje recaudados por el Estado en las carreras hípicas, los casinos y Lotería Nacional. Se embolsaba algunas multas, a mas importante, cien millones de pesos que se impuso en 1949 a la sonada sucesión Otto Bemberg (Cervecería y Maltería Quilmes)”*. LUNA, Felix. **Perón y su Tiempo: la Argentina era una fiesta (1946-1949)**. Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1984. p. 306-307.

Segundo Llach¹⁵², nos primeiros anos de governo esta contradição era amortecida por:

“(...) dos fuentes extraordinarias de recursos: las ganancias del IAPI y el superávit del recién nacido sistema de seguridad social. Ambas eran transitóreas. En cuanto los precios internacionales de los productos agrarios bajaron a un nivel ‘normal’ y a medida que comenzaban a jubilarse trabajadores afiliados a las nuevas cajas de previsión, esas fuentes se agotarían lo que acabaría por avivar la inflación [...] aunque no fuera obvio, allí estaban los síntomas de que el impulso expansivo y distribucionista se había llevado a un extremo peligroso. La bonanza de los términos de intercambio, la abundancia de recursos fiscales provenientes de la seguridad social y de la apropiación pública de la prosperidad exportadora, el incremento de los salarios en proporción mayor al de la productividad, la capacidad para expandir el crédito sin provocar inflación; nada duraría para siempre.”¹⁵³

Estas dificuldades econômicas, fruto da expansão estatal e da política redistributiva, que se materializou com do aumento real dos salários e com um Plano Marshall “às avessas”¹⁵⁴, em 1950 o Governo Peronista, recorre a um empréstimo de 125 milhões¹⁵⁵ de dólares dos Estados Unidos. Precisamente do país, que, como veremos posteriormente, tinham sido considerados, junto com a “oligarquia anti-peronista”, como a antítese do peronismo, demonizados e execrados por Perón desde seus primeiros discursos no Departamento de

¹⁵² Doutor em economia e professor de História Econômica do Instituto Torcuato Di Tella.

¹⁵³ Para aprofundar esta temática ver: GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. El ciclo de la ilusión y el desencanto: **un siglo de políticas económicas argentinas**. Buenos Aires, Ariel sociedad económica, 1999. p. 199. Grifo nosso.

¹⁵⁴ Além de não participar com seus produtos, a Argentina perdia os mercados europeus que estavam inundados com produtos subsidiados pelo Plano Marshall.

¹⁵⁵ Em fevereiro de 1950 o subsecretário de Estado dos Estados Unidos da América (Assistant Secretary of State), Edward Miller, reuniu-se em Washington com o presidente do Exinbank. O banqueiro queria informações sobre a política norte-americana com respeito à Argentina. Neste período de pós guerra, a Argentina já não representava perigo e o Departamento de Estado consentiu em conceder o crédito. No entanto, o empréstimo foi condicionado à ratificação do TIAR e do pactuado na Conferência do Rio de Janeiro em 1947, assunto que esmiuçaremos no próximo capítulo. Todavia o governo norte-americano solicitava uma política de incentivos fiscais a empresas (na sua maioria frigoríficos e companhias aéreas). GRABENDORFF, Wolff; **América Latina, Europa Occidental y Estados Unidos- Um nuevo Triangulo Atlântico** Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1984. p. 654-655.

Trabalho – chegando a afirmar inclusive que “*les juro, me corto las manos antes de aceptar un prestamo del exterior*”¹⁵⁶ - e que posteriormente, tanto ele quanto sua esposa Eva Duarte tinham-no identificado como uma dos males argentinos e latino-americanos.¹⁵⁷ Não é difícil perceber a contradição que representou esta operação de crédito com o Exinbank, o que apropriadamente Escudé denominou “*a declinação Argentina*” e que nem os militares nacionalistas, tampouco a imprensa internacional perdoariam.

Desde o final do ano 1948 a economia argentina tinha ingressado no terreno alagadiço da inflação, tinha queimado suas divisas e o que é pior os interesses norte-americanos ocuparam o espaço que deixava uma Inglaterra, desestruturada pela guerra, e se converteriam nos provedores mais importantes gerando uma situação deficitária na balança comercial. A política externa Argentina que se definia como autônoma e independente, procuraria desesperadamente uma aproximação com os Estados Unidos e com os países latino-americanos para complementar sua abalada economia. Perón, após a decepção com a Guerra da Coréia, que ele acreditava que seria da mesma magnitude da Segunda Guerra e que propiciaria excelentes oportunidades econômicas para o país, percebe a excepcionalidade em que a Argentina tinha

¹⁵⁶ O economista Gomes Morales que foi Ministro da Economia de Perón no período, afirma em depoimento ao historiador Felix Luna “*Nosotros estabamos dispuestos a pagar depositando 20% de la deuda por empezar. Pero vino entonces el embajador norteamericano y nos dijo: “Puede Haber una forma menos dolorosa ; pueden obtener un crédito del Exinbank a un interés moderado” yo le dije que esa no era deuda directa del Banco Central ni menos de la Tesorería; era una deuda contraída por los bancos argentinos y los bancos argentinos la pagarían. A Perón no le costo mucho aceptar esta forma de pago. Él había dicho, cierto, que se cortarían las manos antes de aceptar un empréstito, pero para él eso no era un empréstito sino una forma de pagar. En realidad, cuando dijo aquello de cortarse la mano, Perón pensaba en los empréstitos tradicionales, para obras publicas....Así es que eso se resolvió de forma incruenta: Perón, lo que quería eran soluciones.”* LUNA, Felix. **Perón y su Tiempo: la comunidad organizada (1950-1952)**. Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1984. p. 306-307.

¹⁵⁷ Lembremos aqui das consignas tantas vezes utilizadas por Eva e pelos peronistas *Yanki Bramen, Imperialismo Yanki, Ni Yankis ni marxistas...peronistas*.

conseguido seu ápice econômico – um estado de beligerância internacional no qual os grãos e a carne Argentina adquiriam um poder de barganha insuperável.

A Guerra Fria se daria exclusivamente no campo ideológico e conjetural, não no campo de batalha e, nesse sentido, a Argentina já não representava perigo dada a doutrina, a origem militar, e a história do peronismo. Portanto, se Perón¹⁵⁸ esperava uma guerra redentora para restabelecer a economia, aconteceu precisamente o contrário: uma guerra de “xadrez” de zonas de influências onde a Argentina, em virtude de seu pouco valor estratégico para os Estados Unidos, não teria vez.

A trajetória da política externa peronista, e aqui consideramos o período militar como tal, é causa e consequência das circunstâncias econômicas que se estabeleceram durante a guerra e no imediato pós-guerra. É causa, porque uma política exterior por si só não pode gerar desenvolvimento, mas pode impedi-lo gerando um posicionamento internacional adverso ao comércio e aos capitais de investimento. Por outro lado, é consequência da excessiva pressão e do boicote que os Estados Unidos exerceram sobre o país no período, e que determinou que se intensificassem desesperadamente as medidas que procuravam a independência econômica e, ao mesmo tempo, dariam a oportunidade para que se adotassem medidas concretas, exacerbando as nacionalizações e transferindo recursos do campo para a cidade.

¹⁵⁸ Para o Prof. Dr. Jose Paradiso: “Perón depositaba su expectativa en las oportunidades que para el país podría representar un estallido. En ese punto, la cuestión de los alimentos ocupaba un lugar privilegiado. En realidad, la idea de la condición de productor de cereales y carnes constituía para la argentina una carta de triunfo de valor estratégico siempre estuvo presente en las representaciones del líder del justicialismo, a tal punto que se vera reaparecer en ocasión de su retorno en los años setenta. Ya desde los inicios de su carrera política argumentaba que en el mundo cada vez mas superpoblado, la necesidad primaria era producir comida y que en la lucha economica por el futuro estarían fatalmente involucradas las regiones del mundo con grandes reservas territoriales”. PARADISO, José. **Debates y Trayectorias de la política exterior argentina**. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1993. p. 465-467.

3. A POLÍTICA EXTERNA PERONISTA ATRAVÉS DA IMPRENSA

Cuando teníamos todos los diarios en contra nuestra, ganamos las elecciones por muerte. Después, cuando estaban todos con nosotros me derrumbarón.

Juan Domingo Perón¹⁵⁹

Durante a toda a Segunda Guerra Mundial, o interesse em acompanhar os acontecimentos na outra parte do mundo despertou, nos lares americanos, o hábito da leitura diária da política internacional. A magnitude do conflito mundial era tal que poucos cidadãos se permitiam desconhecer o dia a dia no front, as alianças e a participação do próprio país no concerto das nações. Não é de estranhar que as notícias a respeito de assuntos internacionais ocupassem espaços nobres nos jornais e revistas de maior circulação, inclusive de maior destaque do que aquelas que faziam referência à política nacional. Analistas, ex-diplomatas estrangeiros e transcrições de jornais de grandes potências eram veiculados nas primeiras páginas do jornal, evidenciando a importância e o interesse que despertavam os assuntos internacionais.

O fim da Segunda Guerra Mundial não determinou uma nova configuração dos jornais. Antes pelo contrário. Os jornais e revistas se especializaram nesse nicho jornalístico. Os contatos com as agências internacionais de notícias - como as norte-americanas Associated Press e United Press, e as três européias Havas, Reuters e Wolff¹⁶⁰ - e o fluxo de informações que estas disponibilizavam para seus clientes aperfeiçoaram e otimizaram as notícias internacionais e, embora o conflito bélico tivesse chegado a seu fim, permitiram que se continuasse acompanhando o destino daqueles que

¹⁵⁹ Discurso retirado de PEÑA, Milciades. **El Peronismo**: selección de documentos para la historia. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1973.

¹⁶⁰ Assis Chateaubriand criou a agência Meridional, no Brasil.

participaram na guerra, direta ou indiretamente. Já não interessavam as batalhas, o número de mortos, a estratégia utilizada no conflito, mas sim o destino de vencedores e vencidos, os caminhos que estes seguiriam no novo mundo que surgia dos escombros da Guerra.

A República Argentina despertava particular interesse nos jornais do Brasil e, principalmente no Rio Grande do Sul, dada sua proximidade geográfica e cultural. O posicionamento neutral da Argentina durante a guerra tinha sido severamente castigado e criticado pela imprensa brasileira. A figura do então Coronel Juan Domingo Perón¹⁶¹ despertava curiosidade. Seu nome, como constataríamos na nossa pesquisa, quiçá seja um dos mais mencionados nos jornais do período em que realizamos nosso trabalho, junto a outros agentes políticos internacionais como Stalin, Roosevelt, Churchill, Marshall, entre outros. Sua postura ativa, seus discursos incisivos e visionários, seu confronto direto com os Estados Unidos, o magnetismo estético da sua esposa, faziam-no objeto de notas e reportagens, análises e projeções por parte da imprensa.

Por outro lado, Buenos Aires não era uma metrópole desconhecida das elites brasileiras, principalmente gaúchas, que com ela mantinham estreitos vínculos comerciais, culturais e turísticos desde os primórdios do século. Mas as mutações que se operaram a partir do final da década de 1930 na sociedade Argentina, somado ao surgimento do peronismo e de seu discurso humanista de

¹⁶¹ Segundo Saavedra Marisol: La prensa brasileña presentaba al régimen argentino como potencialmente agresivo respecto de Brasil. Se mencionaban especialmente su armamentismo, su expansionismo e imperialismo, su doctrina y los rasgos autoritarios del presidente Perón. Los principales diarios brasileños como O Globo, Correio da Manhã, O Jornal Diário de Notícias, Jornal do Brasil, Diário Carioca y los pertenecientes a la cadena de Diarios Asociados compartían la posición mencionada. Sólo el diario oficialista de izquierda, Última Hora, y O Mundo mostraban una postura proargentina. En marzo de 1949, a la campaña en contra del gobierno peronista se sumaba el Jornal do Comercio, anunciando la gravedad de la situación económica argentina. Ante el decreto del gobierno argentino sobre la distribución del papel de diario, el periodismo brasileño salió en defensa de los diarios argentinos La Nación y La Prensa: SAAVEDRA, Marisol. Peronismo y antiperonismo en Chile y Brasil. In: **Todo es Historia**. 1998. n° 369, p. 27-28.

justiça social, de soberania política e de independência econômica, faziam necessário uma compreensão maior. Na mídia, essa compreensão passava pelo acompanhamento analítico de cada passo que o novo governo dava, bem como de cada entrevista do mandatário argentino, dos atritos com os Estados Unidos e, prioritariamente, de sua política externa com respeito a essa região do continente.

Este “acompanhamento” dado pela imprensa ao governo peronista deixou presente, nas folhas dos jornais, informações de caráter cultural, político e econômico, contribuem para uma análise mais abrangente da política externa argentina do período. Por outro lado, nos informam como os movimentos do governo Perón eram percebidos pela mídia brasileira o que se omitia e o que era destacado.

Para tanto, decidimos trabalhar sobre dois eixos temáticos que, embora dialoguem entre si, porque fazem parte integrante da política externa como um todo, são percebidos pelos jornais brasileiros de forma diferenciada. Tratamos assim das relações Brasil-Argentina e das relações Argentina-Estados Unidos. Nossa análise, irá além do meramente factual e informativo, localizando as representações construídas a respeito das relações da Argentina com ambos países. Pretendemos, ainda, detectar informações em âmbito estadual que nos indiquem relações políticas, econômicas, militares e culturais que tenham sido negligenciadas pela bibliografia. Dadas as exigências metodológicas e a necessidade de um recorte temático específico centramos nossa atenção sobre quatro momentos do primeiro governo de Perón, que são o momento em que o novo governo assume; a declaração pública da “Terceira Posição” e suas repercussões nas Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Seguridade Continental (Rio de Janeiro, 1947); a Conferência de Bogotá de 1948; e a Conferência de Ministros de Relações Exteriores Americanos em Washington em 1948.

3.1 OS PRIMEIROS MOVIMENTOS DO GOVERNO E A PERCEPÇÃO JORNALÍSTICA “POR INÉRCIA” DA POLÍTICA EXTERNA ARGENTINA

Como ponto de partida, dado o estrito recorte temporal de nosso trabalho, 1946-1952, que coincide com o primeiro governo Perón, pretendemos iniciar nossa análise a partir da sua posse no governo, considerando o conturbado ano de 1945 no qual, o então Coronel, teve que enfrentar a oposição de segmentos importantes do país e do próprio embaixador norte-americano Spruille Braden.

Em 1946, o Coronel Juan Domingo Perón triunfava nos comícios sobre a coalizão opositora, a União Democrática, que congregava todos os partidos tradicionais da Argentina: democratas progressistas, radicais, socialistas e comunistas como também, contava com o apoio dos conservadores. Perón portanto, chegava com enorme apoio popular, mas sem a colaboração das forças políticas com experiência de governo. O novo presidente teve que apelar a “*hombres nuevos*” sem experiência administrativa. Sua filosofia nacionalista, acalentada desde os tempos do Colégio Militar, deveria ser repensada após a derrota do Eixo e conseqüentemente sua política externa.

Como vimos, o governo militar que deixava o poder, do qual Perón fora vice-presidente, tinha sido obrigado, dada a pressão norte-americana, a fazer concessões ideológicas e assinar acordos dispostos na já referida Conferência de Chapultepec. Na Conferência das Nações Unidas em São Francisco, a Argentina, depois de árduas negociações, era aceita como membro do novo organismo internacional. Isso não representou o fim das hostilidades contra a Argentina seja por parte da imprensa norte-americana, seja de alguns agentes do Departamento de Estado. Principalmente do embaixador dos Estados Unidos na Argentina Spruille Braden que, há um ano das eleições que levaram Perón ao poder, tinha se transformado na principal figura da oposição,

participando mais da vida política argentina que de suas atividades diplomáticas, chegando ao extremo de participar nos comícios e manifestações da coligação que se enfrentava com Perón nas eleições.

A atuação de Braden seria contraproducente, já que o futuro presidente utilizaria a ingerência do embaixador na vida política argentina como arma de propaganda partidária, colocando a oposição ao lado dos Estados Unidos e de Braden¹⁶². Ambos representariam, segundo a exegese peronista, a humilhação e o desrespeito à autonomia dos povos. Por outro lado, a publicação por parte do Departamento de Estado do famoso Livro Azul, dias antes das eleições, na qual se acusava a Argentina de colaborar com o regime nazista da Alemanha,¹⁶³ projetara mais um elemento explosivo à candidatura peronista. O clima tenso pré-eleitoral foi acompanhado por toda a imprensa latino-americana, principalmente nos países vizinhos como o Brasil, onde se hostilizava a

¹⁶² No discurso de fechamento de campanha Perón utilizou inteligentemente cada atitude de Braden afirmando: “Denuncio al pueblo de mi Pátria que el Señor Spruille Braden es el inspirador, creador y jefe verdadero de la Union Democratica [...] Si por un designio fatal del destino triunfaren las fuerzas regresivas de la oposicion, organizadas, dirigidas y orientadas por Braden, sera una realidad terrible para los trabajadores argentinos la situación de angustia, miseria y oprobio que el mencionado ex embajador pretendio imponer sin éxito al pueblo cubano.” Depois dessa advertência lançou a consigna que no outro dia apareceria pintada em todos os muros das principais cidades argentinas: **‘Sepan quienes voten el 24 por la formula del conturbenio oligarquico-comunista, que com esse acto entregan el voto al Señor Braden. La disyuntiva a etsa hora trascendental es esta: - Braden o Perón’**

¹⁶³ Foi uma publicação do Departamento de Estado de 131 páginas com capa de cor azul e que levava como título: *Consultas entre las Republicas Americanas respecto a la situacion Argentina*. Essa foi o resultado de documentos apreendidos em países derrotados do Eixo. Entre o conteúdo destacamos: 1) Informava que membros do governo militar tinham colaborado com agentes do Eixo contra os interesses Aliados; 2) Que agentes nazis colaboraram com grupos e associações argentinas com o intuito de implantar governos nazifasistas; 3) Que o governo militar tinha tentado derrubar governos latino-americanos. Acusava nominalmente a Farrel, Perón e Ramirez. O último capítulo dessa publicação analisava a ação da Secretaria de Trabajo y Previsión, desmerecendo as organizações e movimentos dos trabalhadores argentinos. Por último solicitava aos países americanos que contribuíssem com opiniões e debates a respeito da situação na Argentina. LUNA, Felix. **El 45**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1971.

Republica Argentina,¹⁶⁴ acusando o governo militar de fascista, nacionalista e expansionista.

A campanha desenvolveu-se com normalidade, logicamente o governo militar apoiava Perón mas, toda a imprensa estava com a União Democrática.¹⁶⁵ A Argentina vivia uma expectativa totalmente nova, trabalhadores e trabalhadoras cantavam pelas ruas centrais de Buenos Aires, era a primeira vez que as massas sentiam-se protagonistas, verdadeiros agentes políticos e viam em Perón, o interlocutor de seus interesses, o seu grande protetor.

Ao finalizar o mês de março, os votos de todas as províncias tinham sido fiscalizados e o “candidato impossível”, o “representante do nazismo na América”, o “agitador das massas operárias”, seria o próximo presidente constitucional. Na terça, 8 de abril, um mês e meio após as eleições, o último envelope foi aberto. Perón havia sido votado por 55% dos cidadãos o que representava um total de 1.478.500, contra 45% dos votos da União Democrática, ou seja, 1.212.300 votos.¹⁶⁶

Poucos dias depois da vitória eleitoral e antes de assumir, precisamente na sexta-feira, 10 de maio de 1946, o Diário de Notícias de propriedade dos Diários Associados reproduzia, na primeira página, sob o título **Grave Advertência de Henry Morgenthau**, um comentário virulento do ex-secretário da fazenda norte-americana contra a Argentina. Com o sugestivo subtítulo de *Perón Interfere no Uruguai Preparando um Grande Bloco Fascista Sul-americano:*

¹⁶⁴ Embora nossa pesquisa refira-se estritamente ao primeiro governo, analisamos os jornais do ano 1945 para poder avaliar as modificações que se produzem a partir de 1946.

¹⁶⁵ Um cálculo de centimetragem de cobertura jornalística de ambos partidos realizado na Prensa e Nación no período eleitoral feito por Felix Luna, apontava 10 % para o Partido Laborista e 90% para a União Democrática.

¹⁶⁶ LUNA Felix. **El 45**. Buenos Aires, Hispanoamerica,1984

“Salvo que o Governo norte-americano tome uma atitude acordaremos verificando que Perón organizou um grupo de nações contra nós; o bloco fascista do Rio da Prata: Uruguai, Paraguai, Argentina, Bolívia e talvez o Chile [...] Perón recebeu no seu Palácio ao líder herrerista e fascista uruguaio Eduardo Vitor Haedo que foi à capital Argentina a pedir apoio. Perón como Hitler, está disposto a facilitar dinheiro, pressão e técnica, para incitar greves e desassossego, para fazer de Uruguai seu satélite fascista. Se Perón triunfar neste intento terá as duas margens da Bacia do Prata que facilitará seus propósitos da Grande Argentina. A ameaça que representa Argentina hoje, não é menor que durante os anos de guerra. É um Estado grande, poderoso e com enorme potencial. Seu crescimento financeiro é demonstrado pelo empréstimo que acaba de fazer a Espanha franquista ‘Mãe Pátria’ e ainda fez empréstimos a Paraguai do ditador Morinigo. A vitória de Perón alentou grupos fascistas e anti-americanos em todo o Continente. No Chile, remanescentes das antigas organizações projetam um ampla prévia para reconstituir um Partido Fascista. Enquanto o prestígio norte-americano na América Latina está em baixa, outras potências aproveitam. Começamos a sentir o amargo resultado das indecisões e erros do Departamento de Estado. Homens como Braden, não tiveram o apoio que deveriam ter, de Byrnes. Chegou o momento de mudar a política. É urgente. Nossa política com relação ao fascismo guiou-se por indecisões e apaziguamento; o efeito é visível. É tempo de suspender a ajuda e complacência aos ditadores sul-americanos. Mas parece que prosseguimos no caminho fatal. Trumann anunciou um programa no qual se daria treino e uniforme às nações sul-americanas. Não é possível que exércitos treinados por nós se voltem contra os Estados Unidos. É vitalmente necessária limpeza no Departamento do Estado. ‘Devemos imediatamente expulsar a Argentina das Nações Unidas, sem mais delongas. Ainda é tempo de conservar a amizade das forças democráticas de América do Sul.’”¹⁶⁷

Esclarecedora esta passagem, já que na primeira página de um importante jornal, como o Diário de Notícias, se publicava a opinião “pessoal” de um ex-secretário norte-americano, já afastado de suas funções públicas, que acusava nominalmente Perón, presidente constitucional, de ditador, o qual já vinha sendo estereotipado, desde 1943 pelo Departamento de Estado norte-americano. Atitude semelhante era tomada por jornais latino-americanos – inclusive a maioria dos jornais argentinos como La Prensa e Clarín¹⁶⁸ - acusando Perón como sendo a personificação do nazismo na América, além de preparar um bloco platino fascista, com a intenção de estabelecer o que o autor

¹⁶⁷ Diário de Notícias, Porto Alegre, 10 de maio de 1946

¹⁶⁸ Ver RAPAPORT, Mario. **Aliados o Neutrales?:** la Argentina frente a la Segunda Guerra Mundial. Buenos Aires: Editorial de la Universidad de Buenos Aires, 1988.

denominava de a “Grande Argentina”. A virulência do ex-secretário chegou ao extremo de exaltar a política de Espruill Braden que neste período era o símbolo da truculência norte-americana e da ingerência na soberania nacional.

Nesse sentido, a manifestação de Henry Morgenthau ia contra os novos ventos que sopravam na diplomacia norte-americana já que, apesar do clima ríspido dos últimos anos, os Estados Unidos estavam dispostos aliviar a situação Argentina, prévio cumprimento dos acordos de Chapultepec¹⁶⁹,

Por outro lado, o ex-secretário da fazenda omitia que o empréstimo a Espanha realizado em 30 de abril de 1946, no montante de 30 milhões de pesos, estava condicionado à compra de cereais argentinos¹⁷⁰ e que os próprios Estados Unidos e Canadá, dada a situação de vulnerabilidade em que a Espanha se encontrava, estudaram a possibilidade de envio de alimentos. Assim, o autor, acusava de complacência, indecisão e apaziguamento ao Departamento de Estado que, neste período, tinha uma agenda “positiva” com respeito à República Argentina. Por último, advertia que o programa anunciado por Trumann, de standardização militar no continente, seria contraproducente aos interesses norte-americanos e apregoava uma “limpeza” no Departamento de Estado e a “expulsão” da Argentina das Nações Unidas.

Não temos como mensurar efetivamente o impacto que notícias como esta causavam na opinião pública. Mas é evidente que reforçavam a imagem negativa, que vinha dos tempos da Guerra. De certa forma, o governo que

¹⁶⁹ Principalmente a entrega de elementos nazistas que ainda se encontravam na Argentina e de empresas e depósitos alemães.

¹⁷⁰ Posteriormente, num discurso, Perón justificava: “Algunos de nuestros opositores se han levantado para enrostrar nuestra conducta para com la Madre Pátria. Las naciones, como los hombres, son decentes o no lo son. Cuando el error y la ofuscacion de algunos países hicieron que nos retiraran los embajadores y nos bloquearan diplomática y economicamente, España mantuvo su embajador en Buenos Aires. Como podriamos pagarle a España ahora, con semejante ingratitud?.” Retirei este discurso de LANÚS, Juan Archibaldo. **De Chapultepec al Beagle: Política Exterior Argentina (1945-1980)**. Buenos Aires: EMECÉ Editores, 1984.

assumia herdava esta imagem¹⁷¹, e conseqüentemente, a República Argentina enquanto país, despertava apreensão nos leitores, principalmente aqueles do Estado do Rio Grande do Sul, dada a sua fronteira cultural e geográfica. Para nós, essa imagem negativa nos informa que a imprensa gaúcha percebia no novo governo uma continuidade do anterior e que *inercialmente* continuavam a avaliá-lo negativamente, fruto da influência norte-americana e do *imaginário* social brasileiro que estava vinculado a um passado de desconfiança e ressentimentos mútuos que já foram abordados no capítulo anterior.

Durante o período pesquisado, quase todos os editoriais dedicaram seus comentários à política nacional e estadual e, contrariamente ao esperado não encontramos nenhuma referência ao peronismo durante todo o ano de 1947 na coluna que escrevia o diretor dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, Essa coluna era veiculada com *status* de editorial na quarta página, juntamente aos editoriais propriamente ditos, e ficou famosa pelos seus ataques virulentos contra o ex-presidente Getulio Vargas e contra tudo o que se opunha a seus interesses de construir um império jornalístico¹⁷².

As notícias referentes à política externa Argentina e ao país como um todo eram uma constante na primeira página. Deve-se considerar que estas notícias não eram escolhidas ao acaso ou por imposição das agências de notícias. Estas, segundo o jornalista Luis Amaral¹⁷³

¹⁷¹ Deve-se considerar que Perón era, talvez, a figura principal do governo militar que desocupava a Casa Rosada e que era diretamente responsável pelo “passivo” que seu novo governo carregaria.

¹⁷² Ver MORAIS, Fernando. **Chato o Rei do Brasil**: a vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

¹⁷³ Luis Amaral foi repórter e redator do Diário da Noite, O Jornal, Diário de Notícias, Última Hora, Jornal do Comércio. Redator Chefe de política internacional do Jornal do Comércio, encarregado do serviço de imprensa do Serviço de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Buenos Aires (1964-1965) entre outras atividades.

“(...)sofrem um processo de seleção desde a confecção da pauta até o momento em que o editor, o secretário da redação ou o editor-chefe, conforme o esquema e as circunstâncias, coloca o visto para a descida à oficina. Durante essa trajetória, passam por diversas verificações a fim de se conhecerem as implicações que possam provocar, e a abordagem é feita segundo critérios específicos da empresa, com aproveitamento dos fatos que convém ressaltar ou abandonar e aqueles sobre os quais é interessante silenciar. No caso das notícias internacionais, já passaram por uma triagem na central de expedição – Nova Iorque, Paris ou Moscou – mas, mesmo assim, ainda há uma escolha em cada redação, uma certa podadura, quando o assunto é muito quente e por isso deve ser explorado com redobrado cuidado.”¹⁷⁴

O Diário de Notícias, assim como o Correio do Povo¹⁷⁵, utilizavam comentários de funcionários, geralmente norte-americanos, como o do ex-subsecretário de Estado, Summers Wells, como no caso do Diário de Notícias de um ex-ministro da fazenda. Ambos os jornais veiculavam as notícias da política exterior na primeira página. Posteriormente, a partir do ano 1948, o Diário de Notícias utilizou também a contracapa.

A posse de Perón foi abordada por esses dois jornais. O Correio do

¹⁷⁴ AMARAL, Luis. **Jornalismo Matéria de primeira página**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1978.

¹⁷⁵ O "Correio do Povo" foi fundado por Caldas Júnior em 1895, que foi revisor d'A Reforma e redator chefe do "Jornal do Comércio". Começou como tantos outros, levantou um pequeno capital entre o comércio porto-alegrense e montou seu jornal: “ (...) Caldas Júnior organizou sua empresa em termos familiares, mas sem excluir da direção do jornal os valores do jornalismo da época com que podia contar; fez sucessivas reformas em suas oficinas, com vistas à redução de custos e ao aumento da produtividade; procurou equiparar os padrões gráficos do jornal aos mais modernos do País, aumentando o número de páginas e o formato da folha, sem custos adicionais para o leitor.” GALVANI, Walter. **Um Século de Poder: Os Bastidores da Caldas Junior**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995. Por seu turno, o "Diário de Notícias" foi lançado em 1925, constituindo o segundo maior jornal do Estado. Era controlado por Assis Chateaubriand, homem explicitamente anti-getulista. Chateaubriand tinha ligações com Nelson Rockefeller que em 1944 era coordenador de Assuntos Interamericanos do Governo Roosevelt – e quem emprestara ao jornalista 1000.000 de dólares para comprar a Schering expropriada dos alemães. Também era amigo pessoal de Cordell Hull, Secretário de Estado antiperonista que em várias oportunidades o ciceroneara nos Estados Unidos. Como podemos depreender da obra de MORAIS, Fernando. **Chato o Rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand**, um dos brasileiros mais poderosos deste século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Povo de 5 de junho de 1946, publicou a posse na primeira página, com destaque e fotos do evento sob o título:

“Perón empossado na Presidência sob Entusiásticas Manifestações”: (Buenos Aires A.P.) Num ambiente de grande solidariedade e entusiasmo o General Juan Domingo Perón prestou juramento e foi empossado na presidência da República. Depois da cerimônia Perón apareceu na Casa Rosada, sob intensos aplausos da multidão, e declarou haver decretado feriado o dia de amanhã para celebração da posse.”¹⁷⁶

Quando Perón assumiu a presidência, procurou uma aproximação com os demais países da América Latina e, inclusive com os Estados Unidos. Essa tentativa se concretizará, no caso brasileiro, com a inauguração da Ponte Internacional de Uruguiana e seu encontro com o Presidente Dutra. Mas, o que os jornais nos informam é que a caracterização de Perón como ditador, nazista e fascista e “perigo argentino” continua “por inércia” no momento da sua posse.

Podemos ilustrar esta afirmação com a profética notícia de primeira página do Diário de Notícias do dia 5 de junho de 1946, que demonstrava desconfiança das intenções do novo governo e, num misto de informação e profecia, anunciava que **‘Perón assume e o mundo desconfia** (Buenos Aires United) O General Juan Perón foi empossado presidente dos argentinos (...) sob a euforia popular e a desconfiança internacional (...) o futuro da Argentina agora está em mãos de um conhecido personagem latino-americano.”¹⁷⁷

São várias as notícias neste teor, tanto do Correio do Povo quanto do Diário de Notícias. Manchetes como: **“O que espera a Argentina?”** do Correio do Povo do dia 6 de junho de 1946, onde se perguntava “qual será o destino do irmão país?” ou do Diário de Notícias que, no dia 7 de julho sob o título **“Como**

¹⁷⁶ Correio do Povo, Porto Alegre, 5 de junho de 1946.

¹⁷⁷ Diário de Notícias, Porto Alegre, 5 de junho de 1946.

ganhou Perón?”, fazia referência ao apoio que teve o mandatário argentino por parte do governo militar e como este “manipulou a imprensa e reprimiu manifestações abafando a oposição”. As grandes manchetes não fazem nenhum tipo de registro das autoridades brasileiras que assistiram a posse ou do discurso do General Perón. Mas o que chama-nos a atenção é que no mesmo dia em que o Correio do Povo se perguntava: “o que esperava a Argentina”, uma importante declaração de Perón, que dizia respeito ao Brasil recebia um tratamento menor, se comparado com as notícias anteriores.

Uma nota, localizada na margem inferior esquerda do jornal com título pequeno, tratava de um relevante assunto, mas que o jornal não tinha interesse em destacar: **“Perón sonha visitar com Brasil”**, uma informação que desconhecíamos, e da qual não tínhamos encontrado referência na bibliografia pesquisada.

“Perón Sonha com visitar o Brasil” (Rio, Agência Nacional) O presidente Juan Perón que hoje assume o governo da Argentina, afirmou em declarações ao jornal matutino desta Capital: Jornal do Comércio, respondendo à pergunta se acredita que seja útil o estabelecimento de zonas livres na fronteira de Brasil com a Argentina declarou: ‘O que penso é que entre Brasil e Argentina não deve haver fronteiras, temos um destino a cumprir e quanto mais unidos melhor’. Sobre se pretendia visitar o Brasil Perón assim se manifestou Visitar o Brasil é um sonho que alimento há muito, no momento porém, estou preso. A missão que tenho que cumprir é árdua e não posso me afastar do país. Algum dia meu desejo de visitar os irmãos brasileiros há de se realizar”¹⁷⁸

É uma manifestação clara de Perón no sentido de procurar uma aproximação com o Brasil. Em realidade, como o afirmam a maioria dos especialistas em política exterior argentina,¹⁷⁹ Perón percebia que à medida que os Estados Unidos assumiam um novo papel a partir da configuração mundial bipolar, a Argentina, enquanto país insular da América, se tornava um caso

¹⁷⁸ Correio do Povo, Porto Alegre, 5 de junho 1946.

¹⁷⁹ Entre eles destacamos Juan Archibaldo Lanús; Mario Papaport; Carlos Escude; Andrés Cisneros e Carlos Iñiguez.

menor e, até mesmo, irrelevante. Não representava, assim, uma ameaça, dada sua inexpressiva potencialidade bélica mas, mesmo assim, os longos e acirrados anos de desentendimentos com o Departamento de Estado norte-americano tinham deixado suas marcas e foram responsáveis, “*por inércia*”, pela animosidade que se manifestou nos novos funcionários do referido departamento. Para os historiadores mencionados, essa percepção do mandatário argentino é o motivo pelo qual, desde o momento em que assumiu a presidência, tentou uma aproximação com os países sul-americanos, aproximação sem comparação em toda a história argentina e que, como veremos posteriormente, será responsável pela substancial mudança no teor das manifestações jornalísticas. Logicamente que não atribuímos essa iniciativa a motivos altruístas, mas sim a necessidades econômicas específicas de um país que se via asfixiado pelo boicote norte-americano e queria dar continuidade às exportações de manufaturas argentinas iniciadas durante a guerra, se tratava de acordos de intercâmbio de trigo argentino, nitratos de Chile, estanho boliviano; pneus e caucho cru do Brasil.

Perón, chegava ao governo pensando que podia executar uma política exterior equidistante dos dois pólos de poder que surgiam no novo cenário mundial. No dia 6 de junho de 1946, dois dias após assumir a presidência da República, a delegação soviética entrou em contato com o presidente. As atividades dos soviéticos tiveram repercussões imediatas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos de América e, como vimos afirmando, deram novo impulso à imagem negativa da Argentina que vinha de anos anteriores. Perón enviou uma comunicação ao Congresso na qual anunciava o restabelecimento das relações com a União Soviética.

Uma importante delegação soviética, liderada por Constantin V. Shevelev, tinha assistido às cerimônias oficiais da posse de Juan Domingo Perón. Muito surpresos e desorientados ficaram aqueles que tinham qualificado de fascista o governo surgido nas urnas e principalmente os dirigentes

comunistas locais. No entanto, posteriormente, os soviéticos perceberam que o verdadeiro interesse de Perón era o de utilizá-los na sua posse¹⁸⁰, para revesti-la de um caráter neutral, o que seria mais tarde o princípio da Terceira Posição. Perón, segundo Page, havia percebido a aversão dos norte-americanos ao comunismo, com o nazismo e o fascismo “mortos e enterrados”.

Por outro lado, no Brasil com a queda do Governo Vargas em 1945, assumia o governo constitucional do General Dutra. Sua política exterior era, grosso modo, uma continuidade da política do governo anterior. Conforme Gerson Moura, “O governo Dutra acreditava na ligação especial do Brasil com os aliados ocidentais confiava que um alinhamento estreito à política norte-americana constituía a melhor defesa para enfrentar um novo conflito global”¹⁸¹. Estrategicamente, Dutra acreditava - como Perón e a maioria dos países do mundo – que estaria por se deflagrar um terceiro conflito mundial. A diferença era que Perón, reservadamente, declarava que a Argentina se colocaria ao lado dos Estados Unidos quando eclodisse a dita guerra.

Dutra, ao contrário, considerava que a Guerra Fria exigia um compromisso militante e manifesto. Por trás deste posicionamento existia a ilusão do “aliado especial”, condição que não se confirmou posteriormente. Para Paulo Roberto Almeida, “tendo praticado uma colaboração econômica e militar impecável durante a guerra, o Brasil julgava-se um aliado especial.”¹⁸²

Para o Brasil, de nada serviu a ruptura de relações com a União Soviética e a ilegalidade do Partido Comunista. Os Estados Unidos tinha agora outro objetivo: a recuperação européia. Os jornais do período deram

¹⁸⁰ PAGE, Joseph. **Perón: Uma Biografia**. Buenos Aires: Editorial Grijalbo, 1999.

¹⁸¹ MOURA, Gerson. **Sucessos e Ilusões**; relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991. pp 56

¹⁸² ALMEIDA, Paulo Roberto de. **A diplomacia do liberalismo econômico sessenta anos de política externa brasileira (1930-1990)**. São Paulo: Cultura Editora Associados, Centro de pesquisas internacionais da USP, 1996. P 36

significativa importância ao fato de Perón restabelecer as relações com a União Soviética. Um passo totalmente contrário de seu par brasileiro.

A imprensa gaúcha reagiu condenando o restabelecimento das relações diplomáticas e isto aqueceu a animosidade contra o vizinho país. Manchetes como: **Perón e Stalin tornam-se amigos** do Diário de Notícias na sua edição de Sábado, 8 de junho de 1946, que transcrevemos a seguir evidencia como, depois de poucos dias de ter assumido o poder central, os jornais “provavam”, com notícias provenientes da Inglaterra, que não tinham se equivocado em suspeitar do novo presidente Argentino.

“Perón e Stalin tornaram-se amigos (Londres Daily Express) O ministério do Exterior está relutante em comentar os acontecimentos esperados desde muitos meses. Um diplomata latino-americano conhecedor profundo dos negócios da Argentina calcula que talvez os conselheiros ‘anti-americanistas’ de Perón queiram jogar Rússia contra os Estados Unidos como um meio rasteiro de melhorar a situação internacional. O mesmo diplomata informou que se esperava que todos os países amigos da Rússia, agora dêem o braço a Argentina - **A Repercussão na Argentina:** O jornal argentino El Pueblo de origem católica criticou abertamente o reatamento diplomático entre os dois países. La Nacion e La Prensa publicaram uma longa descrição da prisão, na Rússia dos diplomáticos argentinos desde 1917, que foi a causa do rompimento. Os jornais peronistas não fizeram comentários”¹⁸³

Sabemos que imprensa, muitas vezes, noticiou suposições que posteriormente não se confirmaram. Outras vezes, as próprias suposições geraram uma reação e, por conseguinte, um fato substancial. A notícia acima exposta afirmava que o Ministério de Relações Exteriores da Inglaterra não se manifestou, mas “um diplomata latino-americano conhecedor profundo dos negócios da América”, o qual desconhecemos, fazia especulações a respeito das verdadeiras intenções de Perón que seriam, a seu critério: jogar a União Soviética contra os Estados Unidos. O que o governo argentino desejava, de fato, segundo a bibliografia analisada¹⁸⁴, era flertar, barganhar e retirar proveitos

¹⁸³ Diário de Notícias, Correio do Povo, 8 de junho de 1946

¹⁸⁴ As obras específicas que fazem referência este período são: CAFIERO, Antonio. **La política exterior peronista 1946-1955: el mito aislacionista**. Buenos Aires: Corregidor, 1996; CARI

políticos e econômicos ao atravessar a Cortina de Ferro decretada por Churchill recentemente.

Por outro lado, o jornal *Correio do Povo* do dia 10 de junho, veiculava na primeira página: **“Rússia e Argentina restabeleceram as relações diplomáticas e econômicas”**, de Londres afirmava que “Perón usou os vermelhos para realizar seus planos particulares e não por simpatias às filosofias soviéticas” e que por isto “não parece repousar em base sólida a formação de um bloco comunista latino-americano encabeçado pela Argentina”. Vejamos que ambos jornais não acreditavam que Perón teria aderido ao socialismo ou que simpatizasse com a doutrina soviética, mas sim que “existe um interesse velado por trás desta atitude”. Neste caso, a própria bibliografia coincide com a percepção jornalística. Para o professor Jose Paradiso, da Universidade Del Salvador e historiador das relações exteriores argentinas, Perón

“(…)era desididamente anticomunista, pero, a esa altura de los acontecimientos, comprendia que Moscú se habia convertido em uno de los principales protagonistas Del nuevo orden mundial (...) ademas, um país afectado como ningún outro por la guerra y, em tanto tal, necesitado de alimentos, no podia ser sino um mercado prometedor para la produccion pampeana y hasta daba pie a la hipotesis de que, a cambio de una normalizacion de relaciones que convertiria a la Argentina em abastecedor de um mercado tradicional, talvez fuera beneficiada por la transferencia de algunas de las plantas industriales que los soviéticos desmantelaban em alemanha para trasladar hacia su territorio.”¹⁸⁵

(Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas** (1880-1995). Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996; CISNEROS, Andrés; IÑÍGUEZ, Carlos. **Del ABC al MERCOSUR: la integración latinoamericana en la doctrina y praxis del peronismo**. Buenos Aires: Nuevo hacer, 2002. CONNELL-SMITH, Gordon. **Los Estados Unidos y la América Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

¹⁸⁵PARADISO, Jose. Vicisitudes de una política exterior independiente. In: TORRES, Juan Carlos. **Nueva Historia Argentina: los años peronistas (1943 – 1955)**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana 2002.

Embora a bibliografia e os jornais coincidam nas verdadeiras intenções de Perón, a abordagem é totalmente diferenciada, uma vez que para a maioria da bibliografia argentina o restabelecimento das relações com a União Soviética era obra do faro político, enquanto que para os jornais pesquisados essa não passava de uma barganha “rasteira” para melhorar a situação argentina.

No fim do ano de 1946 e começo de 1947 reaparece nos jornais pesquisados a ligação Perón–nazismo, tanto no Correio do Povo quanto no Diário de Notícias. Serão as últimas referências que encontraríamos em nossa pesquisa. Elas acusam, através de uma denúncia do Comitê Internacional de Assuntos e Questões Européias, de que a Argentina encobria capitais nazistas, juntamente com outros países latino-americanos. Logicamente o jornal não informa quais, embora um deles seja o próprio Brasil que também era acusado pela dita instituição.

“Londres (Reuters) **Capitais Nazistas escondidos na Argentina** Encontra-se escondido na Argentina capitais nazistas avaliados em 500 milhões de dólares e os fundos alemães na América do Sul chegam a um milhão de dólares, anunciou o Comitê Internacional de Assuntos de Questões Européias, no seu último inquérito sobre Alemanha publicado hoje (...). O relatório refere-se ao ‘Livro Azul’ publicado pelos Estados Unidos em 1945 que tratou do caso dos capitais que foram para indústrias na Argentina e que ainda continuam em poder de nazistas como a Merck, a Shering, a Bayer e Anilinas Alemanas”¹⁸⁶.

Já o Diário de Notícias, em tom profético-apocalíptico que o caracterizava, advertia no dia 23 de janeiro, sob o título “*Perón apoiado pelos ingleses poderá ser o Hitler das Américas*” (Londres Reuters)

”O correspondente do New Cronical em Buenos Aires, declarou que atual situação de América do Sul se assemelha a da Europa nos anos que antecederam à Segunda Guerra Mundial, em virtude do desejo de estabelecer a Grande Argentina em dominar todo o continente sul-americano acentua: ‘As negras perspectivas para América do sul deixa entretanto vislumbrar-se um faz de luz no horizonte. Qualquer que seja as intenções de Perón e seus conselheiros, o povo que os elegeu, na maioria composta de operários, não morre de amores pelo fascismo, e pode frustrar os

¹⁸⁶ Correio do Povo, Porto Alegre, 28/01/1947.

planos de todos aqueles que pretendam utilizá-lo como máquina'. Ao mesmo tempo os interesses britânicos e norte-americanos, não tem culpa pelo que está ocorrendo na Argentina. A Grã Bretanha continua a financiar o grande ditador Perón por todos os meios em troca de concessões feitas pela Argentina. Da mesma forma como os industriais britânicos financiaram Hitler nos anos que antecederam a guerra muitos deles estão auxiliando agora a criação de um fantasma na América do Sul que ainda poderá trazer muitas dificuldades e precisará muitos esforços para ser destruído.”¹⁸⁷

Aqui, outra vez aparece a concepção nazista da Argentina. Novamente detectamos um discurso impregnado de adjetivações que, em tempos de guerra, se utilizava para caracterizar a Alemanha de Hitler. A “Grande Alemanha” era agora a “Grande Argentina”. “O ditador” que outrora fora Hitler, ressurgia na figura do “grande ditador” da América Latina. Os erros do passado que tinham contribuído para criar o monstro do nazismo, contribuía para a gênese do “fantasma argentino”, um fantasma poderoso que segundo a nota, “precisaria de muitos esforços para ser destruído“. Mas, esta caracterização do peronismo como encarnação do mal por parte da imprensa gaúcha, teria uma trégua durante os próximos anos.

A inércia que direcionava os jornais para uma avaliação negativa do governo Perón tinha raízes profundas e, na maioria dos casos, justificadas pela teimosia argentina durante o segundo conflito mundial. Soma-se às causas diplomáticas outras, de ordem econômicas e que alimentaram a aversão por parte da imprensa. No final de 1946 assinou-se um convênio entre ambos países que determinava a compra de um milhão e duzentas mil toneladas de trigo argentino. O Brasil, em contrapartida, se comprometia a prover a Argentina com 100.000 pneumáticos por ano. Entretanto, a Argentina, por motivos que abordaremos posteriormente, não cumpriria o acordo. As acusações jornalísticas sobre o “não cumprimento” deste acordo não especificaram suas causas e sim, exaltaram a “ruptura unilateral do contrato”, o suposto “calote” e a “desonra da palavra empenhada”. O Jornal Correio do Povo abordava esse problema numa

¹⁸⁷ Diário de Notícias, Porto Alegre 23 de janeiro de 1947

manchete do dia 13 de outubro de 1946.

“O Itamarati forneceu esclarecimentos sobre o problema do trigo – (C.P.) O acordo entre Brasil e Argentina para a troca de borracha por trigo foi assentado durante a visita que fez ao Brasil em abril do ano passado o ministro de comércio argentino. Os novos vizinhos do sul se comprometeram a nos enviar mensalmente até fim do ano 50 toneladas de trigo. Em troca o Brasil remeteria para Argentina 10.000 pneumáticos e por intermédio do Comitê da Borracha com sede nos Estados Unidos, a Argentina receberia ainda 1.800 toneladas de borracha. Quanto aos pneumáticos o Brasil já remeteu 6.000. No tocante à borracha nada há que indique que se tenha descumprido o ajuste feito, as 1800 toneladas foram ou serão entregues de acordo com critérios estabelecidos e tempo determinados. Acontece porém, que a Argentina unilateralmente resolveu alterar a combinação feita reduzindo, a partir de junho sua quota mensal de trigo destinado ao Brasil de 50 toneladas para 30. Dessa forma se verifica que Argentina não cumpriu os compromissos assumidos, ao contrário do Brasil que honrou a promessa feita.”¹⁸⁸

Nas fontes bibliográficas encontramos duas interpretações deste fato. Moniz Bandeira credita este comportamento ao “comércio exterior monopolista”¹⁸⁹ da Argentina no período. No entanto, uma análise mais aprofundada das relações comerciais Argentina-Estados Unidos apontou um caminho diferente, já que se é certo que o país do Prata produzia grandes quantidades de cereais, também o é que tinha grandes dificuldades para serem transportados e beneficiados devido à escassez de combustíveis. Isto se explicava pelo boicote econômico norte-americano que se estendeu de 1942 até 1949, ao qual nos referimos em capítulos anteriores, e que durante este período estava no auge. As retaliações econômicas norte-americanas estavam direcionadas no sentido de impossibilitar o processo de industrialização preconizado por Perón desde o período militar (1943-1946), e que agora, no primeiro governo peronista, era a principal estratégia de desenvolvimento. A ferramenta coercitiva norte-americana era o corte unilateral de fornecimento de

¹⁸⁸ Correio do Povo, Porto Alegre, 13v de Outubro de 1946

¹⁸⁹ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Estado Nacional e Política Internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina Brasil (1930 – 1992)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

combustíveis essenciais para o desenvolvimento industrial e, inclusive, para operacionalizar a safra agrícola.

Para o professor Carlos Escude¹⁹⁰ num primeiro momento, estas retaliações tinham como objetivo “*obligar al gobierno argentino a cumplir su promesa de erradicar las actividades nazis y llamar a elecciones libres*”. No entanto, estas represálias continuariam durante o governo constitucional do general Perón. Para o autor, esta continuidade de comportamento foi motivada pelo ressabio de que os funcionários daquele país tinham do mandatário argentino e a imagem de sua postura arrogante de neutralidade 1939-1944.

Esta “continuidade” na avaliação do novo governo argentino pelos Estados Unidos, que aqui denominamos de “inércia”, refletiu decisivamente na percepção jornalística.

A Grã Bretanha acompanhou, a princípio, o governo de Washington nesta avaliação, mas a situação de precariedade de alimentos no pós-guerra fez com que tentasse desesperadamente prover a Argentina dos combustíveis necessários para colheita, transporte e beneficiamento dos cereais. Para se ter uma idéia da necessidade imperiosa de combustível, 90% da safra era transportada pelas ferrovias, ainda britânicas, e os trens utilizavam diesel para se locomover, um combustível derivado de petróleo que escasseava no país. O governo inglês pressionou, tentando modificar a situação. O Secretário de Estado britânico, Lord Bevim, apelava dramaticamente a seu colega norte-americano e referindo-se à situação afirmava:

“Perante a tragédia humana que nos ameaça aqui na Europa pela falta de alimentos, hei de expressar minha esperança de que você não permitira que fatores políticos nos impeçam de fazer um envio imediato de carvão e petróleo para Argentina,

¹⁹⁰ ESCUDÉ, Carlos. Las restricciones internacionales da economia argentina. In: **Revista Desarrollo Económico**. 1994, vol. 46, nº 212.

necessários para a entrega de cereais a Europa”¹⁹¹

Este telegrama de setembro de 1946, nos fornece uma idéia das dificuldades que a Argentina tinha no período para operacionalizar seus recursos agrícolas. Possibilita, ainda, concluir que, dada a não complementaridade das economias argentino-norte-americana, os Estados Unidos tinham escassos interesses econômicos-comerciais, e estes, eram “sacrificáveis” perante a necessidade de submeter a Argentina. Nesse sentido, podemos inferir que o boicote era fruto único e exclusivo do posicionamento neutral pós Pearl Harbor. Sendo assim, a submissão econômica que se pretendia respondia a interesses e a percepções exclusivamente políticas.

Desta feita, as dificuldades que o país tinha em cumprir os acordos bilaterais assinados com o Brasil tinham causas mais complexas do que a pretensa vocação monopólica argentina, argumento de Moniz Bandeira. Devemos considerar ainda, que a tentativa de comprar pneumáticos do Brasil através de acordos comerciais não era uma novidade. O governo militar 1943-1946 já havia tentado isso, esbarrando, porém, na pressão que exercia a Casa Branca no governo Vargas através do seu embaixador no Rio de Janeiro¹⁹².

A imprensa gaúcha não fez referência ao boicote econômico, tampouco às necessidades argentinas do período. Chama-nos a atenção que as acusações dos jornais convergiam com as dos funcionários norte-americanos. Estes acusavam a Argentina de cobrar preços excessivos para seus produtos, aproveitando desumanamente a crescente demanda de alimentos na Europa do pós-guerra.¹⁹³ Ilustramos esta afirmação com uma manchete do Correio do Povo

¹⁹¹ Telegrama do Foering Office nº11672 citado em: ESCUDÉ, Carlos. Las restrições internacionais da economia argentina. In: **Revista Desarrollo Económico**. 1994. vol.46, nº 212.

¹⁹² CONNELL-SMITH, Gordon. **Los Estados Unidos y la América Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1977

¹⁹³ ESCUDE obra citada p.17

do dia 18 de agosto de 1946

“O dilema de Perón – (New York A P) A revista New Republic afirma que das 150.000 toneladas prometidas até agora para os países famintos, nada foi conseguido até agora. A única que a UNRRA pode conseguir do grupo de Perón aproveitador da fome foi através da compra de 50.000 toneladas (...) Perón ainda extorquiou na compra do óleo comestível”¹⁹⁴.

Segundo Escude, o boicote econômico se dava “extra-oficialmente” já que o governo dos Estados Unidos pressionava aos potenciais exportadores¹⁹⁵ de combustíveis através de seus embaixadores, principalmente na Grã Bretanha e Canadá. Aqui reside, na nossa opinião, o porquê da omissão da impossibilidade argentina de operacionalizar seus produtos. Embora o governo argentino através de seu corpo diplomático se justificasse, os jornais preferiam a primeira versão, que era coerente com a imagem que tinham de “aproveitador da fome”. A imagem negativa que os jornais gaúchos tinham do governo argentino e que para nós vem “por inércia” do período do governo militar de 1943-1946, não permitiu que a imprensa fizesse uma análise nítida das atitudes tomadas pelo país platino. A pesquisa nos indicou que toda interpretação da política externa argentina deste período estava “contaminada” pelas avaliações que se faziam do período anterior

O Departamento de Estado, as Agências de Notícias norte-americanas e a imprensa brasileira demorariam quase um ano para perceber a mudança de rumos do General Perón, no referente a sua política externa.

O mandatário argentino e sua equipe perceberam que seria impossível a tão almejada independência econômica com a antipatia dos Estados Unidos e de seu principal vizinho, o Brasil. Assim, Perón investiu numa aproximação com o

¹⁹⁴ Correio do Povo, Porto Alegre do dia 18 de agosto de 1946

¹⁹⁵ Estas informações só foram disponibilizadas aos pesquisadores a partir da abertura dos arquivos norte-americanos na década de 1980. Carlos Escude, Mario Rapoport e Juan Archivaldo Lanús, foram dos primeiros pesquisadores a analisar os documentos

Brasil, através de declarações¹⁹⁶ e insinuações cujo ponto alto foi a inauguração da Ponte Internacional Uruguaina-Passo de Los Libres. Por outro lado, como veremos mais adiante, procurou, no plano internacional, se projetar no mundo bipolar, lançando os fundamentos do que se denominou Terceira Posición.

3.2 TERCERA POSICIÓN: OS NOVOS RUMOS DA POLÍTICA EXTERNA ARGENTINA E A PERCEPÇÃO JORNALÍSTICA POSITIVA.

O governo Perón tinha assumido o governo em meio a um enfrentamento direto com os Estados Unidos. O Blue Book e a intromissão do embaixador Spruill Braden, motivaram desentendimentos que acarretaram, como vimos anteriormente, sérias conseqüências.

Essa relação com os Estados Unidos era pouco funcional para Argentina no mundo que se gestava no pós-guerra. No final do ano de 1945 era evidente que os laços que tinham unido o governo norte-americano e o soviético em tempos de guerra já não existiam. Stalin declarava que o comunismo e o capitalismo eram incompatíveis e que a paz só seria possível se o primeiro substituísse o segundo¹⁹⁷. A opinião pública norte-americana recebeu estas palavras como um desafio. Em Fulton, Missouri, Churchill fazia sua parte e replicava com seu conhecido discurso da “cortina de ferro” onde assinalou que os russos não queriam a guerra e sim os frutos da mesma e a expansão sem limites de seu poder e doutrina.

Em março de 1947, numa mensagem ao Congresso, o Presidente

¹⁹⁶ Encontramos quase todos os discursos importantes de Perón em Discurso retirado de PEÑA, Milciades. **El Peronismo**: selección de documentos para la historia. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1973.

¹⁹⁷ CONNELL-SMITH, Gordon. **Los Estados Unidos y la América Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1977. pp. 222-223.

Truman advertiu que os Estados Unidos não alcançariam seus objetivos a menos que “*los regímenes totalitarios impuestos sobre pueblos libres mediante agresiones directas o indirectas, socavan los fundamentos de la paz internacional y en consecuencia la seguridad de los Estados Unidos*”¹⁹⁸. Assim o presidente norte-americano enunciava a Doutrina Truman, pela qual a segurança dos Estados Unidos, o princípio de maior importância de sua política externa, que se fundamentava na paz internacional dependia da segurança de países menores.

Esta declaração implicava muito mais do que um simples universalismo e nas palavras de James A. Nathan e James K. Oliver

“La amenaza a la seguridad internacional se definía en relación a los regímenes internos de otros estados. De esta manera, la naturaleza de los sistemas políticos y económicos, es decir los asuntos internos de otros países, se transformaban en parte esencial del orden internacional. A intervención se consideraría legítima para preservar esa concepción del mencionado orden.”¹⁹⁹

O convite formal que as autoridades argentinas fizeram à delegação soviética no dia em que o general Perón assumia e a presença do embaixador que substituíra Bradem, George Massersmith, evidenciava claramente a percepção que o novo presidente fazia do mundo, das relações que surgiam e do proveito que delas poderia tirar. Elas também mostravam o jogo político que Perón pretendia fazer com os Estados Unidos. O Departamento de Estado continuou com sua política discriminatória contra a Argentina durante todo o ano de 1946, apesar do flerte peronista com a União Soviética, que só causaria a virulência da imprensa internacional e, principalmente norte-americana, como vimos anteriormente.

A partir de 1947 a situação se modificaria substancialmente. Dois

¹⁹⁸ NATHAN, James A.; OLIVER, James K. **Efectos de la política exterior norteamericana en el orden mundial**. Buenos Aires: GEL, 1991. p. 61.

¹⁹⁹ NATHAN, James A.; OLIVER, James K. **Efectos de la política exterior norteamericana en el orden mundial**. Buenos Aires: GEL, 1991

fatores contribuíram para que se distendessem as arrefecidas relações. Em primeiro lugar Perón determinou a seu corpo diplomático uma aproximação com os Estados Unidos. Reconhecia sua superioridade militar e econômica e sabia que o permanente atrito com esse país só seria prejudicial à Argentina. Numa carta ao chanceler Bramuglia expõe: *“Dado el predominio de los Estados Unidos de Norteamérica en el continente americano por su capacidad bélica demostrada tan fehacientemente en la última guerra es de vital importancia toda medida de conciliación”*. Perón sabia que o gesto de “conciliação” deveria partir da Argentina e assim o fez quando enviou as Atas de Chapultepec ao Congresso para sua retificação. O governo argentino, ainda entregou aos Estados Unidos vinte e quatro “supostos” espiões nazistas e confiscou toda e qualquer propriedade pertencente a companhias de capital alemão e japonês. Em segundo lugar, os funcionários do Pentágono preocupados com a defesa continental, em total desacordo com a política adotada pelo Departamento de Estado, gestionaram perante o presidente Truman, a conciliação com Buenos Aires.

Perón lograra convencer alguns setores do governo norte-americano de sua nova predisposição. Persuadia ainda à imprensa internacional e especificamente do Rio Grande do Sul que fazia novas avaliações dos vizinhos do Prata. Neste sentido, a inauguração da Ponte Internacional Uruguaiana Passo de Los Libres se constitui num ponto de inflexão nas percepções que se fariam da política externa peronista.²⁰⁰

O mês de maio de 1947 talvez seja, de todos os pesquisados, o mais significativo no que diz respeito à proliferação de notícias. O encontro na Ponte Internacional Uruguaiana-Paso de Los Libres representou, aos olhos da imprensa, muito mais do que uma simples inauguração. Começava, desta forma uma mudança no tom do discurso antiperonista que vínhamos detectando.

²⁰⁰ Ver anexo 1

Mostra disso foi a cobertura que tanto o Diário de Notícias, quanto o Correio do Povo deram ao evento, desde o dia 18 de maio até o dia 22. Um dia após o encontro, a edição matutina do Correio do Povo dedicava a primeira página “na íntegra” ao encontro, já o jornal Diário de Notícias cedia as duas primeiras páginas, uma no dia 21 de maio e outra no dia 22, com inúmeras fotografias Dutra, Eva e Perón.²⁰¹

O que chama a atenção é e a total inversão da adjetivação utilizada, já que nenhuma das notas referentes ao encontro repete os conceitos que, em edições anteriores os jornais utilizavam. O “ditador argentino” passou a ser “o senhor presidente do irmão país”, e Evita a “bela e jovem senhora Perón”. A “ameaça nazista” era agora o “fraternal vizinho”.

Não era a primeira vez que um presidente argentino se encontrava com seu par brasileiro. O presidente Justo na década de 30 tinha se encontrado com Vargas e lançado a semente da Ponte Internacional, inaugurada nos dias de maio de 1947. Mas o momento era outro, a Argentina vinha sendo atacada sistematicamente pelas agências de notícias internacionais que acompanhavam a opinião do Departamento de Estado norte-americano, e os jornais pesquisados tinham a mesma percepção. Neste sentido, o tratamento dado ao encontro dos mandatários e, principalmente, ao General Perón marca um divisor de águas na percepção que os jornais faziam da política exterior argentina. Parece-nos que, a partir dos enunciados da *Terceira Posición*, das manifestações do Cônsul Geral aqui no Estado e dos discursos do próprio Perón que, embora não veiculados na imprensa local eram conhecidos por cronistas e analistas políticos, o enfoque e a abordagem dada às notícias da política externa Argentina se modificou substancialmente. Transcrevemos um editorial que demonstra o tom conciliatório, ao qual nos referimos. Trata-se de um editorial do Correio do

²⁰¹ Ver anexol

Povo datado de 21 de maio de 1947, que expressava um posicionamento explícito do jornal. Seu valor se encontra, ainda, em ser um dos poucos que faz referências à República Argentina, já que, como afirmamos anteriormente os editoriais deste período versavam sobre questões locais .

“Correio do Povo. Editorial: Mais algumas horas e dois presidentes sul-americanos Dutra e Perón se estreitarão as mãos. É esse um acontecimento de alta significação, para todos os povos e para toda a América, pois realizado num instante em que tão somente ingênuos poderiam ver claridades e segurança nos círculos mundiais, constitui um grande passo no sentido do entendimento e da concórdia entre nações de língua diferente. Se é verdade que materialmente não há muito que esperar de novo desta solenidade de hoje, já que a ponte está aberta ao trânsito. Psicologicamente, o encontro de hoje tem conteúdo profundo, que não deve escapar à consideração de cada cidadão americano. São dois países que se encontrarão hoje, numa explosão de alegrias e de esperança, não apenas comemorando um fruto notável da engenharia e um triunfo exemplar da harmonia do continente, mas dando, também, aos demais povos uma lição de boa diplomacia e de franco desejo de viver em paz, construindo pelo trabalho honesto e fecundo a própria felicidade. Num capítulo da humanidade onde tão pouco se prezam as conquistas da civilização e em que tanto se malbaratam na aventura das empreitadas sinistras, os mais belos documentos da cultura e do direito, a página que Eurico Dutra e Juan Perón escrevem hoje valem a reverência dos povos e abrem uma larga estrada no sentido da fraternidade universal”²⁰²

O próprio Jornal Diário de Notícias, com uma linha editorial mais agressiva, modificava substancialmente seu discurso e inclusive na manchete de primeira página²⁰³ de terça feira, 20 de maio de 1947, sob o título: *Terá repercussões no Continente o encontro Perón – Dutra*, responsabilizando positivamente o General Perón pela aproximação dos países sul-americanos afirmando que este era o arquiteto do encontro.

“O senhor Juan Domingo Perón dará mais um passo pessoalmente na campanha da consolidação das relações dos países vizinhos do hemisfério quando na próxima semana se entrevistará com o presidente Eurico Gaspar Dutra do Brasil, num

²⁰² Correio do Povo, Porto Alegre, 21 de maio de 1947

²⁰³ Ver anexo 2

encontro que poderá determinar as bases para a ampla colaboração entre os dois países sul-americanos, tanto no terreno nacional como internacional”²⁰⁴

As manchetes falavam em **“Exaltação da fraternidade argentino-brasileira”** ou **“Assuntos de relevância para o Brasil e Argentina serão debatidos hoje”**. Tanto o Correio do Povo, quanto o Diário de Notícias não economizavam fotografias. Estas ocupavam praticamente toda a página e nos informam que a imprensa brasileira posou sua atenção na primeira dama argentina, “a loira e elegante esposa do presidente argentino” como a denominaria o Diário de Notícias que acompanhara o ato inaugural, assim como o Correio do Povo, através de jornalistas enviados a comitiva argentina.

Numa outra manchete do dia 22 de maio de 1947 sob o título

“A saudação do Rio Grande ao General Perón”, na qual o governador Walter Jobim afirmava: “Este acontecimento perdurará na memória coletiva como um símbolo da amizade fecunda e indissolúvel é mais um elo da boa vizinhança de dois povos traçados pelo destino comum (...) San Martín o vosso herói e Caxias o nosso condestável, são símbolos de duas raças cavalheirescas, nobres e idealista, que tem dado ao mundo exemplos edificantes do mais acendrado altruísmo.”²⁰⁵

Essa postura da imprensa brasileira, mais especificamente do Rio Grande do Sul, não pode ser explicada pelo fato de que o encontro se produziu em Uruguaiana, importante cidade gaúcha. Para nós, sua explicação passa por três fatores específicos. Em primeiro lugar, como afirmamos anteriormente, as modificações que se processaram no governo norte-americano, pressionado pelo Pentágono, que queria o Continente coeso e protegido a qualquer preço dada a ameaça da União Soviética, por um lado, e por outro, de setores empresariais que queriam participar ativamente da economia Argentina. Em segundo lugar a

²⁰⁴ Diário de Notícias, Porto Alegre 20 de maio de 1947.

²⁰⁵ Correio do Povo, Porto Alegre, 22 de maio de 1947.

percepção do governo peronista que redirecionava sua política externa constatando, embora tardiamente, que tinha chegado ao fim das bravatas e do isolamento. E, por fim, a própria percepção das forças políticas e econômicas brasileiras, que viam não se concretizar seu sonho de “aliado especial” dos Estados Unidos e que não estavam dispostos a se indispor com a Argentina²⁰⁶, importante parceiro comercial, no momento em que o General Perón acenava com uma aproximação.

Nesse sentido, as representações que a imprensa gaúcha faziam de Perón e da Argentina são fruto da leitura da sociedade onde estes agentes se movem e esta leitura também passa pelos interesses que o jornal, enquanto empresa e agente político defende. Acreditamos, no entanto, que em temáticas estaduais ou nacionais o jornal possuía, digamos, uma “opinião” própria, específica, fruto desses interesses, e que nos meios jornalísticos se denomina de “linha editorial” No entanto, sendo o objeto de nosso estudo as relações exteriores argentinas, percebemos que o jornal não tinha uma linha definida a respeito desta temática e que “acompanhava” a opinião das Agências de Notícias norte-americanas e, em menor número, inglesas, assim como os posicionamentos do Itamarati. Tanto na inauguração da Ponte Internacional, quanto na Conferência do Rio de Janeiro, as notícias da política externa

²⁰⁶ No final do ano 1946 Dutra já tinha mostrado sua postura amigável para com a Argentina, muito embora o Departamento de Estado insinuasse que a Argentina deveria ficar de fora do auxílio em armamentos que os Estados Unidos estavam dispostos a outorgar para proteção continental porque o armamento da Argentina poderia voltar-se contra o Brasil. Dutra enfaticamente informou, através do Itamarati que a Argentina não deveria ficar fora do programa. Nas palavras de Escudé Cisneros: “En diciembre de 1946, el subsecretario Acheson señaló en una reunión de los secretarios de Guerra, Marina y Estado que Brasil deseaba el programa de armamentos pero sin la participación de la Argentina, porque ésta socavaría la seguridad brasileña. Como prueba, citó la opinión del general Salvador Obino, jefe del Estado Mayor de Brasil. Sin embargo, cuando el embajador norteamericano en Brasil, William Pawley, preguntó al respecto al presidente Eurico Dutra, éste negó la declaración de Acheson y pidió al embajador que comunicara al Departamento de Estado que Brasil no se oponía a la participación de la Argentina en el programa.” CARI (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas** (1880-1995). Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996

argentina levavam a assinatura de agências e de correspondentes nacionais. Isto deve ser considerado no momento de analisar as representações que o jornal fazia da política externa argentina mas, por outro lado, devemos ponderar que as notícias são um produto e, como tal, ele deve ser atrativo ao consumidor que pretende ser atingido. Assim, não podemos tomar as notícias das agências estrangeiras como uma percepção exótica dos fatos, e sim do que estas achavam que teria aceitação na imprensa à qual pretendiam vender a informação.

Perón e sua esposa eram um bom produto jornalístico, o demonstra a proliferação de notícias e as manchetes contendo seus nomes²⁰⁷. O interesse que despertou a figura de Eva Duarte na população brasileira confirmaria-se meses depois, na Conferência do Rio de Janeiro. Por outro lado, os “triunfos” diplomáticos no âmbito regional, principalmente seu encontro com Dutra, sua aproximação com o Chile²⁰⁸e, fundamentalmente o convite “inusitado” do embaixador argentino, Oscar Ivanissevich, à Casa Branca para se entrevistar com Truman e a conseqüente renúncia de Spruill Bradem, deixaram eufórico Perón²⁰⁹ que, um mês depois da renúncia de Braden, precisamente no dia 6 de Julho de 1947, anunciava num discurso radiofônico que a Argentina contribuiria

²⁰⁷ Evita saiu duas vezes na capa da Times, uma sozinha e outra com seu esposo em 1947.

²⁰⁸ Em dezembro de 1943 Perón assinou acordos com o Chile, no entanto não seriam retificados pelo Congresso chileno. Para Juan Carlos Soza: La Argentina, a través del IAPI, otorgaba a Chile un descubierto de 100 millones de pesos para cubrir el saldo desfavorable de su balanza comercial. Se estipulaba también que el IAPI realizaría una inversión de 300 millones de pesos en Chile para desarrollar nuevas actividades económicas a fin de intensificar la exportación de productos originarios a la Argentina. A tal efecto se constituiría en Chile una sociedad financiera integrada por el IAPI y la Corporación de Fomento de Chile, que podría adquirir hasta la totalidad de la producción no destinada al consumo interno y exportarla a la Argentina. Se pactaba además un empréstito externo de 300 millones de pesos, emitido por el gobierno chileno en Buenos Aires, que se aplicaría a un plan de obras públicas en Chile. En todas las compras chilenas a la Argentina intervendría el IAPI. Se establecía recíprocamente el libre tránsito de productos hacia terceros países y se otorgaban zonas francas durante 30 años.

²⁰⁹ Segundo Felix Luna Perón um mês e meio antes do Livro Azul Perón estava: “limpio bendecido y amigado”. LUNA, Felix. **Perón y su tiempo**: La Argentina era una fiesta (1946-1949). Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1984.

para a paz mundial e para a recuperação de Europa. Informava ainda como o país se posicionava frente à Guerra Fria. O que chama a atenção é a publicidade exagerada que se lhe deu. O governo fez montar todo seu aparato publicitário, para a transmissão, foram escaladas 1165 emissoras. Segundo Felix Luna só nos Estados Unidos havia 400 rádios comprometidas. Além de um elaborado texto que transitou por todos os ministérios de relações americanas e no Vaticano. O discurso de Perón dirigido “a los ciudadanos del mundo” e a seus “compatriotas”, era demasiado vago para ser compreendido, e os destinatários, tiveram sérias dificuldades em compreendê-lo, em virtude de sua pouca objetividade e profusão de conceitos vagos.

Entre outras coisas Perón dizia que a Argentina “*contribuiria com sus esfuerzos a superar las dificultades creadas por el hombre e a concluir las angustias de los desposeidos*” Afirmou que a paz só seria possível “*cuando se haya alcanzado y consolidado la paz interna em todas las naciones del mundo*”, e que a miséria do mundo deveria ser substituída pela abundância. Assinalava ainda que a Argentina estava disposta a “*materializar su ayuda em los liniamentos de la concurrencia efectiva*”, e que os recursos do país se somavam “*a los planes mundiales de ayuda para permitir la recuperacion moral y espiritual de Europa*”. Propunha, finalmente “*el desarme espiritual de la humanidad, la concertación de un plan de acción tendiente a la realización material del ideal pacifista em lo interno y lo externo y la paz mundial sobre la base del abandono de ideologías antagónicas*”, e que “*Solo salvará a la humanidad la paz constructiva, jamás la lucha destructora de todos los valores materiales, espirituales y morales*”²¹⁰.

Na realidade Perón superestimava o poder político e econômico argentino. Dado à grandes manifestações e à discursos apoteóticos que irradiava

²¹⁰ PEÑA, Milciades. **El Peronismo**: selección de documentos para la historia. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1973.

desde a Casa Rosada, procurou fazer o mesmo externamente, em nível mundial. Para alguns analistas, como o historiador argentino Felix Luna, e os especialistas em política exterior argentina, Carlos Escude e Jose Paradiso, a declaração de Perón tinha objetivos específicos: um de destino externo e outro para consumo interno. O primeiro, procurava mostrar a vontade argentina de participar na consecução do Plano Marshall. Para Felix Luna *“Prevenirse de una posible exclusion anunciando a los países europeos la disposicion de Buenos Aires a volcar su ubérrima producción rural podria haber sido una de las intenciones de Perón al dar resonancia mundial a su discurso del 6 de Julio de 1947”*²¹¹. Por outro lado, o propósito interno era tentar apaziguar os sentimentos nacionalistas, perante o posicionamento que a Argentina deveria tomar futuramente na Conferência de Chanceleres de Rio do Janeiro, na qual teria que ceder perante compromissos concretos, como os que se comprometera em Chapultepec e que agora deveria pôr em prática.

A imprensa brasileira não deu maior cobertura às declarações peronistas. No Correio do Povo do dia 7 de Julho de 1947, uma nota com pouco destaque na margem inferior direita da primeira página, transcrevia alguma das propostas peronistas para a paz mundial, mas não fazia nenhum tipo de comentário. O Diário de Notícias foi ainda mais econômico e publicou uma pequena notícia que dizia **“Discurso de Perón pela paz mundial”**, na qual não especificava, tampouco comentava as declarações do presidente argentino. No entanto, a partir de Julho de 1947, coincidindo com a nova postura argentina, encontramos algumas informações nos jornais que prenunciam um novo tratamento com relação à Argentina e uma avaliação positiva e, até mesmo elogiosa sobre os rumos tomados pelo Ministério de Relações Exteriores daquele país. Neste sentido chamou-nos a atenção uma notícia veiculada por

²¹¹ LUNA, Felix. **Perón y su tiempo: La Argentina era una fiesta (1946-1949)**. Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1984.

ambos jornais, mais desenvolvida no Diário de Notícias 18 de Julho de 1947. Na primeira página e com destaque:

“Declara ao Diário de Notícias o Cônsul da Argentina Eugenio Duram : O Governo Argentino destinou uma verba de 100.000.000 de pesos, para a terminação da rede de ‘*carreteras*’ para Paso de Los Libres. Uruguaiana e Paso de Los Libres constituíram o eixo em torno do qual gravitará o desenvolvimento do intercâmbio comercial entre as cidades do interior dos países da grande Bacia do Prata. O novo tratado comercial entre Argentina e Brasil tornará mais efetivas as relações entre estes países. Afirmo o Cônsul Geral Eugenio J. Duran. Estão sendo realizados estudos em Buenos Aires no sentido de tornar mais prático um novo tratado de comércio, que será assinado entre nossos dois países, não podemos continuar vivendo numa era que já passou, o momento é outro. Tudo tem que ser mais prático. Muito rápido. Nada de burocracia. As velhas formas clássicas da economia, com o novo sistema de vida dos povos, estão cedendo à vista da evolução que sentimos e acompanhamos. Por isso, posso dizer, que o tratado de comércio que será assinado em breve entre Brasil e Argentina será um tratado de irmãos, de dois países que tem noções da suas responsabilidades, na vigilância do desenvolvimento da cultura, do progresso, do bem-estar e da felicidade dos povos deste Hemisfério. A construção de grandes rodovias argentinas. Posso ainda informar que a notícia divulgada pela imprensa de que o Brasil, já havia tomado suas providências no sentido de construir uma grande rodovia asfaltada entre esta cidade de Porto Alegre e Uruguaiana, a fim de ligar esta com os diferentes pontos do país e que foi deslocada para Paso de Los Libres, foi muito apreciada por nós. Desta forma Buenos Aires e outras grandes cidades argentinas serão ligadas com Rio de Janeiro e igualmente um respeitável conjunto de cidades brasileiras com Buenos Aires. Assim, os argentinos e brasileiros viverão como verdadeiros irmãos existindo apenas, fronteiras como rigorismos de forma, como resultado do convencionalismo. Esperamos o dia em que os argentinos invadirão as estradas²¹² brasileiras trazendo no coração de seus tripulantes amizade sinceras e os elevados propósitos de trabalharmos todos juntos. Neste sentido o governo de meu país esta liberando uma verba de 1000.000.000 de pesos para a construção da rodovia Buenos Aires – Uruguaiana.²¹³

Como veremos, o governo peronista caminhou em direção do encontro das duas nações. Perón fez inúmeras gestões para que acontecesse uma aproximação prática entre Brasil-Argentina. Os recursos dos quais o cônsul geral se refere constaram no Primeiro Plano Quinquenal de desenvolvimento econômico e de infra-estrutura. Contrariamente ao que se possa supor o

²¹² Profética a declaração do Cônsul Geral se levamos em consideração que nesse período o turismo era incipiente. Na atualidade Uruguaiana-Libres é a principal via de exportação rodoviária Brasil-Argentina e do turismo Argentina-Brasil.

²¹³ Diário de Notícias, Porto Alegre, 18 de Julho de 1947.

Governo Dutra, apesar de seu alinhamento nos campos políticos e ideológicos²¹⁴ não foi hostil à Argentina, antes pelo contrário, embora acompanhasse os Estados Unidos em todas as decisões diplomáticas tomadas nas conferências interamericanas, jamais procurou um enfrentamento com a Argentina e inclusive advogou por ela em diversas oportunidades, como veremos posteriormente.

Reuniria-se em agosto a Conferência Interamericana para Manutenção da Paz e a Seguridade Continental. Segundo Felix Luna, neste período, não existia terceira posição possível “*La Tercera Posicion poderia ser una actitud retórica muy loable, pero en el mundo de 1947 não habia más que dos posiciones posibles: o se estaba com los Estados Unidos o com la Union Soviética. Perón lo sabia y seu canceller tambien*”²¹⁵

Efetivamente a Argentina, pela primeira vez numa conferência americana, evitou o confronto direto com os Estados Unidos, confronto que tantos dissabores tinham-lhe custado.

Em 15 de agosto de 1947 se inaugurava em Petrópolis, Rio de Janeiro, a Conferência, cujo objetivo era tratar da questão do Tratado de Defesa para o Hemisfério, previsto nas Atas de Chapultepec (México, 1945). O presidente Eurico Gaspar Dutra deu as boas vindas a todas as delegações. A delegação argentina estava encabeçada pelo doutor Juam Atilio Bramuglia, advogado trabalhista que tinha transitado pelo sindicato ferroviário, um dos mais importantes do país. Já a delegação norte-americana era liderada por George Marshall, um militar que fazia sua primeira atuação no cenário pan-americano.

Os Estados Unidos chegaram à reunião com o firme propósito de

²¹⁴ Este pertinente debate escapa às pretensões do presente trabalho, no entanto concordamos com a tese de Paulo Roberto de Almeida que afirma não concordar com a caracterização do Governo Dutra alinhado também no aspecto econômico. Prova disto seria, para o autor, o posicionamento do Brasil nas Conferências do Rio e de Bogotá.

²¹⁵ LUNA, Felix. **Perón y su tiempo**: La Argentina era una fiesta (1946-1949). Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1984.

“assegurar” sua linha de defesa no continente americano, a fim de canalizar sua atenção noutros setores do mundo. Para Juan Archivaldo Lanús

“Contrariamente a lo que habia ocurrido dos años antes muchos gobiernos de America do Sul habian generado un sentimiento de resistència y desconfianza ante ante la idea de crear un sistema de seguridad regional que los llevaria a formalizar una verdadera alianza militar con los Estado Unidos”²¹⁶

Na realidade, a Conferência não tinha um inimigo identificado e ninguém sabia ao certo contra quem poderia ser essa aliança se vislumbravam alguns rivais no horizonte e entre eles: o comunismo, um agressor continental, a ditadura. O certo é que os Estados Unidos deram uma significativa importância ao encontro e, entre os membros da delegação se achava o mas alto nível político, como o Presidente do Senado e da Comissão de Relações Exteriores, Arthur Vandenberg e Warren R. Austin, delegado ante às Nações Unidas.

O representante argentino estava devidamente instruído pelo general Perón, que segundo seus mais creditados biógrafos²¹⁷ sondou Dutra para assistir a Conferência. O chanceler argentino, Bramuglia, deveria expor os conceitos da doutrina peronista e da Terceira Posicion. Os registros da suas declarações²¹⁸ nos mostram a verborragia utilizada na suas exposições impregnadas do mais puro peronismo: “justiça social”, “humanização do capital”, “antagonismo de ideologias” e “dignificação do trabalho”, entre as expressões utilizadas. Mas toda a argumentação de Bramuglia seria logo desestimulada já que os Estados Unidos propunham uma agenda rígida e imutável que abordasse o emprego da força e a definição de agressão e zonas de segurança.

O chanceler Juan Atílio Bramuglia, um homem comedido e de atitudes

²¹⁶ LANÚS, Juan Archivaldo. **De Chapultepec al Beagle:** Política Exterior Argentina (1945-1980). Buenos Aires: EMECÉ Editores, 1984 p.40.

²¹⁷ Felix Luna e Josef Page.

²¹⁸ Transcritos em LANÚS, Juan Archivaldo. **De Chapultepec al Beagle:** Política Exterior Argentina (1945-1980). Buenos Aires: EMECÉ Editores, 1984. p.164.

moderadas, não tentou arrastar consigo o bloco latino-americano como as delegações argentinas o fizeram em outras oportunidades. Solicitou que o organismo consultivo que poria em funcionamento o tratado adotasse suas resoluções por unanimidade, ninguém o apoiou. O chanceler argentino aceitou que as decisões fossem tomadas com os votos de dois terços dos Estados membros. Outra intervenção de Bramuglia foi a interpretação a respeito das agressões que o continente poderia sofrer, propondo que as sanções coletivas se aplicassem tão somente quando a agressão proviesse de uma nação não americana. O senador norte-americano Vanderberg, afirmou que isto seria interpretado como “*uma alianza americana contra el mundo*”, e o pedido argentino foi desestimado. Na realidade, o único êxito de Bramuglia foi incluir as Ilhas Malvinas e o Atlântico Sul na zona hemisférica, áreas que o tratado deveria defender.²¹⁹

A Conferência do Rio de Janeiro foi a prova final de admissão da Argentina no concerto interamericano, principalmente porque ganhava a confiança dos Estados Unidos. Nesses dias o presidente Truman enviava à Argentina o novo embaixador James Bruce, com precisas instruções de “ser cordial e amistoso com o governo”. Assim findavam as hostilidades, mesmo que a Argentina não tenha tido o protagonismo que se pretendia. Um fato peculiar fez com que a delegação argentina ganhasse destaque nos jornais. A presença na Conferência da senhora Eva Duarte de Perón, que vinha de sua viagem pela Europa, mais conhecido como a “gira do arco-íris”.²²⁰

²¹⁹ Embora em 1982 quando a Royal Army Britânica invadiu os arquipélagos, o continente americano esqueceu o pactuado em Quitandinha.

²²⁰ Evita fez uma viagem de dois meses e meio pela Europa: Espanha, Portugal, Itália, França e Suíça. Foi recebida com honras em todos os lugares onde passou, mas foi na Espanha franquista, necessitada de alimentos, onde mais foi ovacionada. A Inglaterra negou-se a recebê-la em caráter “oficial”, argumentando os gastos que ocasionaria a visita em Buckingham. No Vaticano, o Papa não a condecorou como ela esperava e recebeu em troca, o costureiro rosário. Mas a Argentina obteve uma vitória no que se referia a popularidade internacional. A imprensa oficialista argentina

A imprensa gaúcha, que vinha modificando substancialmente sua percepção com respeito à Argentina, acompanhava com crescente interesse cada um dos movimentos da delegação argentina. Antes da Conferência, se especulava sobre uma provável visita do presidente Perón ao Brasil, o que posteriormente não se confirmou. O Diário de Notícias do dia 9 de agosto de 1947 anunciava:

“Dutra – Truman – Perón: Marcam Encontro em Rio (Buenos Aires United) O presidente Perón deverá seguir para Rio de Janeiro a convite do presidente Gaspar Dutra, para visitar o Brasil. Perón deverá encontrar-se aí com sua esposa Evita, e possivelmente confidenciará com Dutra e Truman na capital brasileira²²¹

Mesma página outro título:

“Nada certo sobre a viagem (Buenos Aires United) O chanceler Bramuglia inquirido pelos jornalistas sobre a veracidade da notícia, segundo a qual Perón iria ao Rio de Janeiro a fim de avistar-se com o presidente Truman, afirmou que até este momento no foi marcado oficialmente nada. Todavia não desmentiu essa possibilidade.”²²²

As notícias que transcrevemos acima, ambas em destaque e ocupando a metade da primeira página, nos informam da transcendência que se dava no período à política externa argentina. Especulações dessa índole gerariam certa ansiedade no leitor brasileiro e inoculavam o desejo de acompanhar os passos da delegação argentina no país, especialmente pela presença de Evita cuja viagem pela Europa tinha sido fartamente noticiada por ambos jornais, despertando curiosidade no Brasil. No jornal Diário de Notícias de 17 de agosto de 1947,

descrevia passo a passo os “trunfos” da viagem e a oposição se perguntava de onde saía o dinheiro para a viagem, as doações que Eva fez por onde passou e para os centos de modelitos que comprou nas melhores casas de modas parisienses.

²²¹ Diário de Notícias, Porto Alegre, 9 de agosto de 1947.

²²² Diário de Notícias, Porto Alegre, 9 de agosto de 1947.

lemos com títulos e fontes de grande tamanho (aproximadamente 20 milímetros) “*Eva Perón acompanhará a conferência com a delegação Argentina* (Rio Meridional) “A ilustre dama argentina chegará a Rio de Janeiro O chefe da delegação Argentina procurou Itamarati discutindo a possibilidade de separar aposentos especiais para a ilustre dama.”²²³

A possibilidade da presença de Evita não era o único elemento da análise jornalística. Editoriais e notícias durante toda a Conferência se debruçaram a analisar a política externa argentina, o que levaria o correspondente da Agência Meridional a afirmar que:

“*Ausente ou presente a Argentina domina* (Rio Meridional) Depois dos Estados Unidos – e mesmo em parêntese – Argentina é o nome que mais está sendo pronunciado nos bastidores da Conferência. Aliás, isto já se tornou hábito nas últimas Conferências Pan-americanas. Argentina ausente ou presente tem roubado o papel de primeira dama dessas reuniões que estão se tornando cada vez menos românticas. Em Chapultepec a Argentina não esteve presente, é verdade, porém muitas resoluções foram tomadas em consequência de sua ausência e fez as cabeças de Stettinius e Rockefeller rolarem (...)”²²⁴

O cronista procurava uma explicação para o protagonismo diplomático argentino e isto passava pelo espírito propagandístico da delegação, afirmando que: “(...) à frente, um de seus componentes distribui retratinhos artísticos e biografias emocionantes de seus principais elementos”. Se perguntava como a “Argentina domina o palco latino-americano, de porque, por exemplo, as agências telegráficas americanas especialmente a United Press. falam mais vezes no seu nome antes de se referir aos outros vinte países participantes da Conferência.” E terminava sentenciando: “Não há dúvida que Argentina tem um senso de propaganda impressionante”. (fazer referências das citações)

A análise dos jornais deste período é benignas com relação ao

²²³ Diário de Notícias, Porto Alegre, 17 de agosto de 1947.

²²⁴ Diário de Notícias, Porto Alegre, 18 de agosto de 1947.

desempenho argentino, e as referências à delegação deste país são elogiosas. Para se ter uma idéia clara da magnitude da mudança no discurso jornalístico, vejamos que no dia da inauguração da Conferência, sob o título em destaque de: **“Os Três Grandes já estão no Rio”** e colocadas verticalmente as fotos de Marshall, Dutra e Bramuglia

Esta “grandeza” que o jornal adjudica ao ministro argentino, destoa diametralmente com as representações que se fazia de Perón, do peronismo e de tudo o que provinha dele, divulgadas poucos meses antes. Por outro lado, colocavam o delegado argentino no mesmo patamar que o General Marshall e o próprio presidente do Brasil, o que meses antes seria impossível.

Nossa pesquisa evidenciou que durante toda a Conferência os nomes: Argentina, Bramuglia, Evita e Perón foram veiculados, em comparação com os de outros representantes, maior número de vezes, até mesmo do que o do próprio ministro Neves da Fontoura, que teve destacada intervenção em Quitandinha²²⁵.

Eva Perón chegou ao Rio de Janeiro no meio da Conferência. Alguns autores como Felix Luna e Joseph Page, afirmam que a presença da senhora Perón fora planejada pelo próprio Perón e que isto fazia parte da estratégia peronista de obter protagonismo e ressonância na política internacional do continente. Sem dúvida, se era este seu objetivo, e acreditamos que sim, conseguiu eclipsar os parcos resultados de Bramuglia, e o fracasso da delegação argentina no campo técnico burocrático através da presença da primeira dama,

²²⁵ Neves da Fontoura deu destaque aos problemas econômicos e alertou em vários discursos que as repúblicas americanas estavam passando por sérias dificuldades econômicas e que pretendiam sair do estágio da economia semi-colonial. Segundo Paulo Roberto de Almeida “(...) delegação brasileira longe de defender teses liberais, pugnou incessantemente pela afirmação explícita da desigualdade estrutural entre as duas grandes regiões do hemisfério, bem como a aceitação de certo dirigismo econômico pelo Estado, sobretudo no controle do capital estrangeiro.” ALMEIDA, Paulo Roberto de. **A diplomacia do liberalismo econômico em sessenta anos de política externa brasileira** (1930-1990). São Paulo: Cultura Editora Associados, Centro de pesquisas internacionais da USP, 1996.

como o corroborara a proliferação de notícias a este respeito nos jornais pesquisados. Manchetes em ambos jornais como “*Eva Perón chegou a Rio ontem* As 17:50 horas chegou ao Aeroporto Santos Dumont a lancha que conduziu Eva Perón do Aeroporto do Galeão (...).” Numa outra manchete o Correio do Povo afirmava “**Chega hoje a Rio a Dama da Esperança.**” Para o Diário de Notícias sua chegada “não é um acontecimento diplomático mas, sobretudo social. A curiosidade e a simpatia em torno da jovem, formosa e risonha primeira dama argentina criaram uma atmosfera de sensação, e tudo cooperou para isso, além de sua peculiar qualidade de embaixatriz extraordinária, de seu ilustre esposo e presidente (...) ontem sua entrevista coletiva. Nesta provou sua agilidade mental e sua excepcional qualidade pessoal. Saiu, ao que parece com a simpatia dos jornalistas do embate, um pouco sem cerimônia.”

Porém, a máquina de propaganda peronista se excedeu e, numa atitude que poderia parecer inofensiva em Buenos Aires, onde todas as manhãs apareciam colados milhares de cartazes sem autoria, foram colocados, nas ruas cariocas, milhares de cartazes com o rosto de Eva e de Perón²²⁶ Ninguém duvidou da intenção e do autor da manobra publicitária. O Diário de Notícias não deixou passar a oportunidade para vincular os cartazes e a suposta violência da guarda pessoal de Eva Perón e no dia 17 de agosto noticiava:

“*O mistério dos cartazes* (Rio Meridional) procurando apurar o origem dos cartazes com a propaganda de Eva Perón distribuídas ontem em grande quantidade, nesta capital, a reportagem soube da embaixada argentina que os mesmos foram iniciativa do próprio governo de Buenos Aires. Os cartazes assim como copioso material de propaganda haviam sido trazidos pelos emissários de Perón, além dos cartazes, pequenas bandeiras brasileiras para ser agitadas na passagem de Eva, tudo foi confeccionado na Argentina conforme noticiamos, se desconhece o autor da ordem

²²⁶ Lamentavelmente nos jornais pesquisados não encontramos referências à diagramação e ao conteúdo dos cartazes, nem nenhum tipo de informação bibliográfica ao respeito.

da retirada dos cartazes.”²²⁷

Na mesma página: “*Guardas pessoais da senhora Perón praticam violência no Rio contra jornalistas e populares:* (Rio Meridional). Dando passo à primeira dama argentina seus capangas agrediram jornalistas e populares.” O jornalista correspondente Murilo Marroquim fazia um balanço da presença da primeira dama: “Primeiro os dez mil cartazes espalhados pelas ruas, depois a arrancada dos cartazes mais perfumados de “fascismo”. Depois, as zurras e as violências de seus guarda-costas – famosos em todas as ditaduras”. Voltava, momentaneamente uma avaliação negativa do peronismo pelos excessos da primeira dama, sendo alcançado, todavia, os objetivos da delegação argentina, quais sejam os de não se indispor com os Estados Unidos, aprovar alguma proposta, se aproximar do Brasil acompanhando-o na exigência de auxílio econômico dos Estados Unidos para América Latina e, principalmente, conquistar ressonância e publicidade²²⁸. A primeira dama apesar dos cartazes e dos capangas saía do Brasil condecorada pelo chanceler Raul Fernandez com a condecoração de Grão Comendador da Ordem do Cruzeiro do Sul o que contribuiria para o esquecimento dos excessos da comitiva.

Haveria mais duas situações onde a política externa argentina seria

²²⁷ Diário de Noticias, Porto Alegre, 17 de Agosto de 1947

²²⁸ Perón, além de instrumentar para estender seu prestígio na região a negociação de pactos bilaterais, a denúncia do intercâmbio desigual, a defesa da autodeterminação e a não intervenção nos assuntos domésticos e uma eficaz propaganda para proporcionar um modelo diferente ao da potência hemisférica. Segundo o Ministério de Relaciones Exteriores e Culto Perón alugava espaços em rádios latinoamericanas para difundir sua doutrina. Como afirma o livro Memórias Del Ministério de Relaciones y Culto: “El Dpto. Comunicaciones – Sección Difusión – del Palacio San Martín a partir del 1º de abril de 1950 hizo irradiar una audición semanal de media hora de duración en las siguientes capitales y por las emisoras que se consigna: Lima: Radio Nacional del Perú; Caracas: Radio Venezuela; Managua : Y.N.B.H. Radio Panamericana, Tegucigalpa: H.R.N. La Voz de Honduras; Quito: Radio Colonial; Guatemala: La Voz de las Américas; El Salvador: Y.S.R. La voz del Salvador; México : Cadena Radio Continental; Río de Janeiro: Radio Globo; Bogotá: La voz de la Víctor; La Paz: Radio Aspiazu; Panamá : Radio Miramar

avaliada positivamente pela imprensa gaúcha. Uma na Conferência de Havana, em Cuba e outra na Conferência de Bogotá, na Colômbia.

A Conferência das Nações Unidas sobre Trabalho e Comércio esteve marcada por uma das maiores gafes diplomáticas argentinas. O chefe da delegação argentina, o senhor Diego Molinari, anunciou ao mundo “necessitado” a contribuição da Argentina de 5 bilhões de dólares ou, seu equivalente em alimento. Como não bastasse o inverossímil oferecimento o Sr. Molinari entrou em colisão com os Estados Unidos²²⁹, acusando a proposta norte-americana de reduzir as barreiras alfandegárias com o propósito de impedir a industrialização da América Latina. Por último, como broche de ouro, denunciou que o capitalismo norte-americano era responsável pelas multidões famintas. O Ministro Bramuglia, desde Buenos Aires, e seus assessores tiveram que desmentir e temporizar a situação, formulando embaraçosas explicações que não convenceram a imprensa norte-americana.²³⁰

Num primeiro momento os jornais pesquisados aceitaram a notícia como verdadeira. O Correio do Povo de 26 de novembro 1947 publicava sob o título: “**Plano Marshall argentino (United)**”, e o Diário de Notícias noticiava

²²⁹ Para ESCUDE & CISNEROS Na Havana a Argentina voltava a rivalizar com os Estados Unidos: “(...)Por otro lado, desde el 21 de noviembre de 1947 hasta el 24 de marzo de 1948, se llevó a cabo en La Habana la Conferencia de las Naciones Unidas para el Comercio y el Empleo, que reviste interés porque en ella se reanudó la actitud antagonista de la Argentina hacia Estados Unidos. Esta conferencia se había originado en una iniciativa del Consejo Económico y Social de las Naciones Unidas con vistas a conformar una organización internacional de comercio. En octubre y noviembre de 1946 se había celebrado en Londres una reunión del comité preparatorio; en enero y febrero de 1947 se había desarrollado una reunión preliminar en Nueva York, y en el mes de abril en Ginebra había tenido lugar la segunda sesión del comité preparatorio, en la cual se establecieron las bases del Acuerdo General de Comercio y Tarifas (GATT), cuyo protocolo fue firmado en una nueva sesión celebrada el 30 de octubre de 1947” CISNEROS Andrés e ESCUDE Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000. p. 675.

²³⁰ LUNA, Felix. **Perón y su Tiempo: La Argentina era una fiesta (1946-1949)**. Buenos Aires: Sudamericana, 1984.

amplamente no 20 de dezembro de 1947:²³¹

“**Cinco Bilhões** (Havana United) Com o oferecimento feito por Molinari de créditos escalonados no valor total de cinco bilhões de dólares aos países que se mostrassem merecedores disso. Argentina fez espetacular sugestão de constituir-se em patrocinadora do movimento econômico no hemisfério ocidental e convocou a Conferência Monetária Internacional à qual seriam aceitas as nações que não são atualmente membros da ONU. Em entrevista concedida a imprensa Molinari declarou que Argentina tem cinco bilhões de dólares com os quais pode conceder empréstimos escalonados e a longo prazo. Censurou novamente aos Estados Unidos por possuírem a maior parte do ouro do mundo. Em entrevistas com os jornalistas cubanos e estrangeiros diz ele que considera imperativo que se inicie imediatamente um plano de auxílio aos países do hemisfério ocidental ao mesmo tempo que o plano Marshall de auxílio a Europa. A seguir fez uma declaração da capacidade da Argentina para fazer empréstimo a outros países no montante da soma reiterada de cinco bilhões de dólares. Ainda declarou que ‘O mundo vive agora sob o desígnio do dólar, dos quais maior parte estão no Fort Knox. Referiu-se depois novamente ao Plano Marshall e diz que Argentina não se propõe a conceder empréstimos a ‘certas partes do mundo’ ‘O Plano Marshall deve ser de auxílio para todo o mundo e aludindo a notícias divulgadas pela imprensa sobre os quatro grande afirmou ‘Não há tais quatro grandes todos os países são iguais’ acrescentou que Argentina pode exportar um milhão de toneladas de trigo mensalmente para “remediar a fome do mundo’ porque ‘nos ansiamos pela paz do mundo’ refutou energicamente as acusações de que Argentina tem explorado o mundo faminto, cobrando preços excessivos.”²³²

Posteriormente as agências de notícias americanas desmentiam Molinari, afirmando que a Argentina não tinha recursos para tanto e que a contribuição a que Molinari se referia era a venda de cereais a preços “inflacionados” para Europa.

O certo é que quando tudo parecia se encaminhar para mais um capítulo de desentendimento diplomático, Buenos Aires teve que desmentir o presidente da sua própria delegação. Com o título de “**Surpresa em Buenos Aires**” o jornal Diário de Notícia publicava as explicações de Buenos Aires: “Os meios autorizados mostraram-se admirados pelas declarações de Molinari, chefe

²³¹ Ver anexo 3.

²³² Correio do Povo, Porto Alegre, 20 de dezembro de 1947.

da delegação argentina na Conferência de Havana, anunciando que a Argentina contribuiria com cinco bilhões de dólares para o Plano Marshall. O próprio chanceler Bramuglia tentou explicar o inexplicável “Trata-se de um erro na transmissão dos despachos” declarou um membro do Conselho econômico Nacional: “Argentina deseja participar do Plano Marshall, porém com seus produtos que entregara aos países de Europa. Entretanto aquelas quantidades estão muito longe de preencher as cifras distribuídas por Molinari”.²³³

Os novos rumos da política externa argentina tinham chegado a seu ponto alto na Conferência do Rio de Janeiro e nossa pesquisa nos informa que ambos jornais tinham dado trégua ao governo argentino. Mesmo com trapalhadas desta índole que, em períodos anteriores tinham servido para ridicularizar a Argentina, não se manifestaram adversamente. O passado “nazista” da Argentina foi encoberto por uma política externa ativa que compartilhava interesses econômicos com o Brasil. Como o demonstraria a Conferência de Bogotá que seria o divisor de águas nas repercussões da política externa argentina, já que a partir daí, com a expropriação do diário La Prensa, a crise econômica argentina e outras medidas impopulares por parte do governo, as manchetes modificaram seu teor.

3.3 DE BOGOTÁ A WASHINGTON: AS VICISSITUDES DE UMA POLÍTICA EXTERIOR INDEPENDENTE

A política externa de uma nação está condicionada pelo seu passado, pela imagem que os governantes fazem de si mesmos e do mundo, e

²³³Diário de Notícias, Porto Alegre, 20 de dezembro de 1947.

principalmente, dos recursos que efetivamente dispõem. Já analisamos em capítulos anteriores o passado das relações exteriores argentinas no século XX podemos perceber como sua política externa foi o reflexo de situações econômicas específicas e das percepções que as elites políticas faziam do país. Neste sentido, o ano de 1948 representou um duro golpe na diplomacia argentina, já que Perón teve que reverter o quadro que ele tinha construído. Uma política externa independente requer uma independência econômica, coisa que na República Argentina deste período não existia, excetuando-se alguns lampejos de balança comercial favorável. Porém, a guerra tinha terminado e com ela a situação favorável que a Argentina de fornecedora dos produtos pampeanos.

Perón percebeu isto ainda em 1946, quando assumiu, mas nesta oportunidade o país ainda tinha reservas e possibilidades de expansão já que vinha sendo “mimado” pelo mercado europeu desabastecido. A situação, em fins de 1948 e em 1949, era assustadora se comparada com períodos anteriores. Devemos compreender que o governante argentino, tinha-se elegido por e para os trabalhadores e que o processo redistributivo que pôs em marcha seria difícil e até impossível de reverter, sem que isto representasse um custo político elevadíssimo.

As resoluções de Chapultepec haviam decidido que os problemas militares seriam tratados na reunião do Rio de Janeiro e, em Bogotá deveriam se resolver os problemas institucionais. Mas o antagonismo que já tinha começado na Conferência de Havana se transladaria para Colômbia, naquilo que foi a Nona Conferência Internacional de Estados Americanos que, depois de muitas postergações, se reunia em Bogotá, de 30 de março a 2 de maio de 1948. A delegação argentina foi presidida novamente pelo chanceler Bramuglia e integrada por oitenta e seis funcionários da primeira linha peronista, como o embaixador Enrique Coromidas, Orlando Maroglio, Presidente do Banco Central, Roberto Aires, Diretor do Departamento Econômico da Chancelaria.

Faziam parte da delegação representantes do Poder Legislativo, de Guerra, Marinha e Aeronáutica, assim como da Fazenda, Indústria e Comércio, Trabalho e Previdência. Segundo o ex-embaixador e historiador Juan Archivaldo Lanús, as diretivas de Perón eram claras: a Argentina não queria no continente instituições com ingredientes supranacionais, propugnava a união econômica e “uma política econômica de abundância”²³⁴. Solicitou, ainda, à delegação que não assumissem nenhum compromisso que submetesse o país ao jogo das grandes potências e que, a Tercera Posición era também para América. Dias antes da partida, num discurso na inauguração do Festival de Cinema em Mar Del Plata falava, para uma platéia na qual proliferavam artistas de Hollywood que tinham sido convidados a expensas do governo argentino:

“Nuestra política externa consiste en alcanzar convenios bilaterais con todos os países latinoamericanos, ofreciendo lo que nosotros tenemos. Em este sentido nuestra política es Sanmartiniana. Nosotros hemos consolidado nuestra independencia económica queremos llevarla a toda América, porque la independencia económica argentina, en forma insular, sería aleatoria”²³⁵

A postura da delegação argentina diferia daquela de 1947 na Conferência do Rio de Janeiro, o governo argentino que tinha comparecido a Rio, numa atitude conciliadora, sentia-se agora suficientemente independente para adotar um posicionamento ativo, já que os círculos de governo não vislumbravam a crise que caracterizamos anteriormente. Para Cisneros e Escude foram tantas as interpelações argentinas que: “*Es imposible detallar las objeciones que el canciller Bramuglia y sus colaboradores fueron planteando a lo largo de la reunión. Como principio general, la delegación Argentina*

²³⁴ LANÚS, Juan Archivaldo. **De Chapultepec al Beagle: Política Exterior Argentina (1945-1980)**. Buenos Aires: EMECÉ Editores, 1984. p. 183.

²³⁵ Discurso retirado de PEÑA, Milciades. **El Peronismo: selección de documentos para la historia**. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1973.p. 345.

*torpedeo todo proyecto que pudiera hacer de la futura OEA una suerte de súper estado, trato de debilitar la fuerza coactiva del organismo y restar carácter político de sus funciones”.*²³⁶

Assim a Argentina retomava sua atitude crítica e desafiante com respeito ao sistema interamericano. A delegação argentina estava disposta a levar a doutrina peronista a toda América. O doutor Pedro Ares, Diretor do Departamento Econômico e Social da Chancelaria, apresentou projetos de “Carta Interamericana de Garantias Sociais” que incluíam os “direitos do trabalhador” e a “independência política e econômica da mulher”. A Argentina, ainda propôs que se subscrevesse uma declaração na qual constasse o interesse de todas as delegações de alcançar um estágio de justiça social que “*eliminase la explotación del hombre por el hombre y asegurase la dignificación del trabajo y la humanización del capital*”²³⁷. Esses conceitos “justicialistas” batiam frontalmente com o objetivo norte-americano e brasileiro de formar uma instituição supra-nacional.

Nossas fontes traduzem esta nova postura argentina. Uma manchete de primeira página do Diário de Notícias com o título **‘Luta entre os Estados Unidos e a Argentina pela hegemonia no Hemisfério Ocidental.’** No dia 10 de março de 1948 do correspondente Murilo Marroquim afirmava, marcando a transição nas percepções que o jornal fazia da política externa Argentina:

“O discurso de Marshall provocou pânico nas repúblicas latino-americanas, nenhum Plano Marshall para América Latina (...) ficamos todos de sacolas em punhos. **Agressividade Latina de Bramuglia:** O discurso do sr. Bramuglia foi extremamente agressivo. Enquanto Marshal indicava que estamos numa atmosfera de pré-guerra Bramuglia frisava que não é possível que o mundo americano viva aos sobressaltos das grandes potências ‘irritantemente super-nacionais’. Que é possível retirar de concreto da posição argentina? Conforme observei o pan-americanismo

²³⁶ CISNEROS Andrés e ESCUDE Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000. p. 675

²³⁷ LA ROSA, Pascual. **La Conferencia de Bogotá**. Buenos Aires: Editorial Yapeyu, 1959.

flutua hoje entre Washington e Buenos Aires, com o Rio de permeio. O discurso mentiroso de Bramuglia se bem analisado não resiste à mais primitiva anatomia: a Argentina se proclama em igualdade de condições com os Estados Unidos para ajudar América e o mundo; a Argentina proclama, com especial sangue frio, que jamais deixou de retificar os tratados interamericanos, a Argentina procura situar-se como uma campeã das soluções e das decisões americanas. Sabemos que isto não é verdade e que seu único objetivo é a luta pela liderança da América do Sul (...).”²³⁸

A partir dessa nota, o jornal demonizaria e hostilizaria o governo argentino e, embora acusasse ao chanceler Bramuglia de agressivo, sabemos pelos registros dos discursos proferidos por Marshall que este foi ainda mais contundente quando afirmou que “em vez de solicitar auxílio aos países latino-americanos deveriam pensar com que tipo de ajuda podiam contribuir para a reestruturação da Europa” O jornalista reconhecia que “o pan-americanismo flutua hoje entre Argentina e Washington” mas os méritos da Argentina são logrados com mentiras “discurso mentiroso que não resiste à mais primitiva anatomia”, e escondem intenções obscuras de “liderar América do Sul”. Voltava assim, o fantasma da “Grande Argentina” e suas pretensões continentais.

Por outro lado O Correio do Povo do dia 9 de abril de 1948, sob o título “**Atitude Conciliatória do Brasil entre os Estados Unidos e a Argentina.**”, expressava sua opinião numa nota editorial, sem a virulência do Diário de Notícias, mas que deixava claro que novos ventos sopravam nas avaliações da política externa argentina na imprensa gaúcha. Reconhecia-se o protagonismo diplomático da Argentina mas, se aconselhava a ficar incondicionalmente do lado norte-americano²³⁹:

“O ponto de atração da Conferência – como ocorreu em Quitandinha – continua a se a Argentina: trata-se da única nação americana com possibilidades de enfrentar com êxito, alguns pontos de vista dos Estados Unidos. E a Argentina os esta enfrentando. Bramuglia declarou, sabedor dos anseios de Marshall que seu país de modo algum

²³⁸ Diário de Notícias, Porto Alegre, 10 de março de 1948

²³⁹ Ver anexo 4

deseja perseguir policialmente o comunismo: que pretende sanar as causas –a miséria generalizada- que explicam a existência do comunismo (...).”²⁴⁰

No editorial, o jornal aconselhava à delegação brasileira que deveria: “ajustar-se por inteiro às linhas da política continental dos Estados Unidos”. Por outro lado, exortava que “a sua posição deverá ser de mediação e algodão entre os blocos americano e argentino. Enfim, um país de permeabilização, através do qual as correntes políticas e os interesses continentais de Buenos Aires se repelem ou se entrossem (...)”.

Obviamente que a postura de confronto adotada na Conferência foi condenada pelos jornais brasileiros já que a delegação deste país, ao posicionar-se do lado dos Estados Unidos, automaticamente se distanciava da Argentina. Podemos inferir, a partir de ambas notícias, que a Argentina era percebida como um dos pólos de poder na América e que embora condenável pelo seu passado e perigoso pela sua origem, o governo argentino “era o único com possibilidades de enfrentar com êxito, alguns pontos de vista dos Estados Unidos”. A localização da manchete (figura 4) ocupando 75% da primeira página, aproximadamente, evidenciam esta percepção. Nelas podemos perceber claramente qual era o papel que os jornais lhe atribuíam: “**Atitude Conciliatória do Brasil entre os Estados Unidos e a Argentina**”. “**Luta entre os Estados Unidos e Argentina pela hegemonia Continental**”.

Na Conferência de Bogotá, o chanceler João Neves da Fontoura acompanhou todas as decisões da delegação norte-americana, que saía exitosa da Conferência já que não tinha assumido compromissos econômicos no continente. Tinha deixado clara sua posição de auxiliar economicamente tão somente à Europa necessitada e, finalmente tinha se aprovado a “Carta da Organização dos Estados Americanos” e o “Tratado Americano de Soluções Pacíficas”.

²⁴⁰ Correio do Povo, Porto Alegre, 9 de abril de 1948.

Passada a Conferência, e a partir dos últimos meses de 1948, a Argentina dava sinais de desestabilidade econômica e a conjuntura favorável em que surgiu o Estado peronista começou a inverter-se. Os preços das carnes e dos cereais voltaram à normalidade e posteriormente diminuíram, dada a superprodução dos Estados Unidos, da Austrália e do Canadá. A derrocada começaria pela determinação do Economic Cooperation Agency (ECA), administrador dos recursos do Plano Marshall, de não comprar trigo argentino. Esta instituição pretendia que a Argentina diminuísse sensivelmente os preços e que aceitasse como contrapartida produtos europeus. Esta ingerência na política econômica argentina, que redundou numa discriminação global dos produtos argentinos, significou muito mais do que a mera perda de dólares, já que implicou a perda de grande parte do mercado europeu que se viu inundado de dólares e que, segundo o poderoso ECA “não poderiam cair em mãos argentinas”. O próprio Departamento de Estado que tanto tinha hostilizado à Argentina interpelava o ECA para que cessassem com as discriminações, no entanto estas continuaram colocando a Argentina numa posição desfavorável de quase isolamento. Como retaliação às decisões do ECA, o Ministério de Economia adotava uma medida que repercutiria negativamente nos Estados Unidos: as empresas estrangeiras não podiam girar seus lucros no exterior e isto afetava fundamentalmente as empresas norte-americanas²⁴¹.

O período de prosperidade ia chegando ao fim e Perón teve que modificar sua diretriz econômica indo no sentido da austeridade e de uma reorganização nos quadros do Banco Central. Concomitantemente, a política externa também sofreria profundas e marcantes modificações à saída de

²⁴¹ O Presidente do Banco Central Miguel Miranda, mentor desta medida afirmou: “Si el mundo necesita comer, como yo creo, tendran que conseguir dolares e com ellos venir a comprarnos comida. Si no llegan los dolares, los dividendos de las empresas radicadas en el país no podran girarse a sus matrizas. LUNA, Felix. **Peron y su Tiempo**: la Argentina era una fiesta (1946-1949). Buenos Aires Editora Sudamericana, 1984. p.161.

Bramuglia, protagonista de tantos êxitos²⁴² e que era substituído por Hipólito Jesus Paz, que na sua primeira entrevista com o presidente ouviu deste a extrema necessidade de procurar uma aproximação com os Estados Unidos²⁴³.

Para Assis Chateaubriand, diretor do jornal Diário de Notícias, no seu artigo do dia primeiro de março de 1949, os problemas econômicos argentinos eram: **O fim de uma aventura política:**

“Mais cedo que poderíamos esperar, precipitou-se a catástrofe econômica da Argentina. A seguir (escreva-se o que estamos dizendo), assistiremos à derrocada política. As conseqüências de certos erros são inelutáveis. Uma nação deste século não pode sob pretexto de preservar a sua independência (que ninguém de resto ameaçava nem ameaça), arremessar-se a política de hermetismo, à qual o general Perón lançou a República platina. Com um paroxismo de linguagem hitlerista ou mussoliniana, o ditador argentino tenta reproduzir o fenômeno dos seus dois colegas europeus, que pagaram com a vida as próprias tropelias, perpetradas com o nome de duas grandes comunidades civilizadas. E também Rosas aparece timidamente na fimbria do horizonte iluminado de uma luz baça de querosene, as profecias ingênuas do chefe do executivo do Prata e seus sequazes. O general Perón esquece que chegou atrasado. O último expresso de Berlim partiu e ele esqueceu de tomá-lo. Assediam-no em 1949, os roteiros de totalitarismo nazista que levariam a Alemanha a perdição ontem e à servidão política hoje. Está enfrentando o presidente argentino uma era que não é mais a sua, olvidando que a multidão de imponderáveis, que construíram a grandeza efêmera do tirano alemão foi a mesma que o levou a ruína. Com o grosseiro conteúdo ideológico de uma eloqüência frenética o que o general Perón revive e uma instituição muito nossa conhecida e que o irredutível

²⁴² Bramuglia assumiu a presidência do Conselho de Segurança das Nações Unidas em 1948. Na sua gestão foi mediador entre a União Soviética e as potências ocidentais para solucionar o bloqueio de Berlim.

²⁴³ O ex-chanceler Hipólito Paz comenta assim seu encontro com Perón: “*Con respecto a los Estados Unidos, recuerdo que en la primera conversación que tuve, ya Ministro, con el Presidente, entre los puntos que se trataron, el más importante, sobre el que hubo un perfecto acuerdo, fue el de cómo se debía encarar en el futuro las relaciones con los Estados Unidos. "Ha llegado el momento de apaciguar la posición beligerante que por razones políticas nos vimos forzados a tomar con los Estados Unidos. Vamos a comenzar ahora una etapa para la búsqueda del entendimiento sobre la base, por supuesto, de contemplar los intereses recíprocos y preservar el mutuo respeto", me dijo el General Perón. Durante el período justicialista, nunca se dejó de tener en cuenta los intereses materiales y espirituales de nuestro país y afirmar que se hallaban junto a Occidente, no obstante, se mantuvo una posición equilibrada con la Unión Soviética, con la que el gobierno de Perón había reanudado relaciones que habían estado interrumpidas durante muchos años* PEÑA, Milciades. **El Peronismo**: selección de documentos para la historia. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1973 p. 56.

caudilhismo americano (...)”²⁴⁴

Observe-se como Chateaubriand continuava vinculando Perón com o nazismo, fazendo constantes referências e comparações com a Alemanha de Hitler. Em poucas linhas, o jornalista conseguia vincular o peronismo com o nazismo, o rosismo, o caudilhismo e ainda o fascismo. Por outro lado o acusava de hermetismo, justo no período em que Perón mais tentou se aproximar da América Latina. Ainda não era o tempo de chamar Perón de comunista, mas não demoraria muito.

Apesar das atitudes conciliatórias que o Departamento de Estado tinha adotado, algumas posições que o governo Perón tinha tomado para enfrentar a oposição na etapa final de seu governo começaram a desagradar aos funcionários norte-americanos e à imprensa brasileira. A partir do ano 1949 se cometeram na Argentina graves violações dos direitos humanos, tais como torturas, fechamentos de diários e revistas, proibição de entrada no país de semanários norte-americanos, censura aos programas de rádio, perseguição a correspondentes estrangeiros, negar o direito de assembleias à oposição, remoção de juizes anti-peronistas, grampeio de linhas telefônicas. Além disso, obrigação de propagar o credo peronista pelos professores²⁴⁵ e a manipulação dos sindicatos, inclusive a atitude de criar um movimento sindicalista peronista para toda América Latina.

Outro fator que contribuiu para acirrar os ânimos foi a expropriação e expropriação do diário La Prensa que mobilizou toda a imprensa sul-americana. O jornal La Prensa estava envolvido em interesses norte-americanos, pois este jornal era o cliente mais importante da United Press e seus donos figuravam

²⁴⁴ Diário de Notícias, Correio do Povo, 1º de março de 1949.

²⁴⁵ Para aprofundar esta temática sugerimos: ESCUDE, Carlos. La Traición a los Derechos Humanos. In: CARI (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas** (1880-1995). Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996.

entre os principais acionistas da agência de notícias²⁴⁶. Sua expropriação foi amplamente difundida pela imprensa gaúcha. Este acontecimento começou a ser delineado a partir de 1949 quando foi criada uma comissão a cargo do Deputado Jose Emilio Visca e que tinha como objetivo “não declarado” investigar e “terminar” com a imprensa opositora. No final do ano 1949, a comissão tinha invadido e recolhido documentação nos jornais La Prensa, La Nación, Clarin e as oficinas das agências de notícias United Press e Associated Press em Buenos Aires. Semanas mais tarde, o governo interveio na contabilidade do Banco de Londres. Em 1951 ordenou a clausura definitiva do jornal El Intransigente de Salta e encarcerou seu diretor.

Em fevereiro e março a comissão Visca, como era denominada, interveio no estoque de papel existente. Por decreto, o poder executivo expropriou todo o estoque de papel disponível no país com a desculpa de “regular as edições jornalísticas de maneira eqüitativa, dada a escassez, por falta de divisas.” Coube à Comissão Visca administrar os estoques. Para se ter uma idéia clara do que isto representou observe-se que um importante jornal como La Nación reduziu em 50% suas publicações e o Clarin reduziu o número de páginas na mesma porcentagem. Quando questionado por jornalistas estrangeiros a respeito da intervenção do executivo na atividade jornalística Perón afirmava que “a única intervenção era a de agentes externos que queriam desestabilizar o país”.

Mas o ponto alto desta etapa de retaliações foi a clausura e expropriação da Prensa um dos jornais mais prestigiados da América. Segundo o historiador Felix Luna, essa era uma questão pessoal de Perón e Evita, e ia além de qualquer análise do que representaria em custos políticos. O jornal fora hostil a Perón desde 1943, e se intentou de tudo para prejudicá-lo, porém nos aspectos

²⁴⁶ LUNA, Felix. **Perón y su tiempo**: La Argentina era una fiesta (1946-1949). Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1984.p.87.

contábil e trabalhista nada se lhe podia imputar. A solução foi “incentivar”, através da subserviente Confederação dos Trabalhadores – CGT, o sindicato dos distribuidores de jornais a fazer exigências absurdas, como por exemplo, solicitar participação de 20% nos lucros, medida que segundo rezava o documento que tinha sido entregue na direção, deveria ser cumprida em 48 horas, coisa impossível já que a intimação do sindicato tinha sido propositalmente pós-datada. Perante o não cumprimento da petição, o sindicato e alguns capangas impediram a circulação do jornal e a entrada dos funcionários em seus postos de trabalho. Seria a última vez, até a queda de Perón em que o jornal La Prensa apareceria no país.

O dono do jornal, Gainza-Paz, conhecido latifundiário argentino, exilou-se em Uruguai e posteriormente foi aos Estados Unidos, país que tanto exaltava na suas publicações a fim de solicitar ajuda mas, o Departamento de Estado nada podia fazer para não ser acusado por Perón de intrometer-se em assuntos que só diziam respeito a seu país, como o faria o chanceler Hipólito Paz posteriormente.

Para nós, o fechamento de La Prensa “contaminou” qualquer tipo de análise que a imprensa brasileira e especificamente gaúcha fez durante o período. Perón, sem desejá-lo, despertou o espírito corporativista da imprensa mundial. E, se por um lado, calava a imprensa que lhe era hostil dentro da Argentina. Por outro, contribuía para exacerbar a demonização de seu governo na esfera internacional.

A partir daí, as representações que foram feitas de sua política externa terão um cunho “irracional” que estava estritamente ligado às medidas, também “irracionais” antidemocráticas e ditatórias tomadas pelo governo argentino. Nesse sentido, Perón dava um passo atrás nas relações continentais. Poucos dias depois destes acontecimentos aparecia uma manchete acusando-o de comunista, um “insulto” que neste período tinha o mesmo significado de quando anteriormente era acusado de nazista. O anexo 5 mostra claramente a proporção

que se lhe queria dar a um simples rumor sem consistência²⁴⁷:

Para se ter um idéia do tamanho desta manchete, deve-se considerar que a fonte utilizada tinha aproximadamente 10 centímetros de comprimento e que, dos 4.320 jornais pesquisados, em nenhuma oportunidade tínhamos nos deparado com este tamanho de fonte. O conteúdo é vago e mirabolante mas, decidimos transcrevê-lo para se ter uma idéia clara daquilo que chamamos irracionalidade analítica.

“PERÓN ALIADO DO COMUNISMO, CONSPIRA CONTRA AMÉRICA LATINA (Rio de Janeiro, 20 Meridional) – Correio da Manhã publica hoje com grande destaque a seguinte correspondência: (Nova York, especial para o Correio da Manhã) O senhor Tris Coffi, correspondente em Washington do “New York Time Post” publica no citado vespertino um artigo que afirma, “ O governo dos Estados Unidos recebeu informações sobre uma conspiração para derrubar três governos da América Latina por meio de revoluções e guerra antes do próximo verão”. Prosseguiu o senhor Coffi: “A última etapa da conspiração depende de várias condições – guerra entre Brasil e Argentina em junho Se Perón conseguir influir sobre mais um governo latino-americano, os Estados Unidos não terão força para conseguir os votos necessários para aplicar a Ação Americana Conjunta: econômica, política ou militar contra Argentina”. Acrescenta ainda “Existem provas irrefutáveis da colaboração de Perón com os comunistas, a despeito da atitude de nosso embaixador e de chefes militares. Na Argentina, todos os jornais de oposição exceto os comunistas, ingressaram na vida subterrânea. 27 jornais comunistas são publicados sobre o sorriso e consentimento do governo de Perón os comunistas são os únicos que podem realizar comícios públicos”²⁴⁸

Chama-nos a atenção, mais do que a virulência do ataque, a leviandade das informações já que, não informa de onde ou como chegaram ao correspondente norte-americano. Apesar disso foram mancheteadas em capa e contracapa. Não resta dúvidas de que o jornal entrava numa fase “irracional” de ataques ao governo argentino e esta “irracionalidade”, na nossa opinião, criava representações conflitivas no leitor a respeito da política externa argentina, já que meses antes se exaltava, tanto no Correio do Povo quanto no Diário de Notícias, a amizade de Perón e Vargas. O mesmo jornal que afirmava meses antes: **“Perón e Getulio empenhados na aproximação sul-americana”**, pouco

²⁴⁷ Ver anexo 5

²⁴⁸ Diário de Notícias, Porto Alegre, 21 de fevereiro de 1951.

tempo depois assegurava que “A ultima etapa da conspiração depende de várias condições – guerra entre Brasil e Argentina” O próprio Correio desde seu moderado tom afirmava que “existiam suspeitas em círculos bem informados norte-americanos de que Perón planejava a formação de um bloco peronista sul-americano”

Mas o caso La Prensa não seria o único que desprestigiaria o governo argentino. Em março de 1951 o cientista alemão Richter, radicado na Argentina, dava uma conferência informando que o país já realizava experiências atômicas. Interpelado por outros especialistas e pesquisadores argentinos sobre suas pesquisas, mostrou-se amador nas suas explicações e, como mais tarde se comprovaria, a reação nuclear tinha sido um sonho mirabolante de Perón, encontrando em Richert alguém que poderia executá-lo.

Dias antes de começar a VI Reunião de Consulta de Ministros de Relações Exteriores, último compromisso diplomático internacional do primeiro governo Perón, uma notícia “explodia” nos jornais do mundo. E na primeira página do Correio do Povo do domingo 25 de março os cidadãos de Porto Alegre liam assombrados: **“A Argentina fabricou a primeira bomba de hidrogênio do mundo”** Já o Diário de Notícias do mesmo dia era mais provocativo ao perguntar-se **“Para que pode Perón usá-la?”**. O certo é, que tanto o caso La Prensa, quanto a bomba²⁴⁹ contribuíram para eclipsar a participação da Argentina na Conferência de Ministros em Washington, onde se debateu a defesa do continente. A única nota que destaca o assunto vincula a Conferência ao caso La Prensa ou à suposta bomba nuclear uma manchete do dia 25 de março de 1951 do Correio do Povo

²⁴⁹ Que posteriormente terminou sendo um episódio jocoso, já que não houve reação nuclear alguma e se descobriu que o próprio Perón, que tinha declarado ao mundo que “la Argentina pose armamentos nucleares” havia sido enganado por um cientista amador sem passado acadêmico.

“Repercussão entre os chanceleres americanos reunidos em conferência, em Washington Washington, 24 (UNITED) – Os delegados da reunião de consulta dos chanceleres em Washington dos países americanos assumiram atitude reservada frente ao anúncio do presidente Perón de que os homens de ciência da Argentina haviam conseguido produzir uma explosão atômica. O anúncio foi feito em Buenos Aires, em vésperas da inauguração dessa conferência. Vários chanceleres ouviram com interesses as notícias sobre o anúncio de Perón, mas declinaram falar a respeito. Alguns homens de delegação latino-americanos mostraram-se em troca francamente céticos.”²⁵⁰

Como afirmamos anteriormente, o debate estritamente diplomático deu lugar a manifestações como a que acabamos de transcrever. Por outro lado, o chanceler argentino tentaria convencer a imprensa internacional que o “caso La Prensa” era uma questão interna argentina e que não se debateria na Conferência. O Correio do Povo do dia 25 de março de 1951 dava mostra dos malabarismos que o sr. Hipólito Paz teria que fazer para desvincular-se do debate sobre a liberdade de imprensa e o respeito à propriedade privada.

“NOVA YORK, 24 (A. P.) – Todos os jornais publicaram em destaque e comentaram as declarações feitas pelo ministro das Relações Exteriores da Argentina, Sr. Hipolito Paz, afirmando entre outras coisas, que a questão de ‘La Prensa’ era de caráter interno, não permitindo o governo de Buenos Aires, em nenhuma hipótese, que o assunto fosse ventilado na conferência dos chanceleres pan-americanos. ‘E o governo argentino não tolerará a interferência estrangeira no caso de ‘La Prensa’. Isso foi substancialmente, o que o chanceler argentino, Sr Hipólito Jesus Paz, disse aos jornalistas em Washington, quando os jornalistas o forçaram a abordar o assunto.”²⁵¹

Já não interessava aos jornalistas as propostas técnicas da diplomacia argentina, como em conferências anteriores, mas sim as explicações da expropriação do jornal La Prensa e das esfarrapadas declarações da bomba atômica. O Diário de Notícias publicava uma manchete do New York Times que

²⁵⁰ Correio do Povo, Porto Alegre, 25 de março de 1951.

²⁵¹ Correio do Povo, Porto Alegre, 25 de março de 1951.

sintetizava o sentimento da imprensa nesses dias. Reaparece depois de alguns anos a palavra “fascista” e advogava, aludindo à entrevista do chanceler Hipólito Paz, “o direito de expressar seu interesse”:

“O presidente Perón, aliás, pode continuar em suas atuais atividades enquanto o povo argentino o tolerar. Deve ser lembrado, apesar de tudo, que temos o interesse de manter a paz neste Hemisfério e o desenvolvimento da democracia. A existência de um governo fascista na Argentina impõe limites a extensão da cooperação cultural e econômica entre as nações do hemisfério. Nesse sentido, a situação interna da Argentina atinge diretamente os interesses dos Estados Unidos, sendo legítimo, tanto ao governo norte-americano, como aos demais governos americanos o direito de expressar esse interesse.”²⁵²

Em poucos meses se deterioraram sensivelmente as relações entre Estados Unidos e Argentina. Embora a política externa do General Perón a partir da nova composição de seu corpo diplomático estava orientada para a aproximação com os Estados Unidos, sua política interna intensificava os ataques ao “imperialismo capitalista” e aos “interesses obscuros de forças exógenas” que estavam “mancomunados com a oposição” que estimulava “ingerências externas”. Como vimos, Perón tinha vencido uma eleição acirrada graças à intervenção de Bradem e, agora que a economia Argentina estava passando por uma situação difícil e que a oposição preparava-se para as eleições, ressuscitar a velha dicotomia parecia providencial. A partir da Constituição de 1949, o governo tinha exacerbado os meios destinados a calar a oposição que depois de alguns anos de governo começava a se organizar. Por outro lado os cidadãos argentinos tinham uma “representação” dos Estados Unidos que tinha sido conscientemente construída desde os tempos de Braden. Essa demonização do país do norte estava fortemente arraigada no “*imaginário*” popular, que durante os primeiros anos de governo havia sido utilizada por

²⁵² Correio do Povo, Porto Alegre, 25 de março de 1951.

Perón para aglutinar os trabalhadores em torno de uma causa e um inimigo comum. Mas agora que as necessidades econômicas o abrigavam a se aproximar dos Estados Unidos esta demonização tornava-se um obstáculo. Prova disto são as manifestações nacionalistas que aconteceram por motivos da retificação das atas de Chapultepec em 1950. O discurso anti-ianque tinha contaminado a própria oposição que utilizou a tribuna do Congresso para se opor ao que denominou “Atas Yankies”.

O Departamento de Estado e a imprensa norte-americana não toleravam o discurso que condenava veementemente “o imperialismo capitalista americano” e o novo Chanceler Hipólito Paz teve que sair correndo por mais de uma vez para explicar que estas manifestações eram “para consumo interno” e que a Argentina estava comprometida com a “verdadeira cooperação”. Era difícil para os funcionários daquele país compreender as ambigüidades de uma política externa pendular. Qualquer um que escutasse as arengas de Evita contra “*el imperialismo yankee*” e “*los herederos del chancho Braden*” não acreditaria numa “verdadeira aproximação” com os Estados Unidos .

Perón, tinha consciência que precisava canalizar e aglutinar os interesses comum de América do Sul²⁵³ e isto passaria necessariamente pela aproximação com o Brasil. O Governo Dutra não chegara a hostilizá-lo, mas não cedeu nem sequer um milímetro no sentido de um compromisso formal. Por outro lado o Ministro da Relações Exteriores Raul Fernandes que substituiria a João Neves da Fontoura, obstaculizou toda iniciativa argentina de aproximação, e principalmente, não retificou nenhum dos acordos assinados na Ponte

²⁵³ Inferimos isto de seus discursos, das tentativas infrutíferas de aproximação com Dutra, em 1947, com Vargas em 1951 e 53 e com inúmeros presidentes de países latino-americanos. Referindo-se a esta temática chegou a afirmar num discurso no Colégio Militar Argentino “(...) el año 2000 nos encontrará juntos o dominados”. Discurso Del General Perón a los oficiales Del Exército Argentino IN PEÑA, Milciades. **El Peronismo**: selección de documentos para la historia. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1973

Internacional de Uruguaiana sobre comércio e geração de energia elétrica que seriam proveitosos para ambos países. Perón ficou na expectativa que as eleições que aconteceriam no Brasil em 1950 modificassem o panorama. Segundo Moniz Bandeira, o que Perón esperava era que

“(…) O Brasil modificasse a orientação de sua política exterior, com o retorno de Getúlio Vargas à Presidência da República, através das eleições, que ainda em 1950 se realizariam. Os dois compartilhavam da mesma doutrina, segundo a qual o combate ao comunismo exigia, antes de mais nada, a erradicação de suas causas da pobreza e da miséria, geradas pelo capitalismo, em regimes de democracias liberais”²⁵⁴

O autor citado afirma que ambos mantiveram contato, informação que coincide com trabalhos de historiadores argentinos e afirmações do próprio Perón²⁵⁵. Este deu todo apoio à candidatura de Vargas, através dos meios de comunicação controlados pelo governo na Argentina: *La Critica* e *La Epoca* e inclusive, segundo informes da Embaixada Inglesa em Buenos Aires para o Foering Office²⁵⁶ forneceu vultuosas somas de dinheiro para cobrir gastos de campanha. Esta ingerência “à distância” na política nacional brasileira lhe custaria cara a Perón já que a oposição e a imprensa conservadora não lhe perdoariam esta afronta que ia ao encontro das antigas acusações de expansionismo argentino que estavam engavetadas desde 1946 mas que estavam prontas para sair a luz a qualquer momento. O certo é que a partir de 1950 se produz uma reedição da aversão ao peronismo. A imprensa gaúcha apresentava

²⁵⁴ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Estado Nacional e Política Internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina Brasil (1930 – 1992)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

²⁵⁵ Ver discurso do General Perón em 1953 na Escuela Nacional de Guerra em Buenos Aires, transcrito na íntegra na obra de FERRÉ, Alberto. **Perón y la alianza argentino-brasileña**. Córdoba: Ediciones del Corredor Austral, 2000.

²⁵⁶ Estes documentos se encontram em: CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentina**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000.

o regime argentino como potencialmente agressivo²⁵⁷ para com o Brasil. Se mencionavam especialmente seu armamentismo, seu expansionismo e imperialismo, sua doutrina e os traços autoritários do presidente Perón.

Os principais jornais brasileiros, O Globo, Correio da Manhã, Jornal, Diário de Notícias, Jornal do Brasil, Diário Carioca e os pertencentes ao grupo dos Diários Associados partilhavam a posição mencionada. Só o jornal oficialista, Última Hora e O Mundo mostravam uma postura pró-Argentina. Mas, perante o decreto de nacionalização do jornal La Prensa, todo o jornalismo brasileiro saiu em defesa do jornal argentino²⁵⁸

Considerando estes acontecimentos se explica a modificação substancial das representações que os jornais pesquisados voltaram a qualificar a política externa argentina como agressiva, ressuscitando conceitos e adjetivos que o vinculavam a um pesadelo ainda muito recente na memória do mundo: o nazismo, e que sua simples menção trazia de volta as imagens de um passado ao qual nenhum cidadão queria voltar. A clausura e expropriação do jornal La Prensa em 1950 representou a intensificação dos ataques que tinham começado na Conferência de Bogotá. No entanto se aquilo que se debatia na Colômbia em 1948 era a postura diplomática argentina, em 1951 isto já era impossível porque nossas fontes olhavam para “dentro” da Argentina, e era a partir do que acontecia “lá dentro” que julgariam qualquer tipo de manifestação diplomática, mesmo que esta fosse em benefício do Continente Americano como o foram as propostas do chanceler Bramuglia em Bogotá e do chefe da delegação argentina Molinari em Havana. Neste sentido, todos os questionamentos que a imprensa

²⁵⁷ SAAVEDRA, Marisol. Peronismo y antiperonismo en Chile y Brasil. In: **Todo es Historia**. abril de 1998. nº 369, p. 27-28.

²⁵⁸ HIRST, Mónica. Vargas y Perón. Las relaciones argentino-brasileñas. In: **Todo es Historia**. diciembre de 1985, nº 224, p. 10-12.

fazia na Conferência de Washington ao Chanceler Hipólito Jesus Paz eram relacionados com assuntos internos: a liberdade de imprensa, as reações termonucleares e a expropriação do jornal La Prensa. Assim, as representações que a imprensa gaúcha fazia da política externa peronista no último período de governo estavam “contaminadas” pelos acontecimentos internos. Estes evidenciavam a contradição do governo argentino, já que as propostas em nível internacional destoavam diametralmente da política repressiva que se executava internamente.

CONCLUSÃO

O presente estudo focalizou as repercussões da política externa do primeiro governo de Juan Domingo Perón (1946-1952) na imprensa do Rio Grande do Sul. Podemos afirmar, inicialmente, que as notícias divulgadas pelos jornais do período expressam percepções inconstantes e heterogêneas sobre a política exterior argentina naquele período histórico específico.

Estas repercussões eram o eco do posicionamento político da Argentina nas questões externas, eram também, o reflexo da trajetória histórica do país em matéria internacional e da conjuntura econômica específica do período. Isto nos levou a reconstruir, no primeiro capítulo, o histórico das relações Brasil-Argentina, e Argentina-Estados Unidos. Evidenciou-se nele a tendência argentina de pretender liderar as questões continentais o que ia de encontro às pretensões hegemônicas dos Estados Unidos. Detalhando melhor este capítulo, observamos que no âmbito sulamericano a Argentina também se defrontava com o problema da hegemonia, já que o Brasil, geográfica e demograficamente poderoso, não admitia ser relegado ao segundo lugar nos critérios de importância regional. Por outro lado, as disputas de fronteiras tinham deixado marcas indelévels em ambos países. Desta forma, Brasil e Argentina chegariam ao ano de 1946 com a coincidência de dois generais no governo: Eurico Gaspar Dutra e Juan Domingo Perón, no entanto, em total discordância nas suas políticas externas. Apesar de não termos detectado agressividade nem animosidade entre os dois mandatários no período, as fontes evidenciarão que o alinhamento do Brasil e o posicionamento conflitivo e desafiante argentino para com os Estados Unidos, repercutiria de forma peculiar na imprensa gaúcha.

Porém, os fatores históricos não são determinantes, nem explicam por si só os rumos que a Argentina seguiu na sua política externa. Desta forma o segundo capítulo forneceu-nos um panorama econômico e nos fez refletir sobre

a incidência das questões econômicas nas práticas da política externa argentina. Neste capítulo, destacamos a importância da Segunda Guerra Mundial como geradora de condições econômicas específicas que permitiram à Argentina, dada sua economia agro-pastoril, um acúmulo de divisas que foi responsável por acentuar as mutações sociais que já vinham acontecendo desde antes da guerra. Estas transformações passavam pelo crescimento do operariado fabril urbano que comporia o setor que levaria o coronel Perón ao poder. Por outro lado, o conflito mundial exigia um posicionamento manifesto, seja este aliado ou neutral.

A Argentina, que priorizava suas exportações para o velho continente, percebera que o estado de beligerância impediria que seus navios transitassem livremente pelo Atlântico, carregando os produtos do pampa. Neste sentido, a neutralidade deixa de ser um simples capricho nacionalista argentino e passa a ser uma necessidade estratégica do comércio exterior do país.

Nosso segundo capítulo, evidencia que a neutralidade a qual tem na sua gênese fatores econômicas, vai determinar o boicote norte-americano que também se daria no plano econômico-diplomático, com a cassação de licenças de exportação, o bloqueio dos recursos do Banco de La Nacion e do Banco Província, o corte de exportações de combustíveis e bens de capital e principalmente a exclusão da Argentina do programa de Empréstimos e Arrendo *lend a leasing* o que a deixava em condições desiguais se comparado com o Brasil. Este pano de fundo nos permitiu analisar as repercussões da política externa Argentina com maior clareza já que ao conhecer alguns dos fatores intervenientes no direcionamento da política exterior argentina, pudemos questionar nossas fontes.

Nosso terceiro e último capítulo analisou a repercussão na imprensa gaúcha desta política, e teve como questionamento fundamental a percepção desta política externa nos jornais sul-rio-grandenses. Analisando o sexênio do primeiro governo Perón, veremos como através do corpus documental,

conseguimos identificar três momentos²⁵⁹ nitidamente diferentes nas percepções que a imprensa gaúcha fazia da política externa argentina. Podemos delimitar cronologicamente estes três tipos diferenciados de percepção. O primeiro, que denominamos de inercial, e que vai, desde maio de 1946, um mês antes de Perón assumir o governo constitucional até fevereiro de 1947. O segundo momento, que denominamos de “percepção jornalística positiva” e que cronologicamente se configura desde abril de 1947 com o anúncio do encontro do Presidente Juan Domingo Perón e Eurico Gaspar Dutra em Uruguaiana, até abril de 1948 quando iniciam os trabalhos da Conferência de Bogotá na Colômbia. Por último, um período de instabilidade e uma volta à percepção negativa e condenatória, no qual destacamos os problemas internos na República Argentina que repercutiram numa política exterior calcada no que denominamos de “vicissitudes”.

Por outro lado, as repercussões que se faziam respondiam à interpretação do posicionamento do governo argentino no campo internacional, principalmente perante os Estados Unidos e o Brasil. Algumas representações, no entanto, estavam “defasadas” já que adotavam como referência específica o governo anterior e que, na maioria das vezes não correspondia com as novas diretrizes do governo Perón. A esta “defasagem” analítica somava-se a “contaminação” que experimentavam os jornais gaúchos ao entrar em contato com informações oriundas das agências de notícias.

Nossas fontes revelam que num primeiro momento o governo do general Juan Domingo Perón carregou, “por inércia”, o passivo do governo anterior e este passava pela intransigente neutralidade e por um posicionamento

²⁵⁹ O comportamento da imprensa com respeito à política externa argentina e suas modificações não se encaixam num esquema cronológico e linear. No entanto, analisando as fontes conseguimos identificar “tendências” nas representações que os jornais gaúchos faziam da política externa argentina e essas tendências correspondem a um determinado período que, por motivos operacionais identificamos aqui com início e fim.

claramente anti-norte-americanista. O fato de Perón ter sido vice-presidente, ministro de guerra e secretário de trabalho no governo militar que precedeu o seu (1943-1946), explica as críticas e desconfianças que a imprensa gaúcha descarregou sobre os primeiros meses do governo. Este receio incrementou-se pela retomada das relações diplomáticas com a União Soviética, numa atitude claramente desafiadora ao poder hegemônico no continente e que neste período eram inquestionavelmente os Estados Unidos. Devemos ainda considerar que as principais agências de notícias norte-americanas, que tinham sede em Buenos Aires, não eram alheias ao discurso nacionalista anti-capitalista e anti-norte-americano, que tinha sido potencializado pela interferência, na política interna argentina, do embaixador Spruille Braden.

Esse clima pré-eleitoral, somado à herança de três anos do governo militar nacionalista, politicamente autoritário e defensor incondicional da neutralidade, esclarece o porquê ficou de fora da análise jornalística a postura conciliatória do Presidente Perón, seja com os Estados Unidos, seja com o Brasil, para com o qual teve palavras honrosas e fraternas na suas primeiras manifestações como presidente.

Desde o início de seu mandato, Perón tentou uma aproximação com diversos governos latino-americanos. Desde o discurso de posse acenou para uma reconciliação com o continente, tentando melhorar a imagem do país que no período estava desgastada dada a pressão norte-americana e a intransigência do governo militar. Esta tentativa passou despercebida nos jornais gaúchos e inexitem as referências, ou se elas existem passaram despercebidas, dado o pouco destaque com que foram veiculadas. Elas foram encobertas por uma avaliação simplista, porém lógica, que partia do pressuposto de que o novo governo era uma continuidade do governo anterior e o “Perón constitucional” era um preposto do “Perón ditatorial”.

A expectativa que tínhamos antes de analisar as fontes, que era a de encontrar nos jornais uma constante agressividade contra o novo governo e uma

avaliação negativa, dada a linha conservadora do jornal Correio do Povo, sensacionalista do Diário de Notícias e a origem norte-americana das Agências de Notícias, não se confirmara, já que a partir de 1947, nos deparamos com o que denominamos de “avaliação positiva” e que estava impregnada de um discurso laudatório e apologético para com o governo justicialista. Identificamos esta tendência a partir das referências de Perón à *Tercera Posición*: uma proposta inovadora e original, no discurso, mas incoerente e inócua na prática, fruto da super-valorização da importância do país no âmbito internacional e dos recursos que o país efetivamente dispunha.

Porém, a difusão internacional dos princípios da *Tercera Posicion* não repercutiu tanto quanto a notícia da visita do mandatário argentino e sua esposa ao Brasil, por ocasião da inauguração da Ponte Internacional Uruguaiana - Paso de Los Libres. Esta visita foi avaliada positivamente pelos jornais gaúchos. Para nós representa um ponto de inflexão na avaliação que os jornais faziam da política externa argentina, se consideramos que a presença física de Perón e de sua esposa, assim como do ministro das relações exteriores Juan Atílio Bramuglia e do Presidente do Banco Central Miguel Miranda na comitiva, evidenciavam para os jornalistas, a importância que o Brasil tinha para o governo peronista. As manchetes de primeira página, a proliferação de informações e as inúmeras fotografias do evento são mostras claras desta afirmação.

Por outro lado, a Conferência Interamericana para Manutenção da Paz e Segurança Continental no Rio de Janeiro, celebrada meses depois, daria “continuidade” a esta tendência de avaliação positiva. Era um extensão do “palco” de Uruguaiana onde voltaria a brilhar a Primeira Dama argentina. Sua presença seria reforçada por um aparato propagandístico montado pela embaixada argentina. A cobertura que a imprensa gaúcha e brasileira fizeram da delegação argentina e de suas propostas eclipsaram amplamente as notícias a respeito da própria delegação norte-americana encabeçada por George Marshall.

Somava-se a este quadro “positivo” o posicionamento moderado e conciliador que a delegação diplomática argentina tinha tido, se comparado com eventos anteriores nos quais batia frontalmente com os Estados Unidos e seus aliados.

Isto, pode explicar, como de “fantasma argentino”, “ditador argentino”, “grande ditador”, “estigma das Américas”, “Hitler sul-americano”, Perón passa a ser quase que abruptamente: “o grande líder sul-americano” do “irmão país”, “o estadista argentino” que viajava em companhia da “sua loira e elegante esposa”.

Este interregno deve ser considerado à luz das modificações que se produziram na própria Argentina, na sua relação, um pouco mais distendida, com os Estados Unidos e por último, pela percepção que os jornais faziam a partir das visitas do mandatário argentino e sua esposa.

Constatamos, porém, que esta percepção positiva não duraria muito tempo e as representações negativas voltariam com a mesma força daquelas de 1946. A partir da crise econômica e da proclamação da nova Constituição, os rumos internos do país se modificam. As contradições na política externa-interna se acentuaram. A máquina repressora do peronismo tinha a impunidade outorgada pela nova Constituição e uma ampla legislação de segurança nacional e de delitos por traição à pátria, o que abria brechas para poder reprimir jornais, agências de notícias e universidades, descontentes com o regime. Por outro lado, o déficit econômico, fruto da exclusão do Plano Marshall, do inchaço estatal, e da redistribuição mal planejada exauriram rapidamente as divisas acumuladas anteriormente e fizeram com que o governo procurasse alternativas no comércio latino-americano.

As graves acusações de repressão aos direitos civis e a truculência por parte de alguns setores da administração peronista repercutiram negativamente na imprensa internacional e, principalmente latino-americana, o que dificultou a aproximação com os países vizinhos. O “caso La Prensa” e outras arbitrariedades contra a imprensa argentina despertariam a indignação dos

jornalistas sul-rio-grandenses. Para os jornais gaúchos isto era a evidência que faltava para justificar seus ataques e ressuscitar, quase seis anos depois, o fantasma do nazismo na Argentina.

Desta forma, os antigos preconceitos voltariam, inclusive potencializados pela conjuntura econômica argentina desfavorável que era vista como mais um sinal do fim dos tempos peronistas. Assim as representações da política externa argentina ficaram “contaminadas” com as repercussões de uma política interna repressiva e autoritária. O ministro argentino Hipólito Paz deveria explicar-se na Conferência de Washington sobre “La Prensa” e a censura jornalística, em vez de ocupar-se como outrora das propostas que a delegação argentina apresentava na Conferência. As agências de notícias norte-americanas atacavam nominalmente “o ditador” Perón.

O jornalista sagaz Assis Chateaubriand, clamava desde sua coluna no Diário de Notícias que “Perón chegou atrasado. O último expresso de Berlim partiu e ele esqueceu de tomá-lo”. O diretor dos Diários Associados decretava assim a volta às representações que o vinculava com a ideologia nazista, com a prepotência ditatorial, com a repressão e a censura, ofuscando desta forma, qualquer análise sobre sua política externa e das relações com o Brasil, já que a incompatibilidade entre política interna e externa o tornavam vulnerável às avaliações negativas.

Diante dessas considerações concluímos afirmando que a repercussão da política externa argentina na imprensa gaúcha foi o reflexo da trajetória histórica argentina em relação a sua política com o Brasil e com os Estados Unidos, assim como da conjuntura econômica argentina do período e da situação política interna do país. Ao mesmo tempo a interpretação e a análise que o jornal fazia desta política estava condicionada pelo preconceito explícito que tinha raízes profundas localizadas no período anterior ao governo peronista, pela rivalidade histórica argentino-brasileira e pela avaliação totalmente adversa que as agências de notícias norte-americanas faziam do período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fontes primárias

ALTAMIRO, Carlos. *Bajo el signo de las masas (1943-1973)*. Buenos Aires: Ariel, 2001.

BANCO CENTRAL. **Documentos para la historia - Memória Anual**. Duodécimo Ejercicio. Buenos Aires, 1946.

Partido Justicialista de la Provincia de Buenos Aires. **El Estatuto Del Peón**. Buenos Aires, 1975. Archivo Del Partido Justicialista.

PEÑA, Milciades. **El Peronismo**: selección de documentos para la historia. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1973.

PERÓN, Juan Domingo. El sindicalismo gremial sucede al sindicalismo político. In: **El pensamiento del secretario de Trabajo y Previsión en el análisis de los problemas de la clase media**. Buenos Aires: Freeland, 1944.

PERÓN, Juan. **Tercera posición y la unidad latinoamericana**. Buenos Aires: Biblios, 1985.

PIO XI. **Quadragesimo Anno**. Buenos Aires Ediciones Paulinas 1983.

REPORTAJE A LA ARGENTINA (1946-1955). Buenos Aires: Producciones DUPUY. 2 discos.

SUBSECRETARIA DE INFORMACIONES DE LA PRESIDENCIA DE LA NACIÓN. **Argentina en Marcha**. Buenos Aires, 1950.

Jornais

Correio do Povo, Porto Alegre (de 1945 a 1952).

Diário de Notícias, Porto Alegre (de 1945 a 1952).

2. Bibliografia

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **A diplomacia do liberalismo econômico em sessenta anos de política externa brasileira (1930-1990)**. São Paulo: Cultura Editora Associados, Centro de pesquisas internacionais da USP, 1996.

ALTAMIRANO, Carlos. **Bajo el signo de las masas (1943-1973)**. Buenos Aires: Ariel, 2001.

ALTMANN, Werner. *Mexico, Brasil y Argentina em la etapa populista*: 1 El concepto de Estado. 2 Mexico: El Estado y la Unidad Nacional Cardenista. In: ALTMANN, Werner et al. *El Populismo en America Latina*. Mexico: UNAM, 1983.

AMARAL, Luis. **Jornalismo: Matéria de primeira página**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1978.

ARAUJO Manuel; LLORENTE Ignacio (Org.). **El voto peronista**: ensayos de sociología electoral argentina. Buenos Aires: Sudamericana, 1980.

AUYERO, Javier. **La política de los pobres: Las practicas clientelitas del peronismo**. Buenos Aires: Manantial, 2001.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: da tríplice aliança ao Mercosul (1870-2003)**. Rio de Janeiro: Renavan, 2003.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Estado Nacional e Política Internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina Brasil (1930 – 1992)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

BIANCHI, Susana. **Catolicismo y peronismo: religión y política en la argentina 1943-1955**. Tandil: Trama Editora, 2001

BONAUDO, Marta. **Nueva historia Argentina: Liberalismo, estado y orden burgués (1852-1880)**. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

BOURDIE, Pierre. **Las transformaciones recientes de la economía en la sociedad**. Buenos Aires: EUDEBA, 2000.

BRANCATO, Sandra. **As relações Brasil/Argentina em 1908**. SBPH, Anais da X Reunião, Curitiba, 1991.

BRANCATO, Sandra. **As relações Brasil/Argentina no ano de 1937 : rivalidade e conflito**. In : *Revista Estudos Ibero-Americanos*, Vol. XIV, nº 2, Porto Alegre, 1988.

BULMER-THOMAS, Victor. **La historia económica de América Latina desde la independencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

CAFIERO, Antonio. **De la economía social-justicialista al régimen liberal-capitalista**. Buenos Aires: Editorial de la Universidad de Buenos Aires, 1961.

CAFIERO, Antonio. **La política exterior peronista 1946-1955: el mito aislacionista**. Buenos Aires: Corregidor, 1996.

CAMPO, Hugo. **Sindicalismo y Peronismo: los comienzos de un vínculo perdurable**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 1983.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARI (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas (1880-1995)**. Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996.

CATARUZZA, Alejandro. **Nueva historia Argentina: crisis económica, avance del estado e incertidumbre política (1930-1943)**. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

CAVAROZZI, Marcelo. **Sindicatos y política en la Argentina**. Buenos Aires: Centros de Estudios de Estado y Sociedad (CEDES), 1984.

CERVO, Luis Amado; BUENO, Clodoaldo. **Historia da Política Externa Exterior do Brasil**. Brasília: UNB, 2002.

CHARTIER Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, n. 11, v.5, 1991.

CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000.

CISNEROS, Andrés; IÑÍGUEZ, Carlos. **Del ABC al MERCOSUR: la integración latinoamericana en la doctrina y praxis del peronismo**. Buenos Aires: Nuevo hacer, 2002.

CONNELL-SMITH, Gordon. **Los Estados Unidos y la América Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

CORSI, Francisco Luis. **Estado Novo: política externa e projeto nacional**. São Paulo: UNESP, 1999.

CURTIS, L. P. **El taller del historiador**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

DEVOTO, MADERO (Org.). **Historia de la vida privada en la Argentina: La Argentina entre multitudes y soledades, de los años treinta a la actualidad**. Buenos Aires: Taurus, 1999.

DI TELLA, Guido. **Perón Perón 1973-1976**. Buenos Aires: Biblioteca Argentina de historia y política: Hispanoamérica, 1983.

DI TELLA, Torcuato S. **Historia de la Argentina contemporánea**. Buenos Aires: Troquel, 1999.

DI TELLA, Torcuato S. **Historia de los partidos políticos en América Latina, Siglo XX**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1994.

DI TELLA, Torcuato S. **Industria y política**. Buenos Aires: Norma, 1993.

DI TELLA, Torcuato S.; LUCCHINI, Cristina. **Teoría e Historia: una aproximación al estudio de la sociedad y el Estado en América Latina**. Buenos Aires: Biblos, 2001.

DIAZ, Alejandro. **Juicios sobre la economía de Perón: ensayos sobre la historia económica Argentina**. Buenos Aires: Amorrut Editores, 1975.

DONGHI, Tulio Halperin. **Ensayos de historiografía**. Buenos Aires: Editora El cielo por asalto, 1996.

DONGHI, Tulio Halperin. **La larga agonía de la Argentina peronista**. Buenos: Aires Ariel, 1994

DUROSELLE, Jean Batiste. **Política Exterior Norteamericana. De Wilson a Roosevelt (1913-1945)**. México: Fondo de Cultura Económica, 1965.

EISENHOWER, Milton. **Vino amargo: Estados Unidos y América Latina.** Bogotá: Ediciones del Tercer Mundi, 1964.

ESCUDE, Carlos. **El Realismo de los Estados Débiles: La Política Exterior del Primer Gobierno Menem Frente a la Teoría de las Relaciones Internacionales.** Buenos Aires: GEL, 1995.

ESCUDE, Carlos. **Gran Bretaña Estados Unidos y la declinación Argentina (1942-1949).** Buenos Aires: Editorial Belgreano, 1998.

ESCUDE, Carlos. La Traición a los Derechos Humanos. In: **CARI** (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas (1880-1995).** Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996.

ETCHEPAREBORDA, Roberto. **Zeballos y la política exterior Argentina.** Buenos Aires: Editora Pleamar, 1982.

FERGUSON, Niall (Org.). **Historia Virtual: Qué hubiera pasado si (...)?** Buenos Aires: Taurus, 1997.

FERNÁNDEZ, Arturo. **Crisis y decadencia del sindicalismo argentino: sus causas sociales y políticas.** Buenos Aires: Editores de América Latina, 1998.

FERRARI, Gustavo. **Esquema de la política exterior argentina.** Buenos Aires: EUDEBA, 1981.

FERRÉ, Alberto. **Perón y la alianza argentino-brasileña.** Córdoba: Ediciones del Corredor Austral, 2000.

FERRER, Aldo. **La Economía Argentina.** México: Editora Fondo de Cultura, 1963.

FERRO, Marc. **La Gran Guerra: 1914-1918.** Madrid: Alianza, 1970.

FRAGA, Rosendo. **Argentina – Brasil: Centenário de duas visitas.** Buenos Aires: Ed. Centro de Estudos Union para la Nueva Mayoría, 1998.

FRAGA, Rosendo. **El General Justo.** Buenos Aires: Editora EMECÈ, 1993.

Frank D. McCann, **The Brazilian-American Alliance 1937-1945.** Princeton: Princeton Univ. Press, 1974

GALVANI, Walter. **Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GERASSI, Marysa. **Los nacionalistas**. Buenos Aires: Editorial Jorge Alvarez, 1969.

GERASSI, Navarro. **Los Nacionalistas**. Buenos Aires: Plus Ultra, 1985.

GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. **El ciclo de la ilusión y el desencanto: un siglo de políticas económicas argentinas**. Buenos Aires: Ariel sociedad económica, 1999.

GERMANI, Gino. El surgimiento del peronismo el rol de los obreros y de los migrantes internos. In: DI TELLA; LUCCHINI (comp.). **Teoría e Historia: Una aproximación al estudio de la sociedad y el Estado en América Latina** Buenos Aires: Editora Biblos, 2000.

GOLDMAN, Noemi. **Nueva Historia Argentina: Revolución, república, confederación (1806-1852)**. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

GRABENDORFF, Wolff; ROETT. **América Latina, Europa Occidental y Estados Unidos- Un nuevo Triangulo Atlántico** Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1984.

ESCUDE, Carlos **Gran Bretaña Estados Unidos e a declinación argentina 1942-1949**. Buenos Aires: Editorial Belagrano, 1998

HEDÍ, Paul; LINKLATER, Magnus e GILLMAN Peter. **Una cara de la moneda**. Buenos Aires, Biblioteca Argentina de historia y política: Hispanoamérica, 1983.

HOBSBAWM, Eric. O presente como história. In: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HORA, Roy. TRIMBOLI, Javier. **Los historiadores hablan de historia y política: Pensar Argentina**. Buenos Aires: Ediciones El cielo por asalto, 1994.

HOROWICZ, Alejandro. **Los cuatro peronismos**. Buenos Aires, Biblioteca Argentina de historia y política: Hispanoamérica. 1988.

IBAÑEZ, Jose. **El Tratado Roca-Runciman**. Buenos Aires: La Bastilla, 1972.

JAMES, Daniel. **Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina 1946-1976**. Buenos Aires: Sudamericana, 1990.

JAURETCHE. **El medio pelo en la sociedad Argentina**: apuntes para una sociología nacional. Buenos Aires: Corregidor, 2001.

JORGE, Eduardo. **Industria y concentración económica** Buenos Aires: Hispanoamérica, 1986.

KEYNES, John Maynard. **Las consecuencias económicas de la paz**. Barcelona, Crítica, 1987.

KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. New York: Simon and Schuster, 1994.

LA ROSA, Pascual. **La Conferencia de Bogotá**. Buenos Aires: Editorial Yapeyu, 1959.

LANÚS, Juan Archibaldo. **Aquel Apogeo**: política internacional argentina (1910-1939). Buenos Aires: Emece, 2001.

LANÚS, Juan Archibaldo. **De Chapultepec al Beagle**: Política Exterior Argentina (1945-1980). Buenos Aires: EMECÉ Editores, 1984.

LINS, Álvaro. **Rio Branco**. Brasiliana: São Paulo, 1965.

LITTLE, Walter. **La organización obrera y el Estado peronista 1943-1955**; Buenos Aires: Sulamericana, 1989

LLACH, Lucas; GERCHUNOFF, Pablo. **El ciclo de la ilusión y el desencanto**: un siglo de políticas económicas argentinas. Buenos Aires: Ariel, 2001.

LOBATO, Mirta. **Nueva Historia Argentina**: El progreso, la modernización y sus límites (1880-1916). Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

LUCCHINI, Cristina. El proceso de industrialización por sustitución de importaciones en la Argentina. In: DI TELLA, Torcuato; LUCCHINI, Cristina (comp.). **Teoría e Historia**: Una aproximación al estudio de la sociedad y el Estado en América Latina. Buenos Aires: Editora Biblos, 2000.

LUNA, Felix. **El 45**. Buenos Aires: Hispanoamérica, 1984.

LUNA, Felix. **La Argentina próspera**. Buenos Aires: Taurus, 2002.

LUNA, Felix. **Perón y su tiempo: el régimen exhausto (1953-1955)**. Buenos Aires: Sudamericana, 1984.

LUNA, Felix. **Peron y su Tiempo: la Argentina era una fiesta (1946-1949)**. Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1984.

LUNA, Felix. **Perón y su tiempo: la comunidad organizada (1950-1952)**. Buenos Aires: Sudamericana, 1984.

MACKINNON, Maria; PETRONE, Mario. **Populismo y neopopulismo en la América Latina: el problema de la cenecienta**. Buenos Aires: EUDEBA, 1999.

MACKINNON, Moira. **Los años formativos del partido peronista (1946-1950)**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores de la Argentina, 2002.

McCANN, Frank D. **The Brazilian-American Alliance (1937-1945)**. Princeton: Princeton Univ. Press, 1974.

MERLE, Marcel. **Sociologia das Relaciones Internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

MOMMSEN, Wolfgang J. **La época del imperialismo (Europa 1885-1918)**. Madrid: Siglo XXI 1973.

MORAIS, Fernando. **Chato o Rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORENO RUIZ, Izidoro. **La neutralidad argentina en la Segunda Guerra Mundial**. Buenos Aires: EMECE, 1997.

MOURA, Gerson. **Autonomia na dependência: a política externa brasileira (1935-1942)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MOURA, Gerson. **Sucessos e Ilusões; relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1991.

MUÑOZ SANCHIS, Jose. **La Argentina y la Segunda Guerra Mundial**. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1992.

NATHAN, James A.; OLIVER, James K. **Efectos de la política exterior norteamericana en el orden mundial**. Buenos Aires: GEL, 1991.

O'DONNELL, Guillermo et al. (comp.). **Transiciones desde un gobierno autoritario**. Buenos Aires: Paidós, 1988.

OLIVEIRA, Fatima & WERBA, Graziela. **Psicologia Social Contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1999.

PAGE, Joseph. **Perón: Uma Biografia**. Buenos Aires: Editorial Grijalbo, 1999.

PARADISO, José. **Debates y Trayectorias de la política exterior argentina**. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1993.

PARADISO, Jose. Vicisitudes de una política exterior independiente. In: TORRES, Juan Carlos. **Nueva Historia Argentina: los años peronistas (1943 – 1955)**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2002.

PEDONE, Luis (comp.). **Sistemas eleitorais e processos políticos comparados: a promessa da democracia na América Latina e no Caribe**. Universidade de Brasília: Brasília, 1993.

PEICOVICH, Esteban. **Hola Perón**. Buenos Aires: Editora Jorge Alvarez, 1965.

PERALTA RAMOS, Monica. **Acumulación Del capital y crisis política en Argentina: 1930-1974**. México: Siglo Veintiuno Editores, 1978.

POTASH, Robert. **El ejercito y la política en la Argentina (1945-1962): de Perón a Frondizi**. Buenos Aires: Sudamericana, 1994.

PRADO Jr, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PUIG, Juan Carlos. **Doctrinas Internacionales y Autonomía latinoamericana**. Caracas: Instituto de Altos Estudios de América Latina, 1980.

RAPOPORT, Mario. **1940-1945: Gran Bretaña, Estados Unidos y las clases dirigentes argentinas**. Buenos Aires: Editora Belgrano, 1980.

RAPOPORT, Mario. **Aliados o neutrales? La Argentina frente a la Segunda Guerra Mundial**. Buenos Aires, EUDEBA, 1988.

RAPOPORT, Mario; SPIEGUEL, Claudio. **Estados Unidos y el Peronismo**. Buenos Aires: GEL, 1994.

REIN, Raanan. **Peronismo, populismo y política: Argentina (1943-1955)**. Buenos Aires: Universidad de Belgrano, 1998.

ROCK, David. **La Derecha Argentina: nacionalistas, neoliberales, militares y clericales**. Buenos Aires: Editorial Textos Libres, 2001.

ROMERO, Luis. **Breve historia contemporánea de la Argentina (1916-1999)**. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

ROZITCHNER, Leon. **Perón: entre la sangre y el tiempo, lo inconsciente y la política**. Buenos Aires: Catálogos, 2000.

RUDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

RUSSELL, Roberto (comp.). **Política exterior y toma de decisiones en América Latina**. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1990.

SARLO, Beatriz. **La batalla de las ideas: 1943-1973**. Buenos Aires: Ariel 2001.

SARLO, Beatriz. **Tiempo presente: Notas sobre el cambio de cultura**. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 2001.

SATAS, Hugo R. **Una Política Exterior**. Buenos Aires: Hispanoamérica, 1987.

SCARZANELLA, Eugenia. **Ni gringos ni indios: inmigración y racismo en la Argentina (1890-1940)**. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2002.

SCENNA, Miguel Angel, **¿Cómo fueron las relaciones argentino-norteamericanas?**. Buenos Aires: Plus Ultra, 1970.

SEIXAS, Luis Felipe; FRAGA, Rosendo. **Argentina – Brasil: Centenário de duas visitas**. Buenos Aires: Ed. Centro de Estudos Union para la Nueva Mayoria, 1998.

SHERWOOD, Robert E. **Hopkins e Roosevelt: Uma Historia da Segunda Guerra Mundial**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

SIGAL e VERÓN. **Perón o muerte**. Buenos Aires, Biblioteca Argentina de historia y política: Hispanoamérica, 1988.

SOLBERG, Carl. **Petróleo y nacionalismo en la Argentina**. Buenos Aires, Biblioteca Argentina de historia y política: Hispanoamérica, 1980.

STROMBERG, Roland H. **Historia intelectual europea desde 1789**. Madrid: Debate, 1991.

TAYLOR, A.J.P. **The Struggle for Mastery over Europe**. Oxford University Press, 1986.

THORP, Mary. Las Economías Latinoamericanas: 1930-1950. In: BETHEL, Leslie. **Historia de América Latina**. Economía y sociedad desde 1930. Barcelona: Editorial Critica, 2000.

TIEFFENBERG, David. **Exigencias proletarias a la revolución y la legislación obrera en el régimen peronista**. Buenos Aires: Losada, 1947.

TORRE, Juan Carlos. **Nueva historia Argentina: Los años peronistas (1943-1955)**. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

TORRES, Juan Carlos. **Nueva Historia Argentina: los años peronistas (1943 – 1955)**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2002.

TULCHIN, Joseph S. **La Argentina y los Estados Unidos: historia de una desconfianza**. Buenos Aires: Planeta, 1990.

ULLOA, Alexandro (Org.). **Nueva historia de la Nación Argentina: la Argentina del siglo XX**. Buenos Aires: Planeta, 2001.

UNIVERSIDADE Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas. **Referências**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

USINGER, G. **Fundamentos de la política internacional argentina**. Rosario: Imprenta de la Universidad Nacional del Litoral, 1992.

VALDIVIESO, Abecia. **Las relaciones internacionales en la historia de Bolivia**. La Paz: Editora Los Amigos del Libro, 1979.

VEZZETTI, Hugo. **Pasado y presente: guerra dictadura y sociedad en la Argentina**. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores Argentina S.A., 2001.

VINCENT, Gérard. Guerras dichas, guerras silenciosas y el enigma de la identidad. In: ARIÉS, Philippe. DUBY, Georgesby (dirs.), **Historia de la vida privada**, vol. 9, pp. 201-247.

VITELLI, Guillermo. **Cuarenta años inflación en la Argentina: 1945-1985**. Buenos Aires: Biblioteca Argentina de historia y política: Hispanoamérica, 1986.

WALDMANN, Peter. **El peronismo (1943-1955)**. Buenos Aires: Biblioteca Argentina de historia y política: Hispanoamérica. 1974.

WALTER, Richard. La derecha y los peronistas, 1943 – 1955. In: ROCK, David. **La Derecha Argentina: nacionalistas, neoliberais, militares y clericales**. Buenos Aires: Editorial Textos Libres, 2001.

ZORRILLA, Rubem. **El liderazgo sindical argentino: de sus orígenes a 1975**. Buenos Aires: Biblioteca Argentina de historia y política: Hispanoamérica, 1988.

3. Artigos

BRANCATO, Sandra Maria Lobisco. **A Conexão EUA/BRASIL e a “questão Argentina (1942-1944)**. Estudos Ibero-americanos, v. 18. nº 1, 1992

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Imprensa, uma mercadoria política. In: **História & Perspectiva**. Uberlândia, Jan/jun. 1991.

ELMIR, Claudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: **Cadernos do PPG em História da UFRGS**. Porto Alegre, dez. 1995.

ESCUDE, Carlos y FONTANA, Andrés, "Divergencias Estratégicas en el Cono Sur: Las Políticas de Seguridad de la Argentina Frente a las de Brasil y Chile". In: **Documento de Trabajo N° 20**, Universidad Torcuato Di Tella, julio de 1995.

ESCUDE, Carlos, "La traición a los derechos humanos". In: JALABE, S.R. (comp.). **La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas, 1880-1995**, Buenos Aires: GEL. Artigos diversos publicados em América Latina/Internacional de FLACSO/Buenos Aires e como documentos de trabalho dessa instituição. (por Roberto Russell, Mónica Hirst y otros).

ESCUDE, Carlos. Las restricciones internacionales de la economía Argentina (1945-1949). In: **Revista Desarrollo Económico**. Buenos Aires, v. 24, n. 96, janeiro-março 1987.

ESCUDE, Carlos. Réplica a los comentarios sobre *La declinación argentina*. In: **Revista Desarrollo Económico**, Buenos Aires, v. 23, n 92, p. 630-636, janeiro-março 1984

FODOR, J.; O'CONNEL, A. La Argentina y la economía Atlántica en la primera mitad del siglo XX. In: **Revista Desarrollo Económico**, Buenos Aires, n. 13, p.13-65, 1973.

HIRST, Mónica. Vargas y Perón. Las relaciones argentino-brasileñas. In: **Todo es Historia**. Buenos Aires, n. 24, p.10-12, diciembre de 1985.

KOROL, Juan Carlos. EL Desarrollo Argentino y la Historia Comparada. In: **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. E. Ravignani**, Buenos Aires, v.5, p.45-47, 1992.

LLACH, Juan Jose. El Plan Pinedo de 1940 su significado histórico y los orígenes de la economía política del peronismo. In: **Revista Desarrollo Económico**, Buenos Aires, n.92, v.23, p. 515-558, janeiro-março 1984.

PARADISO, José. La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas 1880-1995. In: **CARI** (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996.

PUIG, Juan Carlos. La política exterior argentina y sus tendencias profundas. In: **Revista Argentina de Relaciones Internacionales**. Buenos Aires, n.1,1975.

RAPOPORT, Mario. El factor político en las relaciones internacionales. Política internacional vs. Teoría de la dependencia – un comentario. In: **Revista Desarrollo Económico**. Buenos Aires, v. 23, n. 92, p. 617-629, janeiro e março 1984.

SAAVEDRA, Marisol. Peronismo y antiperonismo en Chile y Brasil. In: **Todo es Historia**. Buenos Aires, nº 369, p. 27-28, 1998.

TULCHIN, Joseph S. Argentina, Gran Bretaña y Estados Unidos: 1930-1943. In: **Revista Argentina de Relaciones Internacionales**. Buenos Aires, n.5, p.62-63, 1976.

ANEXOS